

**DÉBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO**

**Estilo Parental: Uma Análise Qualitativa.**

**UFPR - CURITIBA**

**2003**

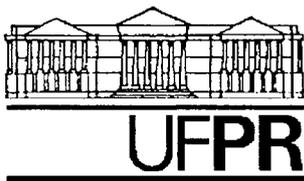
**DÉBORA PATRICIA NEMER PINHEIRO**

**Estilo Parental: Uma Análise Qualitativa.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Infância e Adolescência, Departamento de Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: **Professora Doutora Paula Inez Cunha Gomide.**

**Curitiba  
2003**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

## PARECER

A Comissão Julgadora da Dissertação apresentada pela Mestranda **Débora Patrícia Nemer Pinheiro**, sob o Título " **Estilo Parental: uma análise Qualitativa**", após argüir a candidata e ouvir suas respostas e esclarecimentos, deliberou aprovacef por unanimidade de votos, com nota 100 correspondente ao conceito A.

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Inez Cunha Gomide - UFPR

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Zeidi Araújo Trindade - UFES

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Yara Kuperstein Ingbeman - UFPR

Em face da aprovação, deliberou ainda, a Comissão Julgadora, na forma regimental, opinar pela concessão do título de **Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência** á candidata **Débora Patrícia Nemer Pinheiro**.

Curitiba, 27 de outubro de 2003.

## DEDICATÓRIA

Para minha família, início da minha história. Meu pai Osmar (in memoriam), minha mãe Ana, minhas irmãs Soraya e Elke.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Paula Inez Cunha Gomide, dama da pesquisa psicológica no Paraná e modelo de conduta ética, encaminho minha gratidão por seu brilhantismo intelectual, pela elegância do comportamento, por ter me apresentado ao fascinante mundo da pesquisa e, especialmente por seu respeito e amizade.

Àos professores do curso de mestrado por terem proporcionado estimulantes discussões intelectuais.

À orientadora educacional, Prof<sup>a</sup> Lílian Martinelli que permitiu a realização deste trabalho no Colégio Medianeira de Curitiba.

Aos pais que aceitaram participar desta pesquisa possibilitando a realização desta dissertação.

Aos meus colegas de mestrado, Álvaro, Andressa, Beatriz, Cláudia, Gilberto, Patrícia, Rosemyriam, Simone pelo agradável convívio e especial agradecimento as amigas Eliane M.G.Schwab, Maria Cristina N. Carvalho e Solange Machado, pelo apoio e parceria.

Às acadêmicas de psicologia Gabriela Sabbag e Carolina Guisantes pela prestatividade e senso de coletividade.

Aos inúmeros colegas, amigos e familiares que direta ou indiretamente contribuíram neste percurso.

## SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	vii
LISTA DE TABELAS.....	viii
LISTA DE ANEXOS.....	ix
RESUMO.....	x
ABSTRACT.....	xi
APRESENTAÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – Concepções históricas sobre a família.....	04
A Maternidade.....	10
A Paternidade.....	15
A Progenie.....	19
CAPÍTULO II – O estilo parental e as práticas educativas.....	22
O estilo parental.....	24
Práticas educativas parentais.....	25
Outro fatores que influenciam as práticas educativas.....	39
Transmissão intergeracional.....	52
OBJETIVOS.....	59
MÉTODO.....	60
Participantes e local da coleta de dados.....	60
Instrumentos.....	60
Procedimentos.....	62
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	64
I – Famílias com índices positivos no IEP.....	64
II – Famílias com índices negativos no IEP.....	76

III – Escala beck, inventário de stress e inventário de ansiedade.....	89
IV – Inventário de habilidades sociais.....	92
V – <i>Checklist</i> e notas escolares.....	96
VI – Inventário de estilo parental intergeracional.....	98
VII – Análise comparativa das quatro famílias.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
ANEXOS.....	137

**LISTA DE QUADROS**

Quadro I – Antecedentes e conseqüentes das práticas educativas parentais.....	41
Quadro II – Categorias comportamentais identificadas nas famílias pró-sociais.....	109
Quadro III – Categorias comportamentais identificadas nas famílias anti-sociais.....	110

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Média das práticas parentais do grupo de risco e não risco.....	39
Tabela 2 – Inventário de estilo parental dos filhos 1 e 2.....	65
Tabela 3 – Inventário de estilo parental dos filhos 3 e 4.....	77
Tabela 4 – Inventário beck, stress e ansiedade.....	90
Tabela 5 – Inventário de habilidades sociais.....	92
Tabela 6 – Resultados do <i>checklist</i> .....	96
Tabela 7 – Inventário de estilo parental intergeracional das famílias 1 e 2.....	99
Tabela 8 – Inventário de estilo parental intergeracional das famílias 3 e 4.....	104

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO I- Inventário de Estilo Parental

ANEXO II – Folha de resposta

ANEXO III – Perguntas da entrevista

ANEXO IV – Inventário de Depressão Beck

ANEXO V – Inventário de Ansiedade Traço-Estado

ANEXO VI – Inventário de Sintomas de Stress

ANEXO VII – Inventário de Habilidades Sociais

ANEXO VIII – *Checklist*

Pinheiro, D.P.N. (2003). **Estilo Parental: Uma Análise Qualitativa**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia da Infância e da Adolescência. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná – Curitiba.

## RESUMO

O Estilo Parental é o modo como os pais educam seus filhos. Neste estudo utilizou-se o modelo de Estilo Parental desenvolvido por Gomide (2003) que é composto por sete Práticas Educativas, cinco negativas (monitoria negativa, punição inconsistente, disciplina relaxada, negligência e abuso físico) e duas positivas (monitoria positiva e comportamento moral). Quatro famílias de classe média foram estudadas: duas com Índices Positivos no Inventário de Estilo Parental (IEP) e duas com Índices Negativos no IEP. Cada um dos pais foi entrevistado separadamente com o objetivo de se identificar a frequência e intensidade dos comportamentos pertencentes a cada uma das práticas educativas que compõem o IEP. Para a validação externa do instrumento foram aplicados os Inventários de Habilidades Sociais (Del-Prette), Sintomas de Stress para adultos (Lipp), Escalas para Depressão (Beck) e Ansiedade Traço/Estado (Spielberg) nos casais. Buscando-se identificar a influência intergeracional na transmissão das práticas educativas o IEP foi aplicado nos casais em relação aos seus pais. Para complementar as análises foram obtidas notas escolares dos filhos e um *checklist* de comportamentos pró-sociais e anti-sociais foi respondido por três professores. Os discursos dos pais foram categorizados e analisados. Os dados encontrados indicaram que nas famílias com IEP Positivo houve prevalência das práticas educativas de monitoria positiva e comportamento moral e irrelevantes ocorrências das práticas educativas negativas; já nas famílias com IEP Negativos houve prevalência das Práticas Educativas Negativas e uso inadequado das Práticas Educativas Positivas. Observou-se também que as Famílias com IEP Positivos obtiveram altos índices no teste de Habilidades Sociais e ausência de indicadores para depressão, stress e ansiedade; já nas famílias com IEP Negativo foram encontrados baixos índices no teste de Habilidades Sociais e indicadores de depressão, stress e ansiedade. As notas escolares dos filhos das famílias de IEP Positivo foram acima da média e os das Famílias com IEP Negativo apresentaram baixo desempenho escolar e/ou dificuldades de relacionamento com os pares e figuras de autoridade. Não foram encontrados dados conclusivos quanto à transmissão intergeracional, tanto no que se refere à manutenção das práticas educativas negativas na geração seguinte como quanto à capacidade de rompimento do uso de práticas negativas ou aumento das positivas após terem sido submetidos a manejo negativo independentemente de pertencerem às Famílias com IEP Positivos ou Negativos.

**Palavras-chave:** estilo parental; transmissão intergeracional; estudo qualitativo.

Pinheiro, D.P.N. (2003). **Parental style: a qualitative analysis.** Master Course Dissertation. Graduate Studies Program on Childhood and Adolescence Psychology. Department of Human Sciences, Languages & Arts. Federal University of the State of Paraná – Curitiba

## ABSTRACT

The Parental Style is the way parents educate their children. In this study the Parental Style developed by Gomide (2003) was used. It is composed by seven Educational Practices, five being negative ones (negative monitoring, inconsistent punishment, loose discipline, negligence and physical abuse) and two positive ones (positive monitoring and moral behavior). Four medium-class families were studied: two with Positive Indexes in the Parental Style Inventory (PSI) and two with Negative Indexes in the PSI. Each of the parents were interviewed separately so that it would be possible to identify the frequency and intensity of the behaviors that belonged to each of the educational practices that make up the PSI. To guarantee external validation of the tools used, the Social Abilities Inventories (Del-Prete), the Stress Symptoms for Adults (Lipp), Depression Scales (Beck) and Anxiety (Hint/State) (Spielberg) were applied to the couples. In an effort to look for intergenerational influence in the transmission of the educational practices, the PSI was applied to the couples in relation to their parents. To complement the analysis, school marks from the children were compiled and three teachers were asked to answer a checklist with pro-social and anti-social behaviors of the children. The parents' discourse was categorized and analyzed.

The data collected showed that in the families with Positive PS I there was a predominance of positive monitoring and moral behavior Educational Practices and the occurrences of Negative Educational Practices were irrelevant, whereas in the families with negative PSI, there was a predominance of Negative Educational Practices and inadequate use of Positive Educational Practices. It was also noticed that the families with Positive PSI got very high indexes in the Social Abilities Test and lack of depression indicators, stress and anxiety, whereas in the families with Negative PSI low indexes in the social abilities test and indicators of depression, stress and anxiety were present. The school marks from the children with Positive PSI were above average and the ones from the families with Negative PSI showed low school performance and/or difficulties in establishing relationships with their peers and authorities. Conclusive data in relation to intergenerational transmission were not found neither in relation to the maintenance of negative educational practices in the following generation nor in relation to the ability to break the use of negative practices or to expand the use of positive practices after being submitted to negative input. This applied both to families with Positive and Negative PSI.

**Key words:** parental style; intergenerational transmission; qualitative study.

## ESTILO PARENTAL: UMA ANÁLISE QUALITATIVA

Os pais representam para uma criança a fonte única de apoio e autoridade. Todavia, à medida que o filho cresce, instala-se uma independência necessária para o seu desenvolvimento psicológico e para o progresso da sociedade, pois a sucessão entre as gerações possibilita a continuidade da humanidade.

Contudo, há vários séculos a sociedade assiste e padece das conseqüências de relações familiares conturbadas que propiciam o aparecimento de comportamentos anti-sociais. A literatura mundial descreve o clássico caso de Pierre Rivière, um jovem francês que em 1835 abalou a sociedade por ter degolado a mãe e dois irmãos, com a justificativa de que tentava proteger seu pai das humilhações sofridas pela esposa e filhos (Foucault, 1988).

Esse exemplo pode causar a falsa ilusão de estar distante da realidade atual. Ao contrário, a sociedade brasileira tem se prestado ao espetáculo de representar diversos dramas humanos e familiares. Filhos que matam os pais com a justificativa de que estes interferiam em suas relações amorosas (Revista Veja, edição 1778, 2002). Pais que matam seus filhos, sob a justificativa de que não foi possível suportar as ameaças e violências do filho usuário de drogas (Revista Época, número 258, 2003). Acrescente-se o aumento entre os jovens de atos como furto, roubo, lesão ao patrimônio alheio, desrespeito às figuras de autoridade, bem como as violências físicas e psicológicas intrafamiliares, que tornam necessária a instituição de serviços de controle externo como delegacias, conselhos tutelares, clínicas de recuperação, serviços de atendimento à criança e ao adolescente, a fim de garantir a integridade física e moral dos familiares lesados.

Valida-se a assertiva de ser a família o berço da constituição emocional, social e cultural dos indivíduos, bem como um agente educador, tanto por meio do que os pais fazem e dizem quanto pelo estabelecimento de regras e manifestação dos sentimentos e da intimidade. A psicologia apontou a partir de diversas pesquisas a importância da família como lugar privilegiado dos cuidados, afeto e educação dos filhos. (Maldonado, 1986; Gomide, 2003).

No entanto, o sistema familiar tem sofrido uma série de mudanças. O modelo de família patriarcal caracterizada pela autoridade do pai no ambiente doméstico modificou-se, dando lugar à guarda de crianças pequenas pelos avós enquanto os pais trabalham (cooperação intergeracional); surgimento de famílias recompostas, monoparentais, homoparentais; famílias “clonadas”, filhos nascidos da compra de esperma na internet (Revista Isto é, número 1769, 2003), ou ainda a maternidade adiada pelo celibato prolongado das mulheres por motivo profissional. (Mello, 2002; Santos & Adorno, 2002).

Em acréscimo, diversos estudos da psicologia relacionam o baixo nível sociocultural e escolar, famílias numerosas, ausência de um dos pais, como fatores de risco para o aumento dos atritos familiares, da violência e do uso de drogas. (Antoni & Koller, 2000; Cecconello & Koller, 2000; Yunes, 2001).

Um outro aspecto pertinente às análises dos determinantes do comportamento anti-social refere-se aos estilos parentais, ou seja, a forma como os pais manejam as práticas educativas diante dos conflitos familiares independentemente de possíveis separações conjugais, pobreza econômica ou qualquer uma das novas modalidades de estrutura familiar.

Esta pesquisa, portanto, visa compreender o tema das práticas educativas familiares, mediante um Inventário de Estilo Parental (IEP) de Gomide 2003, que avalia

sete práticas educativas, sendo duas positivas – monitoria positiva e comportamento moral – e cinco negativas, negligência, punição inconsistente, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico. Faz-se necessário identificar na conduta paterna e materna a presença e a frequência em que aparecem as práticas educativas propiciadoras de comportamentos pró-sociais e as práticas que promovem o aumento de condutas anti-sociais nos filhos. Da mesma forma, é importante distinguir as situações antecedentes que aumentam ou diminuem as habilidades educativas dos pais e como estes padrões comportamentais têm sido transmitidos entre as gerações.

Este estudo procurou avaliar as diferenças entre os estilos parentais adotados por famílias de risco e de não risco a partir de entrevistas que buscaram identificar as práticas educativas parentais. Além disso, determinar se o Estilo Parental se mantinha de uma geração para outra. Ainda foram avaliadas as habilidades sociais, o estresse, a depressão e a ansiedade dos pais mediante a aplicação de Inventários específicos que possibilitaram a comparação entre as famílias de risco e de não-risco e também para validação externa do Inventário de Estilo Parental (Gomide, 2003).

Para esse fim, esta dissertação está constituída de dois capítulos teóricos. No primeiro, cujo título é “Concepções teóricas sobre a família”, discute-se o conceito de família como um agente de transmissão da herança social e psicológica, bem como se abordam as mudanças culturais referentes à função da maternidade e paternidade. O segundo capítulo traz os “Estilos Parentais e as Práticas Educativas” como temática e nele se apresenta a definição de Estilo Parental e das sete práticas educativas que o compõem. Neste capítulo também é discutido o tema da transmissão intergeracional familiar. Os capítulos restantes referem-se, respectivamente, aos “Objetivos”, à “Metodologia”, aos “Resultados e Discussão” e às “Considerações Finais” com sugestões de novas problemáticas de pesquisa.

## CAPÍTULO I

### CONCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A FAMÍLIA

A constituição da célula familiar está envolta por diversas variáveis, as características biológicas, a história de vida dos pais, a inserção num determinado contexto social. Da mesma forma, os conceitos de maternidade, paternidade e educação de filhos são definidos por um dado momento histórico e social.

De acordo com Santos e Adorno (2002), a realidade cultural em que a família se insere na atualidade contrapõe-se à família nuclear burguesa do século XVIII, que viveu sob forte disciplina e normatização. As mudanças na estrutura familiar estão retratadas tanto na análise antropológica tradicional como nos estudos sócio-históricos atuais.

Nesse sentido, ao se estabelecer um retrato do mundo atual, revela-se que, para alguns (Santos & Adorno, 2002), a família está passando por um processo de revalorização da sua importância, mas permanece sólida por ser uma instituição que consegue incorporar mudanças históricas, demográficas, bem como novos papéis e opções sexuais. Para outros, a família moderna está em crise com aumento de divórcios ou separações conjugais e dificuldades dos pais na criação dos filhos (Marturano, Linhares & Parreira, 1993; Souza, 2000). Para Roudinesco (2003), a perda da autoridade do pai e a liberação dos costumes encontram-se em crise, mas a família continua reivindicada como o único valor ao qual ninguém quer renunciar. “Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres de todas as orientações sexuais e de todas as condições” (Roudinesco, 2003, p. 198).

Com esse debate contemporâneo, verifica-se a dificuldade em conceituar a família. Normalmente sua definição é feita sob quatro enfoques, antropológico, histórico, sociológico e psicológico. Os autores ora enfatizam a estrutura (Lévi-Strauss,

1986; Casey, 1989), ora as mudanças sociais (Santos & Adorno, 2002; Sâmara, 2002), ora as relações internas com a criança (Ariès, 1981). Outros a definem por suas relações (Cervený, 1994; Antoni & Koller, 2000), como um sistema em transformação constante (Minuchin, 1990; Carter & McGoldrick, 1995), ou, ainda, pela interação entre natureza e cultura (Bussab, 2000) e pelo organismo e ambiente (Bronfenbrenner, 1996).

Para Casey (1989), as estruturas familiares não são instituições fechadas, e o grande problema que se coloca a quem estuda a família é o de se manter ciente de que está lidando com um conceito, uma criação do espírito humano e da sua cultura, e não com uma coisa material. Pretender que a família seja uma relação biológica ou um agregado é correr o risco de empobrecer a investigação.

Lévi-strauss (1986) afirma que, para os etnólogos, a família é baseada na união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada, de dois indivíduos de sexos diferentes que fundam um lar, procriam e educam os seus filhos, aparecendo como um fenômeno praticamente universal, presente em todos os tipos de sociedades. No entanto, para este antropólogo, a criação de uma nova família não deve ser reduzida à sua base natural. “Nem o instinto de procriação, nem o instinto maternal, nem os laços afetivos entre marido e mulher, nem a combinação de todos esses fatores o explicam (...) em todas as sociedades humanas a criação de uma nova família tem como condição absoluta a existência prévia de duas famílias, prontas a fornecer, uma, um homem, outra uma mulher, de cujo casamento nascerá uma terceira família, e assim indefinidamente” (p. 88).

De acordo com essa concepção antropológica, as novas modalidades de família não estão retratadas e, por conseguinte, sequer poderiam ser consideradas como modelo de estrutura familiar.

Pela perspectiva histórica, Ariès (1981) demonstrou que o conceito de família transformou-se à medida que se modificou sua relação interna com a criança, ou seja, é o lugar ocupado pelo filho que define a família. Por exemplo, a família medieval não conservava suas crianças consigo, ao contrário enviavam-na a outras famílias para que aprendessem as maneiras de um cavaleiro ou um oficial. A partir do século XV, as realidades e os sentimentos da família se transformariam. “Na Idade Média, as crianças viviam com uma outra família que não a sua. Dessa época em diante, ao contrário, a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola” (p. 231).

De acordo com Ariès (1981), a falta de afeição da idade medieval cedeu lugar à preocupação de os pais ficarem mais perto dos filhos e de não mais abandoná-los a outra família. “O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola (...) passou-se a basear na afeição toda a realidade familiar” (p. 232-235).

Mantendo a retrospectiva histórica, Sâmara (2002) realizou uma análise comparativa da família brasileira do período colonial até a atualidade e verificou como se deu esse processo de formação familiar. Atribuiu às mudanças econômicas a partir do século XIX como sendo uma das causas de mudanças na sociedade e no estilo de vida. Tudo indica que ao menos na primeira metade do século XIX, os domicílios de pessoas pobres eram, geralmente, chefiados por mulheres. Em todos esses lares era comum a liderança feminina, organizando as tarefas, gerenciando os pequenos negócios e exercendo o controle da família, o que, sem dúvida, fugia à regra do modelo patriarcal. Fato este provocado pela migração masculina para outras áreas em busca de novas terras e oportunidades econômicas.

No entanto, o ingresso da mulher no mercado de trabalho, na segunda metade do século XX, fez mudar novamente as regras. “Atribui-se ao movimento feminista

especial responsabilidade nesse processo de renovação de valores e de crenças. A inserção da mulher no mercado de trabalho, sua emancipação, sua reivindicação por uma redefinição dos papéis sociais e familiares e o crescente número de divórcios vem sendo vistos como aspectos-chave de uma nova posição da mulher na cultura e na sociedade tanto no domínio público quanto no privado” (Assmar, Ferreira, Novaes & Thomaz, 2000, p.5).

Essas transformações na célula familiar estão traduzidas em lei no novo Código Civil (Lei n.º 10406, de 10/01/2002), por ser o direito um conjunto de normas que possibilitam a organização social, o direito acompanha as mudanças de uma sociedade. E neste sentido nunca se mudou tanto a legislação sobre a família.

O Código Civil do início do século XX (Lei n.º 3071 de 01/01/1916) designava o marido como o chefe da sociedade conjugal e este tinha a ajuda da mulher para o interesse comum do casal e dos filhos (art 233, incisos I,II,III,IV e art., 234). A mulher assumia a condição de companheira, consorte e colaboradora do marido (art. 240 e segs).

Com o novo Código Civil de 2002, no artigo 1565, observa-se a grandiosa diferença no texto jurídico ao afirmar que homens e mulheres assumem mutuamente a condição de consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos da família, bem como a direção da sociedade conjugal é exercida pelo homem e pela mulher, sempre no interesse do casal e dos filhos (art. 1567).

Outra mudança foi a extinção do pátrio poder. O poder do pai sobre os filhos passa a ser chamado de “poder familiar” – a ser exercido igualmente pelo pai e pela mãe. Da mesma forma, o homem deixa de ser o “chefe da família”, que é dirigida pelo casal, com iguais poderes para o homem e para a mulher. (Código Civil, artigos 1630 a 1638).

Também como fruto dos direitos iguais surge a guarda compartilhada como novo modelo de responsabilidade parental. “A proposta da guarda compartilhada que se reveste de fundamental importância na virada do século, permite a continuidade da relação da criança com seus dois genitores após a ruptura, responsabilizando a ambos nos cuidados cotidianos relativos à educação e à criação do menor (...) assegurando aos filhos o direito a ter os dois pais, de forma contínua em suas vidas, sem alteração: fica mantida a ligação emocional com seus dois genitores” (Grisard, 2000, p.10).

Cabe aqui salientar que apesar de essas transformações familiares constituírem um fenômeno mundial, observa-se uma tendência à manutenção de valores tradicionais. A Pesquisadora Sonawat (2001) mostra que a despeito da urbanização e industrialização na sociedade indiana contemporânea, a instituição família continua num papel central na vida das pessoas. As famílias na Índia estão passando por muitas mudanças como aumento de divórcios e separações, violência doméstica, conflitos intergeracionais, problemas sociais, uso de drogas e delinquência infantil. Para esta autora, estas mudanças indicam a inabilidade de lidar e adaptar-se a vida moderna. No entanto, mesmo com a modernidade, a estrutura familiar permanece patriarcal e a família, compreendida como unidade básica da sociedade.

Em concordância, pesquisa realizada no Brasil reafirma antigos valores. Assmar, Ferreira, Novaes, Tomaz (2000) realizaram estudo com 393 universitários de ambos os sexos sobre as premissas histórico-socioculturais da família brasileira. Tiveram como hipóteses que os homens seriam mais tradicionalistas do que as mulheres e que as pessoas mais jovens seriam menos tradicionalistas do que as mais velhas. Concluíram que, embora a sociedade brasileira venha sofrendo mudanças, os valores e as crenças sobre a família, introjetados pelos homens e pelos jovens, não acompanharam essas mudanças. Os homens endossaram mais fortemente do que as mulheres valores

tradicionais da família e virgindade feminina. Este estudo observou que as mulheres apresentam maior grau de aceitação e concordância com as mudanças, possivelmente por serem elas as mais prejudicadas pela estrutura familiar tradicional, na qual seus direitos são limitados e tutelados pelos homens. Entretanto, contrariamente ao esperado, as mulheres demonstraram maior grau de tradicionalismo no que se refere à dimensão cultural abnegação feminina, quando comparadas aos homens. Ainda é bastante expressivo o número de mulheres que defende o papel feminino tradicional.

Outra hipótese do estudo realizado por Assmar et al. (2000) considerou que as pessoas mais velhas apoiariam em maior escala que as mais jovens as premissas tradicionais sobre a estrutura e os papéis da família, mas isto não se confirmou. Os jovens, tanto de famílias originais quanto de famílias reconstituídas por novos casamentos dos pais, continuam valorizando, por exemplo, o amor romântico como base para o relacionamento conjugal. Assim, apesar das mudanças estruturais da família, alguns valores e certas crenças parecem ficar imunes, mantendo-se nas novas gerações.

Essas pesquisas indicam que somente as mudanças sociais não são suficientes para compreender e explicar as condutas psicológicas no contexto familiar. Em vista disso, os estudos da etologia podem ajudar a elucidar tais contradições ao propor a interação entre a natureza humana e a cultura. Bussab (2000) discorda da concepção puramente cultural de família sem qualquer fundamentação biológica. Na perspectiva etológica há predisposições naturais para a vinculação familiar. “É possível dizer que esta abordagem contribui de alguma maneira para a compreensão dos diversos aspectos de constituição e desenvolvimento da família. Os aspectos servem para demonstrar a existência de predisposições naturais para vinculação familiar” (p.20-21).

A tarefa de conceituar família mostrou-se complexa, uma vez que as diversas concepções teóricas sobre o tema atravessam noções culturais e sociais, perpassam pelo

afeto como ponto de ligação familiar e atingem estudos recentes acerca da natureza biológica como determinante à existência da família mediante o vínculo estabelecido naturalmente entre os pais e seus filhos. Observou-se que a estrutura social desigual não é determinante sobre as dificuldades relacionais familiares. Assim, as diferenças sociais e culturais não são necessariamente patológicas.

Entretanto, apesar das divergências há uma linha condutora comum entre essas teorias. A conjugalidade se constitui pelo encontro de duas pessoas que decidem por amor, desejo ou outros interesses formar um casal; já uma família funda-se quando nesta dualidade introduz-se um terceiro elemento – o filho – instaurando as funções de maternidade, paternidade e progênie. A seguir serão expostos os três elementos que compõem uma família.

### **A Maternidade**

Tanto a concepção de maternidade quanto a de paternidade dependem do tempo, lugar, do contexto histórico, econômico e científico. A maternidade quase sempre esteve vinculada à idéia de cuidar, criar, alimentar, acalantar, proteger e por isso despertar a gratidão e o amor. A cultura identificou na figura da Virgem Maria o ícone representativo de devoção, generosidade e abdicção materna. (Forna, 1999; Hays, 1998).

Numa perspectiva científica, a teoria do vínculo enunciada pelo etólogo Bolwby (1948/1984) estudou os laços entre mãe e filho e afirmou que o rompimento deste laço produzia danos irreparáveis ao desenvolvimento infantil e ao estabelecimento das relações afetivas posteriores. O autor, utilizando-se da idéia de *imprinting*

(comportamento automático dos filhotes recém-nascidos que seguem a mãe), concluiu que a ligação do bebê com sua mãe é natural e instintiva.

No entanto, com Badinter (1985) a imagem imaculada da mãe e do amor materno como instintivo sofreu um grande abalo e introduziu novos debates acerca do tema. Para esta filósofa, o amor materno enquanto instinto é um mito, ao contrário trata-se de um amor conquistado que nasce da relação mãe-filho e, portanto, é um livre arbítrio, logo o amor materno é fruto de um desejo de ser mãe. Para reforçar sua teoria reporta-se ao século XVIII, período em que amas de leite amamentavam por dinheiro e não por amor. Para ela, esta prática começou com a aristocracia no século XVI e foi adotada pela burguesia no século XVII e, um século depois, por qualquer um que pudesse pagar a alguém para criar os filhos.

Pode-se dizer que essas novas concepções sobre a mulher herdadas pela entrada no mercado de trabalho e pela revolução em torno do instinto materno produziram um novo desafio à mulher, ou seja, o atendimento a dois senhores: a Carreira Profissional e a Maternidade. Desta forma, a mulher tenta atender e cumprir ao chamado da cultura e da natureza. Curiosamente, a mesma época em que a mulher conquistou o mercado de trabalho e a liberdade sexual coincide com o maior período de avanços tecnológicos para assegurar a reprodução como inseminação artificial, fertilização *in vitro*, barriga de aluguel, incentivo à adoção. (Costa, 2002; Correa, 2000).

Bee (1996) afirma que ter um trabalho pode afetar a visão que a mãe tem de si mesma, aumentando sua auto-estima ou moral e, assim, modificando seu modo de relacionar-se com o restante da família. O trabalho externo da mãe obriga a uma mudança na rotina cotidiana e nos padrões de interação, simplesmente porque ela não está em casa o mesmo número de horas. Nas famílias em que pai e mãe trabalham, os pais passam um pouco mais de tempo cuidando das crianças e das tarefas domésticas do

que os pais cujas esposas são donas de casa em tempo integral, embora as mães que trabalham fora ainda fiquem com uma carga muito maior das tarefas domésticas do que os pais. A autora diz que “essa mudança na divisão das tarefas pode ter um efeito sobre a qualidade da interação dos pais com os filhos, e alterar os modelos de papel que cada progenitor oferece à criança” (p.392).

Sendo assim, constata-se que não há um único estilo de mãe no mundo. Para Winnicott (1987/2002), no mundo há lugar para todos os tipos de mães. Porém a mãe permanece insubstituível no desenvolvimento emocional da criança. Para ele, trata-se de uma unidade mãe-bebê, logo deve-se fortalecer a confiança da mãe em si mesma e em sua capacidade de perceber seu bebê no decorrer do complexo processo de desenvolvimento.

Em continuidade, pesquisa sociocultural realizada pela jornalista Forna (1999), que ouviu trinta mulheres de diferentes culturas (África Ocidental, América Latina, Ilhas do Caribe, Filipinas, Ásia e do Extremo Oriente) e condições econômicas, reafirma a convicção em várias maneiras de ser mãe. Diz ela: “a experiência de vir de uma cultura para outra lhes deu uma aguda percepção de um aspecto que os chamados ‘especialistas’ não apreenderam: existe mais de um roteiro para a maternidade”. (p.238).

No entanto, Forna (1999) cita outra pesquisa americana (*Sex Roles: A Journal of Research*) realizada em 1995 com um grupo de universitários, sobre o conteúdo dos estereótipos maternos e sobre sua atitude em relação à maternidade. O resultado mostrou que as mães casadas que ficavam em casa eram vistas de maneira positiva, as madrastas eram tidas em pouca conta, mães divorciadas eram vistas como um fracasso e mães solteiras eram consideradas desviantes e fracassadas. Assim, apesar das diversas mudanças sócio-históricas, constata-se que o ideário social em torno do modelo da mãe ideal permanece vigente.

Essa concepção foi também verificada pela socióloga Hays (1998), que escreveu um livro sobre as contradições culturais da maternidade oriunda de uma pesquisa a respeito da maternidade desde a Idade Média até os manuais contemporâneos de educação infantil. Entrevistou mães de diversas classes sociais. Concluiu que ainda existe uma ideologia de que a educação infantil continua sendo responsabilidade da mãe. Para Hays (1998), a educação de filhos e a maternidade não brotam da natureza, nem acontecem por acaso. Estas imagens estão associadas à cultura e à sociedade em que se encontram. Idéia esta anteriormente afirmada pela antropóloga Mead (1979), ao pesquisar povos primitivos e relatar que o surgimento de laços permanentes de afeto entre a mulher e seu filho depende de padrões culturais. Esses autores analisam a maternidade pela perspectiva sociocultural e alguns deles fazem crítica ao conhecimento psicológico. Para Hays (1998) e Forna (1999), o advento das teorias psicológicas do século XX que se popularizaram sobre a educação dos filhos, produziram a “onipotência materna”, e o amor da mãe passou a ser decisivo.

Badinter (1992), Hays (1998) e Forna (1999) criticaram principalmente a teoria do apego de Bolwby (1948/1998), a qual atribuía à mãe papel essencial no desenvolvimento psicológico do bebê.

Contudo, outros teóricos da psicologia também ressaltaram com estudos e pesquisas a importância da relação entre a mãe e seu filho. Harlow (1959/1977) demonstrou pelos seus experimentos com filhotes de macacos Rhesus que os bebês primatas abdicavam do alimento oferecido pela mãe de arame para procurar o aconchego e conforto da mãe de pano.

Winnicott (1987/2002) acreditava na total dependência da criança para com sua mãe. Achava que as mães têm um senso natural de responsabilidade e isto precisava ser incentivado.

Spitz (1935/1988) desenvolveu diversas pesquisas nas quais pode demonstrar a importância do primeiro ano de vida para a constituição psíquica de um ser humano. “Todas as relações humanas posteriores com qualidade, a relação de amor, a relação do grupo com o líder, e finalmente, todas as relações interpessoais têm sua origem na relação mãe-filho”. (p.221).

Em outra perspectiva, Hrdy (2001), utilizando-se da teoria evolucionista para compreender os comportamentos humanos, argumenta: “Agora que foi derrubada a noção geralmente aceita de que as mães amam instintivamente sua progênie, e agora que pode ser demonstrado em muitas frentes que o socorro materno na espécie humana nada tem de automático nem de universal, como sustentar a existência de uma base biológica para o apego de uma mãe ao seu bebê? A resposta é que tudo depende do que realmente entendemos por base biológica”, diz a autora. (p.46).

Hrdy (2001) diferencia o termo genética da biologia. Para a autora, biológico é um termo que abrange muito mais do que apenas processos genéticos. “É por isso que constitui lamentável equívoco aplicar o rótulo de “mãe biológica” a uma mulher que deu à luz uma criança e a entregou para adoção ou, pior forneceu o óvulo doador. Essa mulher está mais perto de ser a mãe genética. Em contraste, a mãe biológica nutre, alimenta e fornece ambiente no qual o bebê se desenvolve física e psicologicamente” (Hrdy, 2001, p.77).

Bussab (2000) ressalta que a formação do vínculo entre mãe e bebê é facilitada por alterações hormonais decorrentes da gestação e do parto e também pelas estimulações recíprocas perinatais.

O debate é polêmico e as teorias são inúmeras, mas parece consenso que ser mãe é resultante do somatório de diversos fatores, como indicou a pesquisa de Lordelo, Fonseca e Araújo (2000) com quarenta e cinco mães e seus filhos, de uma área de favela

urbana e de bairros de classe média, sobre questões relativas à maternidade e ao cuidado com a criança. Concluíram que as idéias, crenças e práticas maternas são, provavelmente, resultado de um equilíbrio dinâmico entre o modo pelo qual elas foram educadas, suas experiências de vida, os valores culturais vigentes em seu ambiente próximo e distante, e as circunstâncias das suas vidas presentes, nos termos das características materiais e simbólicas dos ambientes em que vivem.

### **A Paternidade**

A preocupação com o pai é relativamente recente na literatura científica (Trindade & Menandro, 2002; Kassotaki, 2000; Trindade, Andrade & Souza, 1997; Trindade, 1998; Mackey, 1996; Resende & Alonso, 1995; Badinter, 1992). A psicologia, que sempre teve nas relações familiares uma fonte inesgotável de estudos, não demonstrava interesse direto pelo pai, centralizando as relações familiares na figura da mãe.

Mackey (1996) indica que os estudos sobre paternidade surgiram com maior ênfase na década de 1970, porém, apesar de abordarem a importância do pai no desenvolvimento emocional dos filhos, há ainda poucas pesquisas sobre o tema.

Segundo Badinter (1992), uma nova paternidade está surgindo desde o fim do patriarcado. Os homens jovens não se reconhecem nem na virilidade caricatural do passado, nem no repúdio à masculinidade. A imagem do patriarca como o indivíduo que encarna a lei, a autoridade, a distância tornou a criança propriedade exclusiva da mãe, mas com o desaparecimento progressivo do patriarcado e as pesquisas empreendidas nos últimos vinte anos surgiu uma imagem bem diferente do pai e de suas funções, sobretudo em relação ao filho.

Estudos recentes abordam esse novo modelo de paternidade do qual surge a concepção de um pai “cuidador” com maior ênfase nas relações de afeto e liberdade com os filhos. Trindade, Andrade e Souza (1997) realizaram pesquisa com homens que foram pais na década de 1970 e 1980 e perceberam que a idéia tradicional atribuindo ao pai a função de provedor e à mãe a tarefa de atendimento dos filhos e das atividades domésticas permanece vigente. No entanto, os pais dos anos oitenta deram maior ênfase aos aspectos afetivos da relação pai-filho.

Essa tendência tem se acentuado na última década. Estudo realizado por Trindade e Menandro (2002) com pais adolescentes indicou uma fase de transição na nova geração, sendo que o modelo de pai-provedor permanece forte na sociedade, independente da classe social, mas, por outro lado, a partir dos relatos dos jovens participantes foi possível apreender novos elementos de significação. O pai foi apontado como cuidador, fonte de carinho e afeto e fator importante na educação dos filhos. Porém, os autores concluíram que o cotidiano ainda se ancora na divisão tradicional de papéis.

Rotundo (1985, citado em Trindade, 1998) identificou três modelos de paternidade que traduzem os diferentes momentos de mudanças sócio-históricas. O primeiro contempla o século XVII até XIX, em que o pai tinha poder total sobre os filhos. Ele estabelecia as regras e era o responsável pelo sustento e pelo desenvolvimento moral dos filhos. As filhas ficavam sob a responsabilidade da mãe. Apesar desta proximidade com o filho, não havia intimidade ou expressões afetivas entre eles. O segundo período iniciou no século XIX até a atualidade. A distância emocional entre pais e filhos permaneceu, e surgiu a distância física, na medida em que o trabalho masculino deixou de ser realizado com a família e impôs a ausência paterna durante longos períodos. Atribuiu-se às mães uma responsabilidade quase absoluta

sobre o desenvolvimento dos filhos, mas o pai permaneceu na função de provedor. O terceiro período corresponde à década de 1970 e se deu no bojo das transformações sociais. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho e o aumento do número de divórcios, surgiu a igualdade e simetria das responsabilidades paternas e maternas.

Para Trindade (1998), o movimento no Brasil foi análogo. É na segunda metade do século XIX que começa o declínio do patriarcado absolutista. Apesar de continuar como cabeça da família, nos centros urbanos o pai passa a dividir sua autoridade com outras instituições de controle social, com a conseqüente limitação de seu poder.

Essa assertiva é confirmada realizando-se a seguinte análise por três prismas. Primeiro: se a definição de pai é de ser o provedor, aquele que trabalha e traz dinheiro para casa, para nutrir sua família, isto se desmorona, na medida em que a mulher entra para o mercado de trabalho. Hoje a mulher trabalhando consegue sustentar uma casa. Segundo: os filhos estão cada vez mais sendo orientados pela palavra de especialistas do sexo feminino (pedagogas, assistentes sociais, psicólogas, pediatras). Terceiro: para realizar o desejo de ser mãe, a mulher pode abdicar de um homem e procurar por um banco de sêmen. A mulher hoje decide, ela mesma, pelo nascimento ou não de uma criança. Enfim, no quesito reprodução de filhos, o pai permanece sendo biologicamente essencial, mas socialmente supérfluo. (Julien, 2000).

Entretanto, para Badinter (1992), os homens maternam tão bem quanto as mães, apesar de haver diferenças sutis entre a maternagem do homem e da mulher. Por exemplo, o homem tende a brincar mais com o bebê do que a mãe e em geral suas brincadeiras são mais vigorosas e excitantes. Outra diferença é que os homens se comportam de maneira distinta com o menino e a menina. Com o menino, preocupam-se mais com a virilidade, estimulam a independência e curiosidade, enquanto com as meninas, estimulam a doçura, passividade, tranqüilidade.

Kassotaki (2000) pesquisadora grega realizou um estudo para compreender o envolvimento dos pais gregos no cuidado da criança durante o primeiro ano de vida nos quesitos referentes à preparação antes e depois do nascimento da criança e o envolvimento nas brincadeiras com as crianças, bem como nas diversas tarefas cotidianas. Para isso, pesquisou oitenta pais da zona rural e oitenta da zona urbana e os resultados mostraram que todos os pais declararam a paternidade como sendo uma agradável experiência, mas muitos pais declararam que as responsabilidades de criar uma criança causam neles muita tensão psicológica.

Percebe-se que a satisfação dos pais com suas novas funções está acompanhada de inseguranças. Badinter (1992) concluiu que os pais que se envolvem ativamente nos cuidados e na educação dos filhos se dizem mais felizes com sua paternidade do que os pouco envolvidos. Mas observa que esta satisfação paternal depende da liberdade de escolha. “Nos casos cada vez mais numerosos em que homens e mulheres invertem os papéis (ela trabalha e ele está desempregado), a paternidade imposta tem conseqüências menos positivas”, diz a autora (p. 172).

Essa afirmativa introduz um conceito importante para a definição de paternidade e semelhante ao conceito de maternidade, a saber, o desejo autônomo dos pais e a capacidade empática para exercerem suas funções de procriação e criação dos filhos. Assim garantem a sobrevivência física e psicológica dos mesmos. “O que nos faz humanos é essa capacidade de combinar inteligência com empatia (...) o DNA do Homo Sapiens não desenvolve essas capacidades unicamente humanas sem a intervenção de outros humanos, interações prolongadas entre um bebê geneticamente projetado e seus guardiães interatuantes” (Hrdy, 2001, p.412).

## A Progênie

A progênie humana é essencial para a humanidade. Darwin (1858/1994) foi pontual em demonstrar que todas as espécies descendem de outras e são garantidoras da sua manutenção. Para ele, a criança é uma fonte de informação sobre a natureza do homem, pois por intermédio dela pode-se ver os resultados sociais e filogenéticos, logo a ancestralidade do homem.

Skinner (1987) indicou que o comportamento humano é o produto conjunto das contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural da espécie (filogenia); das contingências do repertório adquirido de seus membros (ontogenia) e das contingências especiais mantidas por um ambiente social evoluído (cultura). “Cada um destes três níveis de variação e seleção tem sua própria disciplina – o primeiro, biologia; o segundo, psicologia e o terceiro, antropologia” (p.4).

Sendo assim, uma criança ao nascer traz consigo suas inscrições filogenéticas. Recebe como herança parental a ontogenia e introduz-se nas exigências da cultura à qual pertence.

Quanto aos pais, Hrdy (2001) afirma que eles esperam daqueles que criou que honrem o nome da família, ou traduzam o investimento parental em sucesso cultural ou em seu correlato anterior, uma apurada forma física para a linhagem.

Apoiando-se nesses autores, destacam-se dois princípios que norteiam a sobrevivência da espécie humana, a imortalidade dos gens e a imortalidade do nome. Quanto à primeira, os estudos evolucionistas (Darwin, 1859, Otta & Bussab, 1991; Carvalho, 1998; Rodrigues, 1998; Hrdy, 2001) demonstram as origens do comportamento humano diretamente relacionado à evolução genética das espécies primatas. Quanto à imortalidade do nome, Arendt (1958/2002) afirma que quando os

filhos carregam o nome familiar conseguem manter viva a linhagem, mesmo com a finitude biológica. Para Arendt (1958/ 2002), o homem que é mortal atinge sua imortalidade quando na transmissão de um nome, pois o biológico é finito, mas o nome atravessa os tempos e as fronteiras. “A tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com sua capacidade de produzir coisas – obras e palavras – que mereceriam pertencer e, pelo menos até certo ponto, pertencem à eternidade, de sorte que, através delas, os mortais possam encontrar o seu lugar num cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios”. (p.28).

Então, quando os pais transmitem seus genes e seu nome aos seus filhos, visam indiretamente à sua própria imortalidade, pois a crença do ideal romântico no amor como elemento de união do casal e motivador para a filiação começou a surgir apenas a partir do século XVII. Ariès (1980) afirmou que a infância não existiu até o século XVIII. Os filhos recebiam pouca atenção e acreditava-se que a criança nascia em pecado, e os pais deviam inculcar-lhes o senso moral por surras e pancadas. As crianças da Idade Média eram consideradas demoníacas, animalísticas e fisicamente frágeis. A idéia de maldade era inerente às crianças. O autor também argumenta que os pais até poderiam sentir afeto pelos filhos, mas esses sentimentos não eram expressados, especialmente pelo fato de os bebês morrerem antes de chegar à maturidade. Porém, a partir do século XVII a família deixou de ser uma instituição encarregada exclusivamente de legar bens e passou a transmitir sentimentos e afetividade à criança. A partir da família moderna os membros se unem pelo sentimento, costume e gênero de vida.

Numa outra perspectiva, Bussab (1990), afirma que faz parte da natureza humana infantil uma predisposição à interação social, ao comportamento lúdico e

exploratório e à empatia. Assim, a ontogênese dos comportamentos pró-sociais deve ser entendida como uma parte integrante do desenvolvimento global do indivíduo.

Contudo, observa-se na sociedade atual diminuição da empatia como elemento relacional entre os adolescentes, e conseqüentemente isto produziu aumento de comportamentos anti-sociais. Pesquisa realizada pela Ipsos-Brasil com 15 mil adolescentes de 10 a 19 anos da rede pública e privada de ensino de dez capitais brasileiras apurou que mais da metade dos entrevistados faz o que quer e não se preocupa com os outros. Quarenta e cinco por cento dos entrevistados afirmaram que em algum momento é aceitável desobedecer à lei. (Gazeta do Povo, 31/08/03).

Diante desses dados, os estudos sobre estilo parental e utilização das práticas educativas, bem como a identificação dos fatores que influenciam o comportamento dos pais e as prováveis conseqüências na educação dos filhos, podem ser úteis para a compreensão da rede familiar moderna. Este é o assunto do próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### O ESTILO PARENTAL E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Teorias e sugestões sobre a arte de bem educar uma criança são facilmente identificáveis tanto nos clássicos filosóficos que repousam nas bibliotecas como na estante de livros de psicologia de uma livraria. O desenvolvimento e a criação dos rebentos constituem constante preocupação dos psicólogos, pediatras, sociólogos, filósofos e pesquisadores.

Aristóteles (322 a. c.) propunha que a educação das crianças deveria contemplar quatro vertentes: as letras, a pintura, a ginástica e a música. A escrita e a pintura para os vários usos da vida, a ginástica para ensinar a coragem e a música podendo ser necessária tanto como trabalho quanto para formar o caráter da criança. Vale salientar que a civilização grega representou um dos mais importantes momentos de produções científicas, artísticas, políticas e filosóficas da história da humanidade.

O filósofo Rousseau (1757/1999) escreveu um dos maiores tratados sobre a educação de crianças: “Emílio ou Da Educação”. Trata-se de um aluno imaginário sob o qual Rousseau trabalha em sua educação até ele tornar-se homem e não necessite de outro guia que não ele mesmo. O autor entendia que a educação deveria preparar para o ofício de viver “Aqueles de nós que melhor souber suportar os bens e os males desta vida é, para mim, o mais bem educado”. (p.14).

Na primeira década do século XX, nova concepção se estabelece, Watson (1913) adotou uma posição radicalmente ambientalista afirmando: “Dêem-me uma dúzia de bebês saudáveis, bem formados e um mundo por mim mesmo especificado para criá-los, e garanto converter qualquer deles, escolhido ao acaso, em determinado tipo de especialista: médico, advogado, artista, chefe de empresa e, sim, até pedinte ou ladrão,

não importa quais sejam seus talentos, inclinações, tendências, habilidades, vocações e raça de seus ancestrais”. (Parke, Ornstein, Rieser & Zahn-Wayler, 1994).

Freud (1913) indicou que a psicanálise trouxe à luz os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento infantil, desta forma os educadores deveriam se familiarizar com estas descobertas para não superestimar a importância dos impulsos instintivos.

Piaget (1969) enfatizou o desenvolvimento cognitivo focalizando a interação entre as capacidades de amadurecimento natural das crianças e suas interações com o ambiente. Assim, para ele, uma boa educação previa a observação e estimulação de cada estágio do desenvolvimento infantil.

Essas diferentes concepções visavam principalmente socializar a criança tornando-a uma integrante da sociedade. No entendimento de Reppold, Pacheco, Bardagi e Hutz (2002), o principal objetivo de socialização no século XVIII e XIX era desenvolver o comportamento moral, a integridade, a honestidade, o espírito trabalhador e a cortesia no indivíduo. No início do século XX, a criação infantil passou a ser determinada pela opinião e supervisão médica, ou seja, deu-se grande atenção à higiene e prevenção de doenças. A sobrevivência da criança passou a ser foco de empenho. No entanto, ao longo do século XX começaram a surgir preocupações com as necessidades psicológicas da criança. Segundo esses autores, tal tendência levou os pais a se tornarem permissivos. Entendia-se que as crianças tinham seus direitos e estes tinham de ser respeitados. “Assim, os pais sentiram-se obrigados a atender seus filhos, evitando que estes fossem frustrados em seus desejos (...) a permissividade não se mostrou a estratégia mais adequada, sob o ponto de vista dos pais e do desenvolvimento dos filhos, o que tornou necessária a investigação sobre os efeitos de determinadas estratégias parentais” (Reppold et al., 2002, p.15).

Gomide (2003) afirma que os novos pais, pós-revolução sexual, se rebelaram quanto às regras rígidas de educação de filhos. Passaram a conceder mais, repudiaram a punição física, quiseram se tornar mais amigos dos filhos. Começaram a utilizar o diálogo como fonte de educação. Porém, ao mesmo tempo, identifica-se na sociedade contemporânea o aumento significativo dos comportamentos anti-sociais entre os adolescentes. Ressalta a autora que o elemento principal na educação dos filhos é o estabelecimento de regras. “As regras possibilitam o relacionamento entre os membros da família, respeitando os valores e hábitos daqueles que convivem em um determinado lugar” (Gomide, 2003, no prelo).

### **O Estilo Parental**

Hofman (1975,1979), Maccoby e Martin (1983), Baumrind (1966, 1977), Masten e Garmezy (1985), Patterson, Reid e Dishion (1992), Pacheco, Teixeira e Gomes (1999), Patterson (2002), Gomide (2000, 2001, 2002, 2003), Reppold, Pacheco e Hutz (2002) entre outros têm dedicado estudos e pesquisas sobre as práticas parentais e consideram nesses trabalhos tanto aspectos emocionais quanto comportamentais do estilo parental.

Pacheco, Teixeira e Gomes (1999) definem estilo parental como a forma como os pais lidam com as questões de poder e hierarquia na relação com os filhos, e as posições que adotam diante dos problemas disciplinares, do controle do comportamento e da tomada de decisões.

Diversos fatores determinam as condutas parentais, como a genética, habilidades sociais e intelectuais, variáveis demográficas (Masten & Garmezy, 1985), baixo nível sociocultural, baixa escolaridade, famílias numerosas, ausência de um dos pais (Antoni & Koller, 2000), negligência parental, hostilidade, padrões parentais de supervisão

inadequados (Masten & Garmezy, 1985; Gomide, 2000 –2003; Hutz, 2002; Bee, 1996) vínculo afetivo, apoio, monitoramento parental (Baumrind, 1977; Feldman, 1979; Masten & Garmezy, 1985; Patterson, 1992; Gomide, 2002, 2003).

Baumrind (1966) classificou os estilos parentais em autoritário, autoritativo e permissivo. Já Maccoby e Martin (1983) acrescentaram mais um estilo aos três desenvolvidos por Baumrind (1966) desmembrando o estilo permissivo em indulgente e negligente. Maccoby e Martin (1983) utilizaram-se de duas escalas para compor estes estilos, a responsividade (atitudes parentais que favorecem a individualidade e autoafirmação dos filhos) e exigência (atitudes parentais que requeiram supervisão e disciplina). Como características da responsividade têm-se: reciprocidade, comunicação, afetividade, apoio parental, reconhecimento e respeito à individualidade do filho. Da exigência, identificam-se monitoramento, supervisão, cobrança e disciplina. Estas duas dimensões cruzadas geram quatro estilos parentais: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente.

Neste presente estudo adota-se a definição de Wood et al. (2003), que conceituam *estilo parental* como um *conjunto de atitudes parentais*, metas e modelos parentais e *práticas educativas* como as *estratégias utilizadas* pelos pais com o objetivo de promover a socialização de seus filhos.

### **Práticas Educativas Parentais**

Considerando que o Estilo Parental é o resultado da integração das Práticas Educativas Parentais, Gomide (2003) propõe estudá-las mediante a análise de Práticas Educativas Positivas, relacionadas ao desenvolvimento de comportamento pró-social e Práticas Educativas Negativas, estas vinculadas ao aparecimento de comportamento anti-social. As Práticas Educativas Parentais que compõem o Estilo Parental do modelo

teórico de Gomide (2003) são duas positivas, comportamento moral e monitoria positiva, e cinco negativas: negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsistente e monitoria negativa.

## **Práticas Educativas Positivas**

### **1. Monitoria Positiva**

Monitorar significa supervisionar, acompanhar, controlar, rastrear e vigiar visando a um determinado fim; monitorar positivamente refere-se, porém, ao conhecimento parental sobre seus filhos envolvendo o uso adequado da atenção, distribuição de privilégio e estabelecimento de regras, bem como a distribuição contínua e segura do afeto, do acompanhamento e supervisão das atividades escolares e do lazer. Esta prática educativa produz como efeito uma criança segura do amor dos pais e segura sobre o que deve fazer para atender às expectativas deles. A relação pais-filhos é de confiança desenvolvendo na criança a empatia e o amadurecimento apropriado das emoções. (Gomide, 2001, 2002).

Observa-se na definição anterior que o monitoramento inclui o controle e a atenção parental, mas este não pode ser confundido com controle psicológico. Pettit, Laird, Dodge, Bates e Criss (2001) discutem sobre o controle parental com adolescentes e diferenciam dois aspectos, a monitoria parental e o controle psicológico parental. Afirmam que a monitoria diz respeito à regulamentação, supervisão e administração do comportamento, enquanto o controle psicológico inibe e interfere na autonomia emocional do filho.

Na mesma linha de raciocínio, Stattin e Kerr (2000) alertam que monitorar adequadamente os filhos não inclui vigilância e rastreamento; ao contrário, o estudo

dessas pesquisadoras, com 703 adolescentes, demonstrou que o conhecimento dos pais é especialmente adquirido pelas revelações espontâneas dos filhos. “Nós concluímos que rastrear não é a melhor prescrição para o comportamento dos pais e que uma nova prescrição é necessária para a compreensão dos fatores que determinam a criança” (p.1).

Assim, um bom monitoramento inclui as estratégias utilizadas pelos pais para adquirir informações sobre seus filhos e a forma como manejam as situações. Como afirmam Cemkovich e Giordano (1987), na monitoria a comunicação é um dos principais elementos.

Porém, comunicar-se ou fazer uso da linguagem não significa lançar mão de sermões, descaso ou verdades inquestionáveis transmitidas pelos pais especialmente quando os filhos são adolescentes. Gomide (2003) afirma que conversar significa falar e ouvir, envolvendo o compartilhamento de sentimentos e idéias. Para Comte-Sponville (2000), a verdadeira essência do diálogo está em construir sobre o argumento do outro e não em desvalorizá-lo.

Outro elemento necessário à monitoria positiva está na capacidade de reflexão e autocrítica dos pais sobre os seus próprios atos e de terceiros, pois segundo Feldman (1979), quando estes elementos estão presentes a reparação torna-se possível diante dos comportamentos inadequados dos filhos.

Os estudos sobre monitoria positiva comprovam a relação inversamente proporcional entre o uso da monitoria positiva e comportamentos anti-sociais. Ary, Duncan, Duncan e Hops (1999) demonstraram por meio de estudo longitudinal que o comportamento adolescente problemático está vinculado à ineficiência de monitoria dos pais e presença de conflitos familiares, levando os filhos a associarem-se a colegas que possuem comportamentos desviantes.

Wright e Cullen (2001) também indicam que o somatório da supervisão, o estabelecimento de limites, as regras claramente definidas e a intimidade entre os membros da família reduzem a possibilidade de engajamento em grupos de risco.

Assim, monitorar de forma positiva o crescimento e desenvolvimento de uma criança ou adolescente é mostrar real interesse por suas atividades e sentimentos. (Gomide, 2003, no prelo).

## 2. Comportamento Moral

Esta prática educativa positiva possibilita o desenvolvimento da empatia, do senso de justiça, da responsabilidade, do trabalho, da generosidade e do conhecimento do certo e do errado quanto a uso de drogas, álcool, sexo seguro e valores sempre seguidos do exemplo dos pais. (Gomide, 2003).

O comportamento moral busca investigar o efeito da transmissão dos valores como inibidor do comportamento anti-social. A moral que segue princípios socialmente aceitos denota boa conduta e bons costumes, segundo os preceitos estabelecidos pela sociedade. (Houaiss, 2001).

Quando os pais expressam suas opiniões, pensamentos e demonstram com sua ação e palavra a aprovação ou desaprovação diante do comportamento do filho, estão transmitindo valores e moralidade a partir da sua conduta. Desta forma, a criança adquire comportamento moral na medida em que os pais usam da disciplina associada à orientação. Hoffman (1975) indicou a disciplina como fundamental para a internalização da moral na criança.

Loos, Ferreira e Vasconcelos (1999) ressaltaram a importância de os pais atuarem ativamente diante dos atos transgressores realizados pelos filhos. Agindo desta forma fundam o sentimento de culpa e por consequência instauram a moralidade na

criança. Para estes pesquisadores, os componentes do comportamento moral são: primeiro, a expressão da conduta moral em atitude por parte da criança; segundo, os sentimentos morais que acompanham as atitudes da criança e, terceiro, a capacidade de a criança avaliar a situação e atribuir julgamento valorativo de correto ou incorreto.

No entanto, Gomide (2003) acrescenta a necessidade de a atuação parental estar acompanhada da orientação e do incentivo à reflexão e reparação do dano causado. Assim, também promoverá o desenvolvimento da empatia.

Sobre a origem da empatia, Zhan-Waxler e Yarrow (1990) consideraram que o temperamento e o ambiente podem contribuir para as diferenças individuais, mas as experiências iniciais de socialização são determinantes, pois podem levar a padrões ajustados ou desajustados diante das necessidades do outro; da mesma forma, os conflitos conjugais podem ser elementos de risco para o desenvolvimento posterior da empatia.

Assim, para o desenvolvimento do comportamento moral, os componentes essenciais são a empatia (Hoffman, 1975; Hughes & Dunn, 2000; Eisenberg et al 1993), o sentimento de culpa (Freud, 1920; Hoffman, 1975; Loos et al., 1999), as ações justas e honestas (Janssens & Dekovic, 1997; Comte-Sponville, 2000), e as crenças parentais positivas sobre trabalho (Mussen, Conger & Cagan, 1974).

Outra consequência positiva da prática educativa comportamento moral é o aumento de comportamentos pró-sociais (Krevans & Gibbs, 1996; Patterson et al., 1992; Gomide, 2001, 2003). Estudo realizado por Hughes e Dunn (2000) demonstra a relação direta entre o estilo parental e o comportamento social da criança. Segundo esses autores, o fato de a criança não vivenciar modelo moral nos pais ou entre familiares impulsiona o risco de comportamentos anti-sociais, como a delinquência.

Nurco e Lerner (1996) encontraram nas famílias em que os filhos têm forte apego ao pai, e este possui posicionamento claro e coerente diante das normas, desaprovando os maus comportamentos, como inibidores do uso de drogas e álcool em adolescentes.

Verifica-se que o comportamento moral é resultante de um elaborado processo de desenvolvimento que se inicia com a apreensão, emissão e o julgamento da própria conduta e do outro, envolvendo o pensamento e a ação.

Assim, o comportamento moral, da mesma forma que a monitoria positiva necessita de um ambiente familiar que favoreça o aprendizado do filho pela supervisão constante dos pais e pela coerência de comportamento emitido por eles. Kellerman (2002), destacou a necessidade de o ambiente familiar ser afetivo e acolhedor com as necessidades da criança ressaltando que uma criança torna-se solidária à medida que na outra extremidade seja recebida com empatia e solidariedade.

### **Práticas Educativas Negativas**

#### **1. Negligência**

Esta variável negativa consiste na ausência de atenção, descaso, omissão, ausência dos pais ou simplesmente falta de amor para com o filho. Também inclui o pólo extremo da falta de cuidados físicos como atendimento às necessidades de alimentação, abrigo e higiene.

Para Gomide (2003), pais negligentes agem como expectadores e não como participantes ativos da educação dos filhos. Assim, a ausência de supervisão e a falta de interesse são as principais características que representam esta prática educativa.

Crittenden (1985) descreve que os pais negligentes não aceitam suas responsabilidades para com os filhos e possuem limitação em suas competências. Estas deficiências dificultam o vínculo entre pais e filhos gerando nestes últimos sentimentos de insegurança e vulnerabilidade, o que produz interações sociais agressivas e hostis.

De acordo com Gomide (2003), a negligência é considerada um dos principais fatores desencadeantes de comportamentos anti-sociais. Crianças negligenciadas podem se tornar adolescentes e adultos infratores, usuários de drogas, agressivos, dificultando sua adaptação à sociedade. A negligência impede o desenvolvimento da auto-estima, que é o principal antídoto ao aparecimento do comportamento anti-social.

Assim, a rejeição dos pais produz uma criança com dificuldades de socialização, e esta transfere sua agressividade e frustração aos pares e amigos e como consequência posterior associa-se a grupos anti-sociais. (Kim, Hethenrigton & Reiss, 1999).

Bowlby (1948/1984), com a teoria do vínculo, comprovou a importância do apego entre pais e filhos para o desenvolvimento afetivo seguro da criança. Demonstrou a partir de diversas pesquisas com crianças institucionalizadas que mediante a indiferença a criança, esta desenvolvia-se de forma insegura podendo gerar relacionamentos sociais agressivos. “A principal causa de uma personalidade instável e angustiada é a incerteza torturante quanto a se mostrarem as figuras de apego acessíveis e receptivas” (p. 340).

Sobre a origem da negligência, Burgess e Conger (1978) revisaram a literatura sobre o tema e identificaram três perspectivas de análise. A primeira refere-se à presença de dificuldades psiquiátricas nos pais e estas originariam a negligência para com os filhos. A segunda discute sobre a correlação de estresse e frustrações na conduta negligente parental e a terceira indica a importância de se observar a qualidade das interações familiares verticais (pais-filhos) e horizontais (marido-esposa, irmãos).

## 2. Abuso físico e psicológico

O abuso físico é caracterizado pela disciplina por meio da prática de agressões corporais como surras e pancadas podendo provocar dano corporal. Já o abuso psicológico se refere à ameaça e chantagem de abandono e de humilhação do filho, bem como a insultos, críticas destrutivas, desprezo, zombaria. (Gomide, 2003)

Gershoff (2002) diferencia punição corporal de abuso físico. No primeiro há uso de força física com o objetivo de controlar um comportamento inadequado, mas não há intenção de machucar; já o abuso físico caracteriza-se pelo excesso das práticas parentais de punição e que produzem ferimentos físicos e psíquicos.

Esses dois conceitos são coincidentes com os de Gomide (2003), que diferencia o bater do uso de palmadas. Para essa autora, bater é um comportamento agressivo dos pais, no qual o que menos importa é o caráter educativo. “Esta prática atinge o SER da criança e não o comportamento que estamos querendo modificar (...) Já uma palmada não gera consequência negativa se for apenas uma e não for acompanhada de raiva, nem de palavrões. Deve ser acompanhada da palavra “não” mais a informação clara do que está sendo proibido” (Gomide, 2003, no prelo).

Para Strauss (1994), o atravessamento da linha divisória entre punição corporal e abuso físico é tênue, pois se a punição for administrada frequentemente e com severidade torna-se um abuso.

Sobre os fatores desencadeantes para o uso da prática educativa abuso físico, vários estudos demonstraram que a falta de monitoria e supervisão parental, conflitos conjugais, uso de substâncias psico-ativas pelos pais estão presentes nos pais abusadores (Haapasola & Pokelaa, 1999). O estresse, as dificuldades educacionais dos pais com abuso de poder, os distúrbios psicológicos parentais e crianças impulsivas também

foram identificados como variáveis que contribuem para o emprego do abuso físico. (Strauss, 1994; Ducharme, Atkinson & Poulton, 2001).

Para auxiliar na reflexão, a literatura acrescenta o índice de agressividade parental como motivador do abuso físico. Otta e Bussab (1998) afirmam que pessoas agressivas geralmente foram submetidas a comportamento agressivo na história do seu desenvolvimento e normalmente estas pessoas atribuem mais intenções agressivas ao outro do que a si próprias.

Montagu (1978) defende a tese de que a agressividade não é exclusivamente determinada geneticamente; ao contrário, toda conduta humana é resultante da interação da experiência e da constituição genética.

Para a psicanálise, os homens têm entre seus instintos uma cota de agressividade que perturba o relacionamento com o próximo. De acordo com Freud (1930), os instintos agressivos precisam ser sublimados para garantir o desenvolvimento da cultura. “Com a sublimação é possível o desenvolvimento de atividades psíquicas superiores como as científicas, artísticas ou ideológicas” (p. 106).

A manifestação explícita dos pais ao fazerem uso do abuso físico como prática educacional também é objeto de estudo de Meneguel, Giugliani e Falceto (2002), que realizaram pesquisa com 76 famílias a fim de correlacionar a violência doméstica com agressividade na adolescência. As autoras surpreenderam-se com a disseminação na sociedade do uso da punição física e especialmente pela declaração espontânea dos pais que reconhecem na punição física uma prática disciplinar para jovens e adolescentes.

Outro aspecto a ser considerado aborda a aparente correlação de o abuso físico estar associado ao abuso psicológico. Pode-se afirmar que todo abuso físico vem acompanhado de abuso psicológico (Burgess & Conger, 1978), mas o inverso não é necessariamente verdadeiro. O abuso psicológico é mais sutil.

A literatura recente (Hirigoyen, 2001) tem introduzido o termo assédio moral para significar os processos perversos presentes nos âmbitos da família, empresa, relacionamentos amorosos e profissionais. O abusador provoca a violência ou assédio moral por meio de olhares subtendidos e palavras aparentemente inofensivas, alusões, sugestões ou não-ditos produzindo um desequilíbrio na outra pessoa. Trata-se de uma forma de violência indireta e limpa, pois nada fica visível. Esta conduta produz como efeito na criança, adolescente ou adulto uma inibição, falta de autoconfiança, dificuldade de auto-afirmação, estado depressivo e em alguns casos pode levar ao suicídio.

Em continuidade, Hirigoyen (2001) demonstra o aspecto patológico dessas pessoas afirmando tratar-se de distúrbio psicológico que necessita de tratamento. “Os perversos narcisistas são considerados psicóticos sem sintomas, que encontram seu equilíbrio descarregando em um outro a dor que não sentem e as contradições internas que se recusam a perceber. Eles não fazem de propósito o mal que fazem, eles fazem mal porque não sabem agir de outro modo para existir. Foram eles próprios feridos em sua infância e tentam assim manter-se vivos”. (p.141).

Gershoff (2002) relacionou o confinamento de uma criança em espaço pequeno, a humilhação em público, a ausência de uma atmosfera familiar agradável e amorosa e o impedimento para o crescimento social e emocional da criança, como práticas educacionais que ilustram o abuso emocional.

Verificou-se que a conjugação das variáveis negligência e abuso físico/psicológico constitui alto risco para gerar comportamentos delinquentes ou mesmo distúrbios psiquiátricos (Haapasola & Pokelaa, 1998; Patterson et al., 1992; Gomide, 2002; Hirigoyen, 2001). “Quando a criança recebe daqueles que deveriam

protegê-la, rejeição ou agressão, sua auto-estima fica rebaixada, suas expectativas de futuro ficam comprometidas e prejudicadas”. (Gomide, 2003, no prelo)

### 3. Monitoria Negativa

Tal qual a monitoria positiva, na monitoria negativa também há supervisão e acompanhamento da criança, porém esta prática educativa caracteriza-se pela fiscalização e por ordens excessivas dadas aos filhos que em sua maioria não são obedecidas, produzindo uma relação pais-filhos baseada na hostilidade, insegurança e dissimulações.

A monitoria negativa também é chamada de supervisão estressante (Gomide, 2003). Os pais são repetitivos porque não confiam em seus filhos, logo fiscalizam pela suposição de que a criança fará algo errado. À medida que a criança vai crescendo, ela percebe a desconfiança dos pais e começa a burlar as regras, usa de mentiras, omissões e fingimentos. A comunicação parental, que é um dos principais componentes da monitoria, é utilizada de forma repetitiva e ineficaz.

Segundo Pettit et al. (2001), a monitoria negativa está acompanhada do controle psicológico exercido pelos pais mediante tentativas de interferências constantes nas ações dos filhos e de utilização de manipulação emocional. Como confirma Gomide (2003), os pais que executam supervisão estressante se definem como dedicados e altruístas por estar sacrificando sua vida pessoal para educar os filhos. Esta conduta compromete o desenvolvimento da autonomia e autoconceito na criança ou adolescente. Patterson et al. (1992) alerta que o elevado uso desta prática educativa colabora para o adolescente unir-se a grupos e pares anti-sociais.

Chen e Zhou (1997) associam a variável monitoria negativa a crianças com respostas comportamentais de medo, frustração e raiva, cuja consequência é a

dificuldade de sua adaptação social o que mantém a criança ou adolescente dependente dos pais.

Um aspecto evidenciado pela literatura é a correlação da monitoria negativa com os efeitos mais comprometedores durante o período da adolescência do filho. A adolescência caracteriza-se pelo raciocínio abstrato e formal, pelas convicções políticas e religiosas, pela independência em relação aos pais (Piaget, 1969), pelas grandes paixões e pela relação sexual que marca a passagem da infância para o mundo adulto. Entretanto, Barber, Olsen e Shagle (1994) identificaram que estratégias parentais manipuladoras podem dificultar o desenvolvimento da independência, da separação dos pais e do “senso do eu” dos adolescentes.

Os estudo de Mathews e Woodall (1996) demonstram que são as mães as que mais frequentemente se utilizam da supervisão estressante. Os autores interpretam este dado argumentando que geralmente as mães ficam em casa a maior parte do tempo cobrando dos filhos as suas falhas domésticas.

Para Gomide (2003), alterar essa prática educacional implica atuar em dificuldades familiares mais complexas. Os sentimentos de raiva, rancor, mágoa e frustração estão ativamente presentes nas relações familiares que adotam como estratégia educacional a monitoria negativa.

#### 4. Punição Inconsistente

Na prática educativa Punição Inconsistente, também conhecida por humor instável, os pais se orientam pelo seu humor na hora de punir ou reforçar e não pelo ato praticado pelo filho. Assim, um mesmo ato pode ser punido num instante e em outro ser desconsiderado pelos pais. A aprendizagem do filho se dá em virtude das emoções envolvidas e não dos maus ou bons comportamentos e os filhos não reconhecem nos

pais modelos morais adequados que possam vir a inibir o desenvolvimento futuro de comportamentos anti-sociais. (Gomide, 2001).

Desse modo, a punição inconsistente confunde e compromete a socialização da criança, pois os pais reagem de forma inconstante tanto para os comportamentos pró-sociais quanto para os anti-sociais (Oldershaw, Walters & Hall, 1986). Estes autores ainda correlacionam esta prática educativa com o uso do abuso físico. Os pais quando começam a perder a autoridade diante dos filhos passam a utilizar-se da punição física como última tentativa de controle sobre a criança ou adolescente.

Em complemento, Maccoby e Martin (1983) sugerem que a conotação afetiva usada pelos pais com suas crianças pequenas tem um significado maior do que o conteúdo semântico da situação. Este estudo confirma a importância dos afetos nas relações humanas e coincide com o conhecimento não científico produzido pela cultura quando demonstra pelas cantigas de ninar a oposição existente entre a sonoridade musical e os conteúdos aterrorizantes da letra. Haja vista a cantiga popular “Boi da Cara Preta”.

Outra problemática dessa prática educativa é apontada por Gomide (2003). Normalmente o castigo atribuído pelos pais esteve sob efeito de forte emoção, logo é comum os pais sentirem culpa e pedir desculpas ao filho. Assim, a criança aprende que chantagear emocionalmente os pais é vantajoso.

Portanto, de acordo com Carvalho (2003), o adequado pareamento entre o comportamento emitido pela criança e a ocorrência da punição pelos pais, bem como o acompanhamento do respectivo afeto envolvido, mostra o aspecto interacionista desta relação. Pois, a partir das configurações desta situação é que a criança vai assimilando o significado e o valor de suas atitudes, guiando-a para determinadas respostas em situações específicas. Se o pareamento for inconsistente e dependente do estado de

humor momentâneo dos pais, haverá dificuldade para que a criança adquira parâmetros para suas ações, agindo de forma inadequada futuramente, o que de novo gerará diferentes emoções nos pais.

### 5. Disciplina Relaxada

Caracterizada pelo não cumprimento das regras estabelecidas, nesta prática educativa os pais estabelecem as regras, ameaçam e quando se confrontam com comportamentos opostos e agressivos dos filhos abrem mão de seu papel educativo. (Gomide, 2003).

Para Dodge et al. (1994), a falta de disciplina dos pais na educação de seus filhos ou a falta de monitoramento são meios de encorajar os filhos a considerarem a agressão como aceitável para atingir seus objetivos. O argumento destes pesquisadores confirma a conduta ativa das crianças na interação familiar, ou seja, o temperamento do filho influencia na adoção das estratégias educacionais parentais.

O estudo de Socolar, Winsor, Hunter, Catellier e Kotch (1999) demonstrou que a estratégia disciplinar escolhida pelos pais depende do comportamento particular emitido pela criança variando desde o estabelecimento de limites, orientações verbais até mesmo o uso de palmadas como recurso secundário quando as estratégias anteriores falharam.

Para Gomide (2003), se os pais com frequência estabelecem regras e não as fazem cumprir, a criança desenvolverá três tipos de atitudes. A primeira é a aprendizagem de que regras não são para serem cumpridas; a segunda é a possibilidade de se desrespeitar a autoridade e a terceira é aprender a manipular emocionalmente a situação para não cumprir as regras estabelecidas.

Portanto, após a apresentação das estratégias parentais para a educação dos filhos, é possível supor que toda família utilize-se tanto de ações educacionais positivas

quanto negativas. No entanto, o diferencial parece estar na frequência com que as práticas são utilizadas pelos pais com seus filhos. Gomide et al. (2003), apresentam uma amostra de estudo com 367 adolescentes de ambos os sexos, em grupos de risco e de não risco. As médias obtidas pelos pais podem ser visualizadas na tabela 1.

Tabela 1. Médias das Práticas Parentais do grupo de risco e não risco.

Práticas Parentais	grupo de risco		grupo de não-risco	
	mãe	pai	mãe	pai
Monitoria Positiva	6,82	4,8	9,01	7,33
Comportamento Moral	8,3	7,21	9,28	8,35
Punição Inconsistente	3,98	3,63	3,75	3,21
Negligência	4,3	3,98	2,65	3,33
Monitoria Negativa	5,88	4,44	5,54	4,17
Abuso Físico	2,48	3,49	1,23	1,31
Disciplina Relaxada	4,36	3,29	3,77	3,19
IEP	-5,88	-6,82	1,35	0,47

Percebe-se na tabela 1 que as médias dos pais do grupo de não risco, nas práticas parentais positivas (monitoria positiva e comportamento moral) são maiores do que no grupo de risco. Já as práticas negativas (negligência, monitoria negativa, abuso físico, disciplina relaxada e punição inconsistente) nos grupos de risco são utilizadas com maior frequência. Ainda que as diferenças nos dois grupos, em algumas práticas educativas, sejam pequenas, os dados são estatisticamente significativos. (Gomide et al, 2003).

### **Outros fatores que influenciam as Práticas Educativas**

O modelo teórico de estudo do Estilo Parental de Gomide (2003) apresenta algumas variáveis relacionadas às Práticas Educativas, como pode ser visto no quadro 1, a seguir. A literatura científica tem sido recorrente em apontar preditores que influenciam na conduta parental de práticas educativas negativas logo, promovedoras de

atos anti-sociais nos filhos, como a ansiedade, a depressão e o estresse (Patterson, Reid & Dishion, 1992; Hoffman, 1994; Somer & Braunstein, 1999; Petit, Laird, Dodge, Bates & Criss, 2001; Wood, McLeod, Sigman, Hwang, & Chu, 2003) e, ao contrário, a ausência destes antecedentes somada à capacidade de estabelecer regras, monitoria positiva e habilidades sociais dos pais estimula condutas pró-sociais nos filhos (Hoffman, 1975; Eisenberg, Fabes et al., 1993; Russell, 1997; Gomide et al., 2003).

SITUAÇÃO ANTECEDENTE	PRÁTICAS EDUCATIVAS	COMPORTAMENTOS CONSEQUENTES
<p>Pais com habilidades sociais</p>	<p><b>Monitoria Positiva</b></p> <p>Saber onde está, com quem está e o que o filho está fazendo;  Estar disponível para solucionar problemas do filho;  Ser empático em relação aos sentimentos dos filhos;  Mostrar interesse pelas atividades escolares e de lazer desenvolvidas pelos filhos;  Apoiar iniciativas dos filhos para solução de problemas</p>	<p>Inibe comportamento anti-social;  Aumenta auto-estima;  Aumenta autoconceito,  Aumenta comportamentos pró-sociais.</p>
<p>Pais com habilidades sociais, senso de justiça, empatia.</p>	<p><b>Comportamento Moral</b></p> <p>Os pais explicitam claramente sua opinião sobre uso de drogas, atividades sexuais, prevenção de doenças, justiça, honestidade, trabalho;  Os pais apresentam coerência entre o que falam e fazem;  As crianças têm oportunidade de experimentar os conceitos sobre moralidade e justiça;  Os pais valorizam o trabalho;  Os pais ajudam o filho a fazer autocrítica e reparar o dano diante de um comportamento inadequado.</p>	<p>As crianças fazem corretamente julgamento moral, ou seja, dizem quem está certo ou errado diante de um ato errado; admiram os valores dos pais;  Inibe o desenvolvimento de comportamento anti-social</p>
<p>Observado especialmente em pais depressivos e/ou crianças institucionalizadas</p>	<p><b>Negligência</b></p> <p>Não são observados nem apoios nem punições por parte dos cuidadores em decorrência dos comportamentos da criança;  Ausência física dos cuidadores;  Os pais não conhecem as necessidades, sentimentos e atividades dos filhos.</p>	<p>Alta correlação com aumento de comportamento anti-social;  Correlação com usuários de drogas e álcool.</p>
<p>Observados em pais vítimas de abuso e com comportamento agressivo e em crianças institucionalizadas.</p>	<p><b>Abuso físico/psicológico</b></p> <p>O comportamento do filho é seguido por punição física (surras e espancamentos);  O comportamento do filho é seguido por ameaças de rejeição, de abandono, de demonstrações de desamor;  O cuidador abusa sexualmente da criança, incutindo na vítima sentimento</p>	<p>Alta correlação com aumento de comportamento anti-social e infrator;  Alta probabilidade do filho se tornar abusador;  Correlação com usuários de drogas e álcool</p>

	de co-autoria e de culpa.	
<p>Mães solteiras ou separadas; Conflito Conjugal; Pais ansiosos; Problemas financeiros; Pais estressados.</p>	<p><b>Monitoria Negativa</b></p> <p>Repetição de instruções independentemente de o filho segui-las; Estas instruções são expressas em tom hostil e de cobrança.</p>	<p>Aumento de comportamento anti-social e agressivo; Os pais acreditam que estão cuidando e fazendo o melhor possível; Os filhos se sentem vigiados e não seguem as instruções; desenvolvem comportamentos de mentir, gazejar anlas; não aprendem a seguir regras; não aprendem a respeitar autoridade; apresentam comportamento agressivo para com os pais.</p>
<p>Filhos com temperamento difícil e opositor; Pais com baixas habilidades disciplinares</p>	<p><b>Disciplina Relaxada</b></p> <p>O comportamento coercitivo (agressivo e opositor) do filho inibe o comportamento de cuidador dos pais; Os pais estabelecem uma regra que não é cumprida</p>	<p>Os pais deixam de monitorar; perdem a autoridade; Os filhos aprendem a que o comportamento coercitivo controla o comportamento dos outros (pais, professoras, colegas); aprendem a desconsiderar as regras estabelecidas; O comportamento coercitivo promove a rejeição dos pares, professores e pais; A rejeição aumenta a probabilidade de engajamento em grupos desviantes</p>
<p>Pais alcoolistas; Tensão pré-menstrual nas mães.</p>	<p><b>Punição Inconsistente</b></p> <p>A punição ou elogio é contingente ao humor dos pais (raiva ou alegria) e não ao comportamento emitido pelo filho.</p>	<p>Os filhos aprendem a chantagem emocional para obter privilégios; discriminam o humor dos pais e não o comportamento certo ou errado; apresentam comportam/ agressivo; Os pais perdem autoridade</p>

Quadro I. Antecedentes e Consequentes das Práticas Educativas Parentais.

Fonte: Gomide (2002)

Para este estudo foram selecionados três transtornos psicológicos (depressão, ansiedade e estresse) que poderão estar relacionados com o aparecimento de Práticas Educativas Negativas e a variável habilidade social ligada ao aparecimento das Práticas Educativas Positivas.

### 1. Depressão

Considerados como um transtorno em crescente prevalência na população mundial, a depressão e o estresse representam os distúrbios conseqüentes da vida moderna e para alguns é o “mal do século”. (Alves, 1992)

A depressão é um sentimento psicopatológico de tristeza e é um tipo de transtorno do humor, porém sua etiologia é desconhecida (Kaplan, Sadock & Grebb, 2002). Bahls (1999) discute a origem deste transtorno psicológico utilizando-se do modelo biológico (estudo dos neurotransmissores cerebrais) e cognitivo (forma sistemática como a pessoa interpreta as situações e acontecimentos vivenciados), porém conclui que ambas as teorias são parciais e mutáveis. Argumenta que novos conhecimentos emergirão fazendo com que essas noções sejam ampliadas e mesmo modificadas.

Já o behaviorismo radical leva em conta os fatores genéticos, orgânicos adquiridos, a história de vida do indivíduo e as contingências ambientais (Delitti, 2000). Para Erickson (1998) este distúrbio tem fatores ambientais como contribuinte, bem como vulnerabilidade genética e biológica. Acrescenta que uma vida estressada pode estar associada ao início da depressão, ou seja, fatores genéticos podem controlar o nível de vulnerabilidade, enquanto o estresse pode determinar o momento de início da depressão. Ferster (1973) destaca que o sujeito depressivo tem uma percepção pobre e distorcida da realidade, não percebendo adequadamente os estímulos discriminativos do

ambiente. Assim, o depressivo tende ao silêncio nas interações sociais que para ele representam eventos aversivos.

O Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-IV), sub-classifica os Transtornos Depressivos em Transtorno Depressivo Maior; Transtorno Distímico e Transtorno Depressivo sem outra especificação. O primeiro caracteriza-se por pelo menos duas semanas de humor deprimido ou perda parcial ou total de interesse pelas atividades cotidianas. Este transtorno está associado à alta mortalidade. Sua incidência é duas vezes mais comum em mulheres e adolescentes adultas do que adolescentes e adultos do sexo masculino. A depressão pode começar a qualquer idade e não tem relação com etnia, educação ou rendimentos. Frequentemente a depressão aparece após um estressor psicossocial severo, como a morte de um ente querido ou divórcio. O segundo – Transtorno Distímico- necessita para o diagnóstico da presença do humor deprimido na maior parte do dia e/ou na maioria dos dias por pelo menos dois anos. Os sintomas são apetite diminuído, insônia ou hipersonia, baixa energia ou fadiga, baixa auto-estima, fraca concentração ou dificuldade de tomar decisões e sentimentos de desesperança (estes sujeitos vêem-se a si mesmos como desinteressantes ou incapazes). E o terceiro tipo inclui o transtorno disfórico pré-menstrual ou episódios de sintomas depressivos breves com duração de dois dias a duas semanas.

Constata-se que a literatura médica/psiquiátrica e psicológica coincide nos seguintes sintomas de depressão: tristeza intensa, ânimo abatido, agitação, passividade, falta de entusiasmo, motivação e interesse no mundo, autodepreciação, insônia, preocupação pessimista onde o indivíduo se sente imprestável e culpado de suas deficiências, acreditando que não pode fazer nada para mudar sua condição.

Sendo assim, a depressão traz déficits nas áreas do comportamento prejudicando de maneira global as interações sociais, inclusive na rede familiar. Segundo Menegatti

(2002), pais depressivos são menos carinhosos, responsivos e mais irritáveis, hostis e críticos. Como consequência sua prole tende a ser mais autocrítica com dificuldades de regular suas emoções. A autora também observa que a depressão nos pais pode ser um antecedente para a prática parental negligência, podendo ser esta a causa de drogadição e comportamento anti-social em crianças e adolescentes.

Estudos recentes que visam relacionar o uso das práticas educativas com depressão têm confirmado que filhos de mães com depressão crônica têm maior risco de apresentar distúrbios emocionais e problemas de comportamento com tendência a tornarem-se depressivos. Conger et al. (1997) e Pettit et al. (2001) demonstraram que mães com ansiedade ou depressão utilizam-se do controle psicológico como prática educativa. Patterson et al. (1992) identificaram nos pais com humor depressivo maior irritabilidade com os filhos e conseqüentemente aumento da densidade das trocas aversivas originando déficits em habilidades sociais.

## 2. Ansiedade

O transtorno de ansiedade acomete 12% da população mundial, tendo uma taxa de prevalência de 5% durante a vida de um indivíduo. Adultos com ansiedade preocupam-se demasiadamente com circunstâncias cotidianas e rotineiras, desde a responsabilidade com o emprego, finanças, saúde de membro das famílias até questões menores como as tarefas domésticas e atrasos a compromissos. Geralmente, os indivíduos com este tipo de transtorno não percebem suas preocupações como excessivas e relatam seu sofrimento devido à constante preocupação, pois esta prejudica no funcionamento social ou ocupacional (DSM-IV). Kaplan, Sadock, Grebb (2002) definem a ansiedade como um sentimento de apreensão provocado pela antecipação de um perigo, interno ou externo.

De acordo com a psicologia do desenvolvimento, o sentimento de ansiedade é precocemente vivenciado pelo indivíduo. Para Bowlby (1948/1984) a separação da pessoa do apego pode ser vivenciada pela criança como ansiedade e é possível identificá-la pelo choro ou irritabilidade em uma criança que é separada da mãe, especialmente entre os 10 e 18 meses de idade. Spitz (1935/1988) desenvolveu o termo “angústia do oitavo mês” para significar a ansiedade vivenciada pela criança quando ela é capaz de diferenciar as faces das pessoas, assim a criança sente-se angustiada quando alguém estranho a sua mãe se aproxima provocando o choro.

Sendo assim, para Leite (2001) a ansiedade é uma resposta emocional comum e nem sempre deve ser vista como fator negativo. Níveis moderados de ansiedade podem exercer a função de motivadores que mobilizam o sujeito.

No entanto, este sentimento que é comum ao ser humano pode transformar-se em patologia psicológica/psiquiátrica. O manual de classificação internacional de transtornos mentais (DSM-IV) considera que a ansiedade pode progredir para um ataque de pânico (início súbito de intensa apreensão, temor ou terror associados a sintomas de falta de ar, palpitações, dor ou desconforto torácico, sensação de sufocamento e medo de ficar louco ou perder o controle). O DSM-IV indica 12 tipos de transtornos de ansiedade: 1) transtorno de pânico com agorafobia (ansiedade ou esquiva a locais ou situações): são ataques de pânico recorrentes e inesperados; 2) transtorno de pânico sem agorafobia: ataques de pânico inesperados e recorrente acerca dos quais o indivíduo se sente persistentemente preocupado; 3) presença de agorafobia e os sintomas típicos do pânico, mas sem história de ataques de pânico inesperados; 4) fobia específica: ansiedade provocada pela exposição a um objeto ou situação específica e temida levando ao comportamento de esquiva; 5) fobia social: ansiedade provocada pela exposição a certos tipos de situações sociais ou de desempenho levando ao

comportamento de esquiva; 6) transtorno obsessivo-compulsivo: caracteriza-se por obsessões (causam ansiedade ou sofrimento) e/ou compulsões (servem para neutralizar a ansiedade); 7) Transtorno de estresse pós-traumático: é a revivência de um evento extremamente traumático, acompanhada por sintomas de excitação aumentada e esquiva de estímulos associados com o trauma; 8) transtorno de estresse agudo: são sintomas similares àqueles do transtorno de estresse pós-traumático ocorrendo logo após um evento extremamente traumático; 9) transtorno de ansiedade generalizada: o indivíduo considera difícil controlar a situação. A ansiedade e a preocupação vem acompanhadas de pelo menos três sintomas de uma lista que inclui, inquietação, fadigabilidade, dificuldade em concentrar-se, irritabilidade, tensão muscular e perturbação do sono; 10) transtorno de ansiedade devido a uma situação médica geral: são os sintomas de ansiedade como consequência fisiológica; 11) transtorno de ansiedade induzido por uso de substância: sintomas fisiológicos decorrentes de abuso de drogas, medicamento ou exposição a toxina; 12) transtorno de ansiedade sem outra especificação: esta classificação é utilizada para os sintomas de ansiedade dos quais existem informações inadequadas ou contraditórias.

Observa-se na classificação acima diversas formas de manifestação da ansiedade, porém para Lundin (1972) nem todo organismo reage da mesma forma quando colocado em situações ansiógenas. Entretanto, faz-se necessário acrescentar que adultos com distúrbios de ansiedade têm crianças com alto risco de desenvolver este distúrbio. Nos lares onde o padrão dominante dos pais é o de ansiedade, este poderá ser transmitidos aos filhos através da imitação. Segundo Malagris e Castro (2000) mães ansiosas podem transmitir insegurança para seus filhos, favorecendo o desenvolvimento desses transtornos na infância devido ao apego inseguro. Barber (1996) sugere que se

investigue a correlação da ansiedade dos pais com o aumento do risco de gerar delinquência nos filhos.

Os estudos de Hudson e Rapee (2001) buscaram as correlações entre os estilos parentais e a ansiedade e identificaram que pais ansiosos respondem às crianças com mais super-proteção, ou seja, ensinam a seus filhos que o mundo é um lugar perigoso e portanto precisam de proteção. De acordo com Lundin (1972) a ansiedade quando crônica pode ser um antecedente de distúrbios mais graves, como obsessões e compulsões, alcoolismo, episódios psicóticos, etc. Assim, a verificação do nível de ansiedade nos pais pode dar indícios do porquê de determinadas práticas educativas serem mais ou menos freqüentes no manejo educacional deles com seus filhos.

### 3. Stress

O stress, nos dias atuais, tem sido um distúrbio em ascensão e inevitável na vida moderna. Todavia, não há uma definição amplamente aceita, mas considera-se que diante do estresse as pessoas têm as mais diferentes reações. (Hinkle, 1987).

Os primeiros estudos sobre estresse foram desenvolvidos na década de 1930 por Hans Selye que em 1936 definiu estresse como uma resposta específica do corpo a uma exigência feita a ele. De acordo com Kaplan, Sadock e Grebb (2002) o caráter do estresse, os fatores psicofisiológicos e a natureza dos conflitos emocionais são ainda controvertidos, contudo o estresse é considerado como um evento ou situação de vida estressante (interno ou externo, agudo ou crônico) que gera desafios aos quais o organismo não consegue responder adequadamente.

Para Falcone (1997) o principal propósito do estresse é a proteção do perigo através de um sinal de alerta ao organismo de situações de risco potencial e acrescenta

que se o organismo possuir repertório para agir diante da situação estressora, o estresse tem um caráter benéfico.

De acordo com Lazarus e Folkman (1984), o estresse é uma relação particular entre a pessoa e o ambiente que é apreciado por ela como excedente aos seus recursos, colocando em perigo o seu bem-estar. Este conceito aborda uma perspectiva psicológica, assim há um aspecto subjetivo indicando que cada pessoa reage à mesma situação de diferentes maneiras. Afirma Yunes (2001) que uma mesma situação de vida pode ser experienciada por um indivíduo como perigo, enquanto outro a percebe como um grande desafio. Assim, as variáveis individuais são fundamentais no desenvolvimento do estresse.

Segundo Lipp (1997) toda resposta de estresse possui componentes emocionais e físicos, existindo uma correspondência entre a tensão emocional experimentada pelo indivíduo em um dado momento e as reações físicas exibidas por ele. Raciocínio semelhante foi desenvolvido por Selye (1965) que afirmou ser a Síndrome do Stress um conjunto de reações orgânicas e psíquicas (mecanismos de ajuste internos) que são decorrentes de um ou mais estímulos capazes de ameaçar a integridade da vida.

Lipp (1998) que elaborou um Inventário de Sintomas de Stress baseou-se no modelo trifásico de Selye (1974). No primeiro, a fase de alerta, o organismo se prepara para reações de luta e fuga, sendo que os sintomas dessa fase referem-se ao preparo do organismo para preservação da vida. Se o estresse não desaparecer passa-se para a fase de resistência, onde o organismo tenta se adaptar as exigências do meio para alcançar um equilíbrio interno, sendo que aparecem sintomas de cansaço e desgaste. Se o estressor é contínuo e a pessoa não consegue lidar com o evento, entra-se na fase de exaustão, onde doenças mais graves aparecem como, por exemplo, problemas cardíacos e estafa. Lipp (1998) acrescentou uma quarta fase intermediária entre a fase de

resistência e exaustão, denominada pela autora como quase-exaustão. Esta fase caracteriza-se por um enfraquecimento global da pessoa que não mais consegue adaptar-se ou resistir ao evento estressor.

De acordo com a teoria sobre estresse, pode-se sugerir que uma pessoa estressada fica irritada, tensa e sem paciência. Sendo assim, pais estressados podem utilizar-se de práticas educativas negativas como a monitoria negativa, transformando-se numa fonte de estresse para a criança e criando um círculo vicioso com pais e filhos estressados influenciando-se mutuamente. Gomide (2003) acrescenta que também o humor instável pode agir como estressor para a criança, que dependerá sempre do estado diário do humor dos pais para receber ou não reforço ou punição. Segundo Patterson, Reid e Dishion (1992), as famílias com altos índices de estresse estão sob o risco de gerar nos filhos comportamentos anti-sociais.

#### 4. Habilidades Sociais

A capacidade humana de conviver socialmente e as estratégias emitidas na relação com o outro são denominadas desempenho social; no entanto, a habilidade social é o conjunto dos desempenhos apresentados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal. Em contrapartida, os déficits de habilidades sociais estão associados a dificuldades e conflitos nas relações interpessoais e a uma variedade de dificuldades relacionais, tais como problemas conjugais, isolamento, desajustamento escolar, delinquência, suicídio, além de síndromes clínicas como a depressão e a esquizofrenia. (Del Prette & Del Prette, 2001). Para Caballo (1987), os déficits em habilidades sociais podem estar relacionados a transtornos psicológicos; por outro lado, o desenvolvimento das habilidades sociais previne o aparecimento de condutas anti-sociais.

Para Alvarenga e Piccinini (2001), os comportamentos pró-sociais são aqueles que seguem certos princípios morais e desenvolvem na criança a independência, autonomia e responsabilidade, desta forma desenvolvem adequadamente seu papel social.

Assim, os comportamentos pró-sociais propiciam elevado autoconceito e autoestima na criança e no adolescente. O primeiro se refere à percepção que a pessoa tem de si mesma e o segundo baseia-se no quanto a pessoa sente-se adequada e satisfeita nas habilidades que para ela são importantes.

Quanto ao seu oposto, o comportamento anti-social, Vuchinih, Bank e Patterson (1992) o definem em crianças que transgridem as regras sociais ou outros atos, como luta, mentiras, vandalismo, roubo, fogo etc., e outras especificações constantes no DSM IV, como transtorno de conduta da criança. O comportamento anti-social desde cedo pode predizer problemas de socialização futura como delinqüência, crimes na vida adulta, alcoolismo, fracasso escolar, problemas de emprego.

Para resumir, Patterson et al. (1992) destacam três habilidades de administração familiar que se relacionam à competência social da criança, o uso contingente de reforço positivo, a habilidade de resolver problemas de grupo e o envolvimento dos pais, e afirmam que os pais de jovens com comportamento anti-social são estressados, tendem a ficar irritados nas relações familiares, repreendem questões triviais, falham na monitoria positiva e na supervisão das necessidades materiais e psicológicas, fazem disciplina relaxada, cedem nas chantagens dos filhos e usam de punição inconsistente.

Para finalizar, cita-se a pesquisa desenvolvida por Ferreira e Marturano (2002). Estes pesquisadores realizaram estudo com 141 crianças, dividindo em dois grupos, crianças sem problemas de comportamento e outro com problemas de comportamento. A pesquisa teve como objetivo documentar em crianças com queixa de dificuldade de

aprendizagem, associações entre problemas de comportamento e variáveis do ambiente familiar. Verificou-se que o ambiente familiar apresenta menos recursos e maior adversidade, incluindo problemas nas relações interpessoais, falhas parentais quanto à supervisão, monitoramento e suporte, indícios de menor investimento dos pais no desenvolvimento da criança, práticas punitivas e modelos adultos agressivos. Esta pesquisa identificou que os comportamentos externalizantes, hiperatividade, impulsividade, oposição, agressão, desafio e manifestações anti-sociais se desenvolvem em contextos de adversidade na família. Sendo assim, a cadeia de eventos que conduz muitos adolescentes para grupos anti-sociais começa no lar.

### **Transmissão Intergeracional.**

Estudos científicos sobre este tema são relativamente recentes e significativamente complexos, pois abordar o conceito da transmissão intergeracional no contexto familiar convoca a discussão sobre o que é possível de se transmitir. A escritora e poetisa Clarice Lispector (1960/1998) no conto *Laços de Família* interroga-se sobre qual herança se transfere ao filho e responde que se trata de uma origem. É a vida em última instância que se transmite.

Nesse sentido a ciência está de acordo com a poesia, contudo a ciência psicológica objetiva compreender a forma como esta vida foi e/ou está sendo transmitida pelas práticas parentais e seus implicadores para a saúde mental e física dos filhos. É da responsabilidade parental promover a subsistência material de sua prole e, também, transmitir valores, comportamentos, regras, limites, introduzindo o filho na civilização. Não obstante, os filhos num futuro próximo deverão deixar sua família de origem para aventurar-se no mundo e fundar outra família, dando continuidade ao ciclo da vida e da morte, desta forma garantindo a manutenção da espécie.

No entanto, Bandura (1977) afirmou que filhos de pais agressivos perpetuam o modelo aprendido e Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington e Bornstein, (2000) constataram que o comportamento paterno constitui influência considerável na criação de crianças em ambas populações normais e anormais. Assim, pessoas com um passado mais sofrido e punitivo estão mais propensas a utilizar força e disciplina física com seus próprios filhos.

Os estudos intergeracionais essencialmente postulam que crianças criadas em ambientes familiares que permitem um desenvolvimento saudável se tornarão adultos plenamente normais capazes de serem bons pais, enquanto disfunções na família de origem resultarão em má adaptação por parte dos filhos que será mantida e, portanto, resultará no impacto negativo do funcionamento familiar na geração seguinte. Capaldi, Conger, Hops e Thornberry (2003) realizaram pesquisa longitudinal com três gerações sobre a continuidade intergeracional das práticas parentais e a relação com o comportamento da criança. Confirmaram que a criança aprende as práticas de seus pais e reproduzem quando eles próprios se tornam pais. Esta pesquisa também reafirmou que problemas de externalização na criança e comportamentos anti-sociais nos jovens foram precedidos de práticas parentais empobrecidas. Whitbeck, Hoyt, Simons, Conger e Lorenz (1992) discutem que a rejeição dos pais é passada para as gerações seguintes, mas acrescenta que esta transmissão está mediada por efeitos depressivos.

Pesquisa de natureza longitudinal realizada no Brasil por Oliveira et al. (2002) com 25 meninas e 25 meninos e suas respectivas mães demonstrou a transmissão do estilo autoritário, mas não do democrático-recíproco. O estilo autoritário materno previu tanto comportamentos externalizantes na criança (agressão verbal ou física, destruição de objetos, mentira etc.) quanto internalizantes (retração social, ansiedade e depressão), enquanto a atitude conjugal conflituosa previu apenas externalização.

No entanto, a literatura questiona e discute a metodologia adotada nesses estudos. A pesquisa prospectiva associada a observações e outras fontes de informação é apontada como possibilidade de superação das dificuldades apresentadas pelas pesquisas longitudinais retrospectivas. “Os estudos geralmente têm como alvo adultos jovens como único informante para informações sobre o comportamento dele mesmo e de seus pais ou dos membros de sua família. Esse tipo de informação está sujeito a incertezas e erros particulares que ocorrem em estudos retrospectivos” (Hops, Davis, Craig e Sheeber (2003), bem como pelas falhas de memória e distorções baseadas em circunstâncias de vida ou disposições pessoais (Chen & Kaplan, 2001). A pesquisa de Hops et al. (2003) utilizou-se de procedimento prospectivo e análise de observação do comportamento paterno em duas gerações (segunda/G2 e terceira/G3). Os dados forneceram evidências da passagem da agressividade paterna através de gerações. Em particular, adolescentes que estiveram expostos ao comportamento severo dos pais durante interações familiares foram mais propensos a se comportar de forma agressiva para com seus filhos quando adultos.

Conger, Neppe, Kim, Scaramella (2003) realizaram outra pesquisa prospectiva, utilizando-se de observações de interações familiares e análise com várias informações de comportamentos. Os resultados não encontraram ligação direta entre a agressividade de G2 durante a adolescência e a agressividade de G3 vários anos depois. Porém, a agressividade dos pais G1 aumentou o risco de agressividade de G2 e a agressividade de pais G2 aumentou o risco da agressividade de G3 durante sua infância. Concluíram que pais da primeira geração afetam diretamente a ligação entre pais e filhos na geração seguinte.

Outra perspectiva de estudos existentes na literatura internacional tem apontado para a importância do contato intergeracional para o desenvolvimento dos jovens e das

peças mais velhas. Sugerem que as relações dos adultos não provêm apenas dos pais, mas dos avós, vizinhos e pessoas mais velhas (Faer, 1995; Freedman, 1989).

Faer (1995) sugere um projeto intergeracional que incentive a relação entre jovens e pessoas mais velhas. Afirma que no adolescente há melhora da auto-estima e da saúde física e redução da taxa de desistência escolar, enquanto na população mais velha existem a promoção e manutenção da saúde física e mental reduzindo a institucionalização.

Pesquisa realizada no Brasil demonstrou como os avós podem desempenhar um relevante papel na família. Araújo e Dias (2002) realizaram estudo sobre os tipos de apoio oferecidos pelos avós aos netos após a separação/divórcio dos pais. Os resultados indicaram aumento na atividade de dar conselhos, transmitir informações sobre a família e telefonar.

Quanto à transmissão de valores positivos entre as gerações, Taris, Semin e Bok (1998) confirmam que este tipo de transmissão beneficia-se quando há boas relações mãe e criança.

Cabe salientar que a tendência dos estudos citados acima aponta para a linearidade, isto é, o desenvolvimento emocional possivelmente depende diretamente das habilidades pró-sociais ou anti-sociais dos pais. No entanto, como compreender as circunstâncias em que a geração seguinte conseguiu superar as adversidades e romper com a continuidade intergeracional negativa?

Os estudos sobre resiliência desenham uma possibilidade de compreensão. Este termo é comumente definido como a capacidade de o indivíduo, ou família, enfrentar as adversidades, ser transformado por elas, mas conseguir superá-las. (Franco, 2000).

Ralha-Simões (2001) discute um ponto curioso acerca do tema. Interroga-se se deveria falar em resiliência sempre que houver sobrevivência física e psicológica da

pessoa diante dos fatores de risco ou seria resiliente o indivíduo que, além da superação das adversidades, sente-se feliz e em paz com a sua existência.

Flach (1991) cita como atributos que caracterizam um sujeito resiliente a independência de pensamento e ação, a habilidade de dar e receber, o senso de responsabilidade, o reconhecimento e desenvolvimento dos próprios talentos, a percepção dos próprios sentimentos e dos outros, a tolerância ao sofrimento, capacidade de adaptação, a flexibilidade e o compromisso com a vida num contexto filosófico em que experiências pessoais possam ser interpretadas com significado e esperança.

Constata-se que o conceito de resiliência está envolto de ideologias relacionadas à noção de sucesso e de adaptação às normas sociais. No entanto, esta noção funda dois grupos: os resilientes e os não-resilientes. Tese esta refutada e criticada por Yunes (2002), que em palestra proferida no I Congresso de Psicologia do Conselho Federal, em São Paulo, afirma que a resiliência é um fenômeno que procura explicar os processos de superação de adversidades, mas não se confunde com invulnerabilidade porque não se trata de resiliência absoluta às adversidades. Acrescenta que este conceito é recente em psicologia e sua definição ainda não é clara e que os fenômenos humanos que devem ser levados em conta são complexos e múltiplos.

Para Tavares (2001), o desenvolvimento de capacidades de resiliência nos sujeitos passa através da mobilização e ativação das suas capacidades de ser, estar, ter, poder e querer, ou seja, pela sua capacidade de auto-regulação e auto-estima. O autor afirma que a resiliência não deve ser apenas um atributo individual e que pode estar presente nas instituições e organizações.

Ralha-Simões (2001) discute que o conceito de resiliência não é um escudo protetor que alguns indivíduos teriam, mas a possibilidade de flexibilidade interna que

lhes tornaria possível interagir com êxito, modificando-se de uma forma adaptativa em face dos confrontos adversos com o meio exterior.

Quanto à origem desta capacidade, os autores dividem-se entre destacar o traço de personalidade ou temperamento (Flach, 1988; Garnezy, 1984), ou a interação com o ambiente (Flach, 1991; Rutter, 1993; Tavares, 2001; Pereira, 2001; Yunes, 2001; Ralhasimões, 2001; Trombeta & Guzzo, 2002).

Yunes e Szymanski (2001) afirmam que os fatores de risco existem, mas sempre devem ser pensados como processo e não como variável isolada, porém destacaram o divórcio dos pais, perdas de entes queridos, abuso sexual/físico contra a criança, pobreza, desastres e catástrofes naturais, guerras como situações propiciadoras de risco.

Em complemento, a literatura citada acima destaca como fatores de proteção: as condições do indivíduo (otimismo, autonomia, tolerância ao sofrimento, assertividade, estabilidade emocional, boa auto-estima, habilidade para resolver problemas); as condições familiares (qualidade das interações, estabilidade, boa comunicação com os filhos, consistência) e as redes de apoio do ambiente (um ambiente tolerante aos conflitos, demonstrar reconhecimento e oferecer limites realistas).

No entanto, para Trombeta e Guzzo (2002), não há instrumentos de avaliação de resiliência eficazes para compreender este construto. Yunes (2001) questiona alguns estudos realizados sobre o tema que tendem à mensuração e interroga-se se poderia mensurar a resiliência, tal qual a inteligência e auto-estima. Yunes e Szymanski (2001) criticam o caráter ideológico encontrado nos estudos da resiliência. “A lista de qualidades pessoais, da família e da rede social nos faz pensar naqueles que não apresentam as características mencionadas, não tem família no modelo descrito e não tem acesso a uma rede social. Não serão nunca identificados como resilientes ou competentes socialmente?” (p.41).

Pesquisas recentes sobre o tema (Bronfenbrenner, 1996; Yunes, 2001; Trombeta & Guzzo, 2002) apontam novas diretrizes para o estudo da resiliência, a saber, a importância da interpretação dada pelo indivíduo acerca das adversidades como mais significativa que os fatores de risco propriamente ditos.

Enfim, variáveis e processos precisam ser estudados sempre que o tema da resiliência estiver em destaque. No entanto, os diversos autores e pesquisas parecem indicar a concluir que a capacidade de amar, trabalhar, divertir-se, ter expectativas e projeto de vida, conseqüentemente dando um sentido à existência, denotam ser a base em que as habilidades humanas apóiam-se para serem utilizadas diante das adversidades da vida.

## **OBJETIVOS**

Este estudo contempla quatro objetivos:

- 1) Identificar, por meio de entrevista, a presença das Práticas Educativas Positivas e Negativas em famílias identificadas pelo Índice de Estilo Parental de risco e de não risco;
- 2) Comparar as Práticas Educativas Parentais entre as famílias de risco e de não risco;
- 3) Verificar a correlação entre o Índice de Estilo Parental e as habilidades sociais, stress, ansiedade e depressão medida respectivamente pelos Inventários de Habilidades Sociais (Del Prette), Sintomas de Stress (Lipp), Ansiedade Traço-Estado (Biaggio & Natalício) e Escala de Depressão (Beck);
- 4) Verificar a influência intergeracional na transmissão das práticas educativas parentais.

## Método

**Participantes:** A amostra desta pesquisa foi composta de quatro famílias com pai, mãe e filho (a). Duas famílias foram classificadas pelo Índice de Estilo Parental de risco (IEP entre -08 a -34) e duas famílias com Índice de Estilo Parental de não-risco (IEP entre +07 a + 15).

**Local:** As entrevistas foram realizadas nas residências das famílias ou no consultório da pesquisadora, de acordo com a opção feita pelos entrevistados em contato telefônico prévio.

**Instrumentos:** Foram utilizados seis instrumentos e duas medidas comportamentais.

- a) Entrevista semi-estruturada com tópicos previamente selecionados visando à coleta qualitativa dos dados. A entrevista contém 55 perguntas distribuídas entre os temas, práticas educativas, concepção de maternidade, paternidade e família. (Anexo 3)
- b) Inventário de Estilos Parentais, IEP (Gomide, 2003) aplicado nos adolescentes e pais. O IEP é composto de 42 questões abordando práticas educativas positivas e negativas sendo que cada uma das sete práticas pode perfazer um total máximo de 12 pontos e mínimo de zero. Após a aplicação do questionário, é calculado o índice de estilo parental de risco somando-se os resultados obtidos nas práticas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) e subtraindo-se do somatório das práticas negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico). Este cálculo fornece um valor

numérico, que é indicativo de maior ou menor risco educacional para o filho.  
(Anexo 1 e 2)

- c) Inventário de Depressão Beck, BDI, 1961 é uma escala de auto-aplicação, de vinte e um itens, cada um com quatro alternativas, subtendendo graus crescentes de gravidade da depressão, com escores de zero a três. O escore total permite a classificação em quatro níveis de intensidade da depressão: mínimo, leve, moderado e grave. (Anexo 4)
- d) Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp, 2000 é constituído de três quadros que se referem às quatro fases do estresse. No primeiro quadro, composto de doze sintomas físicos e três psicológicos, o respondente assinala os sintomas que experimentou nas últimas vinte e quatro horas. No segundo quadro, composto de dez sintomas físicos e cinco psicológicos, marcam-se os sintomas experimentados na última semana e o terceiro quadro composto de doze sintomas físicos e onze psicológicos assinalam-se os sintomas experimentados no último mês. Este inventário visa identificar de modo objetivo a sintomatologia que o indivíduo apresenta, avaliando se este possui sintomas de estresse, o tipo de sintoma existente, somático ou psicológico, e a fase em que se encontra, alerta, resistência, quase exaustão e exaustão. (Anexo 6)
- e) Inventário de Ansiedade Traço-Estado, parte I e II (Biaggio & Natalício, 1979) é apresentado em duas escalas distintas de auto-aplicação, elaboradas para medir dois conceitos distintos de ansiedade: estado de ansiedade consiste em vinte afirmações que o sujeito deve indicar como se sente no momento, e traço de ansiedade consiste também de vinte afirmações que requerem que os indivíduos descrevam como geralmente se sentem. Os resultados obtidos indicam três possibilidades de interpretação, se o sujeito apresenta baixo estado de ansiedade,

se controla adequadamente os sentimentos ansiogênicos ou se apresenta alto estado de ansiedade. (Anexo 5)

- f) Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette & Del Prette, 2001) é um instrumento de auto-aplicação com 38 itens que descrevem situações sociais em vários contextos (trabalho, lazer, família), com diferentes tipos de interlocutores (colegas, familiares, superiores) e com demandas para uma diversidade de habilidades (falar em público, expressar sentimento, pedir mudança de comportamento). Os resultados do IHS permitem identificar déficits e recursos em habilidades sociais, bem como o planejamento e acompanhamento de estudos e programas de intervenção. (Anexo 7)
- g) Medidas Comportamentais: nota escolar e *checklist*. A nota escolar foi obtida na secretaria da escola, referente à média escolar geral atingida no ano de 2002. O *checklist* (Gomide, 2002) contém trinta perguntas, sendo quinze de comportamentos pró-sociais e quinze de comportamentos anti-sociais. Três professores foram selecionados e deveriam assinalar a frequência dos comportamentos pró e anti-sociais emitidos pelo adolescente no colégio. (Anexo 8)

**Procedimentos:** Inicialmente a pesquisadora selecionou trinta e sete Inventários de Estilo Parental aplicados nos alunos de três turmas de oitava série de um colégio particular de Curitiba, no primeiro semestre de 2002. Estes inventários foram escolhidos a partir do cálculo do Índice de Estilo Parental e identificaram-se dezoito alunos que obtiveram índice igual ou superior a + 11 ao pai, mãe ou ambos e dezenove alunos atribuíram índice igual ou inferior a - 11 a um dos pais ou ambos. O resultado positivo foi considerado indicativo de família com predominância de práticas educativas

positivas, bem como o raciocínio inverso foi estabelecido. A partir desta pré-seleção, quatro famílias foram escolhidas, duas com ambos os pais apresentando índices positivos e duas com índices negativos. Em seguida, a orientadora educacional do colégio entrou em contato com os pais solicitando a concordância deles para realizarem entrevista com a pesquisadora. Após o aval dos pais à orientadora educacional, a pesquisadora fez contato telefônico para definir horário, data e local da entrevista. Estas entrevistas foram realizadas em datas diferentes e separadamente com a mãe e com o pai. Isto foi feito para possibilitar a livre expressão de cada sujeito, sem que um interferisse na fala do outro. A coleta de dados foi realizada em duas etapas. No primeiro encontro a pesquisadora realizou a entrevista e no segundo encontro aplicou os inventários. Todas as entrevistas foram gravadas com a aquiescência do entrevistado e transcritas na íntegra, para posterior análise. Cada encontro durou entre uma e duas horas. Após a conclusão desta primeira etapa, solicitou-se à orientadora educacional o fornecimento das notas escolares dos quatro alunos selecionados e o *checklist* foi entregue aos professores de ciências, história e matemática em função do critério de maior proximidade desses professores com os estudantes do colégio.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As quatro famílias que fazem parte deste estudo foram selecionadas mediante a aplicação do Inventário de Estilo Parental (Gomide, 2003) que identificou estilos parentais negativos em duas delas e estilos parentais positivos, nas outras duas. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas e aplicação de vários instrumentos: Inventário de Depressão (Beck, 1961); Inventário de Sintomas de Stress (Lipp, 2000); Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Biaggio & Natalício, 1979); Inventário de Habilidades Sociais (Del Prette, 2001); Inventário de Estilo Parental Intergeracional (Gomide, 2003); *Checklist* para professores (Gomide, 2002) e notas escolares.

Inicialmente serão apresentados os dados referentes às duas famílias que apresentaram índices positivos no Inventário de Estilo Parental (IEP) e posteriormente os das duas famílias com índices negativos no IEP.

### **Famílias com índices positivos no IEP**

Das duas famílias com IEP positivos, a primeira era de classe média, composta por pai de 45 anos e mãe de 42 anos, ambos profissionais liberais da área da saúde. O casal separou-se há 10 anos. O filho, à época com quatro anos, ficou com a mãe. O pai casou-se novamente e teve outro filho, eles residiam em outro estado. A segunda família também era de classe média, com pai de 42 anos e mãe de 39 anos. Ambos trabalhavam como professores. O casal separou-se há cinco anos e desde então decidiram pela guarda compartilhada dos filhos. O casal teve dois filhos, um adolescente de 17 anos e uma moça de 14 anos.

No quesito perdas financeiras ou emocionais a mãe da primeira família destacou redução salarial recente e o pai identificou a separação conjugal por ter enfrentado dificuldades de relacionamento com o filho. Já os pais da segunda família relataram a separação conjugal como causadora de perda afetiva e financeira.

O Inventário de Estilo Parental (IEP) aplicado no filho da primeira família e na filha da segunda família revelaram a percepção deles sobre as Práticas Educativas de seus pais que serão utilizadas como base deste estudo qualitativo. A tabela 2 apresenta os resultados da aplicação do IEP nos filhos.

Tabela 2. Inventário de Estilos Parentais dos filhos

PRATICAS EDUCATIVAS	MÃE (1)	PAI (1)	MÃE (2)	PAI (2)
Monitoria Positiva	10	07	11	11
Punição Inconsistente	02	00	01	04
Negligência	05	02	00	00
Comportamento Moral	12	11	12	12
Disciplina Relaxada	02	01	04	04
Monitoria Negativa	06	01	03	01
Abuso Físico	00	00	00	00
Índice de Estilo Parental	+ 07	+ 14	+ 15	+ 14

Como se pode observar na tabela 2, tanto o IEP das mães como o dos pais são positivos e mostram baixas pontuações nas práticas educativas de risco (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico), altas pontuações em comportamento moral e monitoria positiva, que são as duas práticas parentais correlacionadas ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais.

Inicialmente perguntou-se às mães as suas concepções de maternidade e aos pais sobre paternidade. As falas obtidas para a composição destas categorias podem ser acompanhadas nos discursos-síntese abaixo.

“Eu acho um desafio... é uma baita responsabilidade... essa decisão de ter um filho é uma coisa para sempre... Eu tive muita dificuldade para ser mãe... eu engravidei por escape... Para mim, ser mãe é apoiar o filho, ajudando a construir um caminho, uma personalidade, valores... Eu me senti com algum objetivo de estar nesta existência. Deu um sentido para a minha vida e para a humanidade... Ser mãe é estar construindo junto a civilização... ser mãe hoje não é diferente de antigamente, a gente vê as coisas se repetindo... Eu fiz questão de levar uma vida de almoçar em casa, os dois juntos, arrumar uma mesa. Acho que esses valores são importantes para depois ele ter estrutura para enfrentar a história dele”. *Discurso-síntese mãe 1.*

“Os filhos trazem para a gente aprendizados maravilhosos. Aprende-se mais do que se ensina... a função do pai é um papel muito mais de observador da natureza daquilo que você pôs no mundo... Quando você observa, você só interfere quando precisa... desde o básico de jogar papel no lixo até a questão da ética e da moral... Vai acompanhando, conversando, mostrando como eu vejo e como ajo... Ser pai hoje é Igual. Não muda nada... Vão ter os problemas deste século, como teve no século passado e terão os próprios do próximo século... Mas não é porque mudou os tempos que a postura do pai vai mudar. Mas precisa se atualizar e ficar atento. Tem que saber que tem problema na rua”. *Discurso-síntese pai 1.*

“Para mim ser mãe é um grande aprendizado de re-olhar, de rever, de visitar as suas coisas, de repensar a história da sua vida com as outras pessoas... Eu vivo um dilema porque minha adolescência foi atípica. Eu não olhava para mim... eu sublimava, jogava num canto escuro... Através da minha filha me repensei... Ser mãe é um exercício contínuo... de paciência, de generosidade, abnegação. Aprender a ser mãe é olhar para a mãe da gente, a avó da gente, olhar para as pessoas... É não perder de vista de que filho é um outro... Acho que uma mãe tem que mediar um pouco isso entre ser abnegada, mas também cuidar de suas próprias necessidades para não cobrar depois, até porque o filho não pode pagar... Ser mãe hoje me assusta um pouco... essa sociedade muito individualista e consumista...” *Discurso-síntese mãe 2.*

“Eu acho que você trabalha com as referências que se tem e a minha relação com o meu pai sempre foi extremamente conflitada. Meu pai era muito criativo, talentoso, mas extremamente autocentrado... Isso deixa marcas no filho. Então para eu ser pai eu fui tentando ser meio diferente... Ser pai, acho que é uma coisa assim, de estar presente, dar apoio, conversar... Ser pai na atualidade é um desafio. Tem o lance das drogas, a violência é uma coisa assustadora”. *Discurso-síntese pai 2.*

Verifica-se nos relatos parentais que as concepções dos pais sobre suas funções se assemelham e ultrapassam os modelos tradicionais de maternidade e paternidade respectivamente entendidos como o atendimento às necessidades do filho e das atividades domésticas, e a de provedor financeiro. Observou-se no discurso da mãe 2 a idéia tradicional de pessoas abnegadas e generosas, mas ela acrescentou o atendimento às necessidades pessoais de uma mãe. Já a mãe 1, que demonstrou certa dificuldade no exercício da maternidade, apresentou negligência e monitoria negativa altas no IEP. A concepção tradicional de pai provedor está ausente nos discursos paternos. Estudo

realizado por Trindade, Andrade e Souza (1997) indicou que as transformações no modelo tradicional do exercício das funções parentais, especialmente a concepção do pai provedor, surgiram como consequência do desenvolvimento de relações mais íntimas e afetivas entre os pais e filhos.

Os pais e mães das duas famílias refletem sobre suas funções e respeitam a singularidade dos filhos sem abdicar da função de educadores. Demonstram estar atentos para transformar o filho num sujeito autônomo e social, capaz de gerir-se na vida. De acordo com Souza (1985), os pais transmitem tanto uma referência de origem contribuindo para a formação de um indivíduo quanto o desenvolvimento de um participante em sociedade.

Em seguida perguntou-se aos pais e às mães suas concepções de família.

Obtiveram-se os seguintes relatos.

“A família é o alicerce... Em todos os momentos a minha família foi o que me sustentou... Ao mesmo tempo em que eu percebo todo o apoio que eles me deram nos momentos difíceis, eu também consigo dar nos momentos que eles precisam. Tem essa troca... Eu acho que mesmo sendo separada, meu filho consegue ter uma família, tanto da minha parte, dos meus irmãos, avô, quanto da parte do meu ex-marido... Eu tentava superar as minhas dificuldades com o meu ex-marido. Eu tentei o tempo todo não misturar a minha raiva e passar para o meu filho ter raiva do pai para que meu filho não tivesse uma história tão sofrida quanto a minha”. *Discurso-síntese mãe 1.*

“O conceito de família pode variar bastante, pode ser só uma mãe ou só um pai... o que cria uma questão grave emocional é quando os pais ficam mal. A responsabilidade de criar filho é muito boa, não considero um peso. Acompanhar o filho, dar carinho, dar amor, dizer o que está certo, dar atitudes, botar limites é muito gostoso... Eu acho uma alegria muito grande quando você se dá conta de que você é sozinho e de que você pode dar conta de sua vida, assim você vai buscar pessoas para ficar do seu lado não para depender deles, mas para amá-los, dar carinho. Eu acho que a família pode contribuir muito para que você vá percebendo que pode viver bem sem o outro”. *Discurso-síntese pai 1.*

“Família é um grupo de pessoas que vivem juntos e se ajudam mutuamente para serem felizes. Com a separação conjugal não muda o conceito, mas a estrutura. Mas, a idéia de viver junto e lutar para ser feliz se mantém”. *Discurso-síntese mãe 2.*

“Família que digo não é necessariamente tradicional com pai e mãe, mas eu digo as referências familiares. Acho que família são pessoas que convivem em ambiente de intimidade... pessoas que têm relações de intimidade”. *Discurso-síntese pai 2.*

Os relatos ilustram que os pais reconhecem na família o alicerce primário de um ser humano, bem como compreendem que a separação conjugal não prejudica o desenvolvimento do filho, desde que os pais saibam lidar com os sentimentos. Carter e

Mcgoldrick (1995) afirmam que não é o divórcio, por si, que cria os transtornos de longo alcance, mas as circunstâncias específicas emanadas da separação, como a perda de um genitor, o conflito entre os pais, a qualidade de vida pós-separação, as mudanças estressantes decorrentes da separação.

Outro enfoque dos relatos está na concepção de família como âmbito de relações íntimas e produtoras de filhos seguros e independentes. Para Bradt (1995), intimidade é um relacionamento amoroso, sem fingimento. É dar e receber, uma troca. A intimidade cria e sustenta o sentimento de pertencer a, ao mesmo tempo em que percebe a singularidade de cada indivíduo. E para Gorayeb (1986) uma família caracteriza uma pequena sociedade, com suas regras e papéis definidos, e para isso o indivíduo precisa ter uma individualidade constituída e em seguida conhecer os limites de suas possibilidades de atuação aceitando as regras que a sociedade propõe como normas de convivência.

A seguir passou-se a investigar detalhadamente a presença ou ausência das sete Práticas Educativas Parentais. Sobre a prática positiva monitoria positiva identificaram-se os seguintes discursos-síntese.

“Quando ele sai eu sempre sei aonde ele vai e com quem... Ano passado eu fiquei preocupada acho que ele se apaixonou por uma menina do coral e ela judiou demais dele e ele sentiu muita raiva... este ano ele tomou a decisão de sair do coral, foi uma decisão dele e eu achei legal... Eu não ajudo nas atividades escolares porque ele não dá nenhum problema nos estudos. Este ano estamos fazendo mais atividades de lazer junto... Ele nunca apresentou problemas com álcool, drogas ou de comportamento no colégio. Ele tem uma relação diferente com as pessoas. Todos os empregados da minha mãe gostam do jeito atencioso dele lidar... Ele com 14 anos é super independente. Quando ele quer alguma coisa vai atrás. Eu deixo e dou força...” *Discurso-síntese “Monitoria Positiva” mãe 1*

“Eu quero saber porque me dá muito prazer saber o que ele está fazendo. Por outro lado, tem a coisa da preocupação. De ficar sempre com a orelha em pé para saber o que está rolando e eu pergunto mesmo... se eu percebo que ele não está com vontade de falar não insisto e retomo o tema em outro momento dando possibilidade de ele falar contando alguma dificuldade minha que eu tive quando na idade dele... Por causa da distância, nos falamos por telefone no mínimo três vezes por semana. Ou ele liga ou eu... Nós fazemos viagens, só nós dois juntos... O meu filho é muito afetuoso, se dá uma oportunidade ele demonstra o afeto... Ele é educado com estranhos”. *Discurso-síntese “Monitoria Positiva” do pai 1.*

“Agora mesmo eu vi que ela começou o segundo grau muito encantada e preocupação acadêmica nada. Aí eu cheguei junto, disse que ela não estava estudando... Quando ela volta das festas eu pergunto como foi... Esses dias ela foi grosseira com o irmão porque ela não queria falar que tinha tirado nota baixa. Aí

ele se ofendeu, eu disse espera aí, vai falar com ele e pedir desculpas. Ela foi e fizeram as pazes... Quando havia um castigo eu explicava o porquê e eles mesmos apontam hoje... Quando começou a sair para dormir na casa de amiga eu disse que ela deveria ajudar, colaborar... Quando ela sai, eu me preocupo em saber mais com quem vai e como volta, porque eu confio nela. Nunca desconfiei...Minha filha viveu no ano passado uma situação muito difícil que foi a morte da melhor amiga dela. Acho que isso reorientou minha filha, de repensar a vida. Foi difícil e ainda é difícil.” *Discurso-síntese “Monitoria Positiva” mãe 2.*

“Ela é muito entusiasmada, ela é muito falante, conta as coisas em casa. Quando dá um breque nisso é porque está cansada demais ou está chateada... Esse final de semana ela queria fazer várias coisas. Eu cortei. Eu coloco limites e ela não oferece muita resistência... Sobre as tarefas eu perguntava se ela tinha tarefas para fazer e se tinha feito. Se não estava entendendo ela pedia... Teve o caso da perda da amiga dela que foi violento. Mas todo mundo em casa sabia e foi dando apoio. Porque aí não tem o que fazer,...” *Discurso-síntese “Monitoria Positiva” do pai 2.*

Pode-se observar a partir dos discursos dos pais que a prática educativa monitoria positiva é formada pelos comportamentos elencados pela literatura (Patterson, Reid & Dishion, 1992; Chen & Zhou, 1997; Stattin & Kerr, 2000; Pettit, Laird, Dodge, Bates & Criss, 2001; Gomide, 2001, 2002, 2003) como adequados ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais. Destaca-se a supervisão da vida do filho, o estabelecimento de regras, a empatia e disposição para auxiliar o filho diante das dificuldades, incentivo a autonomia e boa comunicação entre pais e filhos. Principalmente, no pai 1 verifica-se que ele realiza suas funções paternas com real interesse. Este é um dos itens ressaltados pela literatura como fundamental para o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais no filho.

Wright e Cullen (2001) corroboram com a importância da supervisão, estabelecimento de regras com posicionamentos claros e as boas relações entre os membros da família como fundamentais para a diminuição de comportamentos de risco.

Os discursos dos pais sobre a prática educativa “comportamento moral” elucidam como esta prática é executada no cotidiano com seus filhos e os efeitos no comportamento deles.

“Não posso falar e não fazer. Eu tenho que bancar o que digo e ele fica me cobrando. Procuro aplicar na minha vida os valores que passo para ele. Acho até que é por isso que ele confia em mim. Pela coerência... Neste final de semana ele foi numa feira alternativa... Eu acho legal porque eles vão ver um mundo diferente e eu vou ter oportunidade de conversar e orientar... Eu não me lembro de nenhum comportamento que achei inadequado nos últimos tempos... Ele sempre reage diante de situações de injustiça e sempre fazendo a crítica. Quando ele estudou pela primeira vez a Abolição da Escravatura ele

ficou muito mal pensando no sofrimento daquelas pessoas... Eu acho que ele me considera um modelo que ele respeita, ele já me disse isso... acho que a simplicidade e a honestidade são valores importantes de se transmitir. O respeito pelo outro, ao que o outro sente. A tolerância.” *Discurso-síntese “Comportamento Moral” da mãe 1.*

“Eu acho que as minhas palavras têm peso e têm peso as atitudes. Eu gosto de falar para ele o que eu faço, como faço, como trabalho, quais são as minhas atividades... eu falo que ele dar conta da vida dele é muito importante, que é uma responsabilidade que ele tem de estudar... Sempre mostro a responsabilidade social que ele tem. O peso das atitudes dele perante o mundo, os colegas. Ser uma pessoa legal, educada, ser honesto. Coisas que deveriam ser obrigação de todo mundo. Quando ele não age assim eu chamo a atenção... Isso de olhar e se colocar no lugar do outro é uma coisa legal. Eu tento estimular isso nele. Aumentar a capacidade de análise, percepção e tolerância ao outro”. *Discurso-síntese “Comportamento Moral” pai 1.*

“Ela é muito interessante. Ela é surpreendente. Ela percebe diferenças éticas entre os professores... Diante das injustiças ela fica chocada... Eu transmito valores como a verdade, o respeito por outras pessoas. Procurar ser justo com as pessoas através das atitudes... Eu sou modelo de coerência, valores, mas não sou modelo de estética. Ela tem outro valor com a aparência. Isso a gente já conversou várias vezes e isso ficou resolvido entre nós... Acho que tem de fazer o que eu falo e vice-versa... Meus filhos nunca tiveram problemas com álcool ou drogas. Nunca aconteceu. Acho que a falta de valores, de outras necessidades humanas possa levar ao uso de drogas e álcool. Se não houver alguma coisa que apaixone meus filhos, fica um vazio e talvez aí as pessoas caiam, se entreguem”. *Discurso-síntese “Comportamento Moral” mãe 2.*

“Ela fica indignada, normalmente se vê atitudes em relação a alguém fica indignada, fala, defende... Comentários grosseiros sobre as pessoas eu corto na hora. Eu sempre falo muito com eles sobre o senso coletivo deles. Acho importante o relacionamento ético. De comportamento social, de percepção dos outros. Se você tem consciência do coletivo, você é assim com a namorada, o namorado, o irmão, mãe, pai, com a família... sobre o ditado faça o que digo, mas não o que faço, é o caminho para dar tudo errado. O descompasso é o atalho para dar tragédia... Eles não apresentam envolvimento com drogas. Mas a gente conversa abertamente sobre drogas. Nunca foi proibido de experimentar uma bebida, mas também nunca ganhou um espaço total para fazer o que bem entendia”. *Discurso-síntese “Comportamento Moral” pai 2.*

Novamente observa-se a presença das categorias descritas pela literatura como favoráveis ao desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, por exemplo, consciência ética e coletiva (Hoffman, 1975; Hughes & Dunn, 2000; Gomide, 2001, 2003). Loos, Ferreira e Vasconcelos (1999) afirmam que o desenvolvimento da moral envolve três perspectivas: a atitude moral da criança depois de ter internalizado as regras; os sentimentos morais adquiridos de acordo com os padrões vigentes e a possibilidade de a criança avaliar as situações.

Destaca-se também a empatia (Eisenberg, Fabes, Carlo, Speer, Switzer, Karbon & Troyer, 1993; Gomide, 2002) como sendo uma das principais estratégias utilizadas

pelos pais, tanto na relação direta com o filho como no incentivo em desenvolver esta habilidade na conduta do filho com terceiros.

Na seqüência serão apresentados os relatos parentais acerca das cinco práticas educativas negativas. Sobre a “monitoria negativa” foram obtidos os seguintes discursos.

“Sempre verifico se meu filho cumpriu com o combinado. Eu falo de novo até ele fazer... Às vezes, ele diz que sou chata, mas eu digo que só vou parar quando ele fizer... Tem sempre que dar um toque. São coisas de dia a dia... Quando vejo meu filho triste eu tento conversar, mas se ele não quiser eu recuo. Isso eu não insisto”. *Discurso-síntese “Monitoria Negativa” mãe 1.*

Nós combinamos e a coisa flui... Não me gera isso de verificar se meu filho fez aquilo que combinamos.” *Discurso-síntese pai 1.*

“Para algumas coisas banais eu preciso repetir a ordem várias vezes. Eu falo até ela fazer e ela faz. Preciso falar umas quatro vezes. Já aconteceu de ela dizer que ia fazer e não fazer. Aí cobro de novo”. *Discurso-síntese “Monitoria Negativa” mãe 2.*

“Eles são unidos contra nós no sentido de que quando falo demais, dou broncas demais, eles percebem que a gente está exagerando e eles se defendem... em alguns casos quando parece que estou falando o óbvio, ou eles estão de saco cheio, aí parece que ela desliga e não quer ouvir”. *Discurso-síntese “Monitoria Negativa” pai 2.*

O discurso-síntese do pai 1 confirma a ausência da monitoria negativa e a fala da mãe 1 demonstra a presença desta prática educativa, conforme identificado no IEP do filho. Porém, o índice obtido está dentro da média das famílias sem risco. Vale destacar que nos assuntos referentes à afetividade, a mãe 1 não se utiliza do monitoramento estressante. Para Gomide (2001), na monitoria negativa os pais exercem controle mediante a repetição de instruções, sendo que os filhos tendem a não cumpri-las, porém quando as práticas positivas são superiores às negativas ou estas possuem índices dentro da média, não há prejuízo ao desenvolvimento comportamental do filho.

Nos pais da família 2 a entrevista identificou a repetição de instruções com moderação. Assim que eles são sinalizados pelos filhos recuam deste tipo de atitude. Nota-se ainda que esta conduta educacional não está associada a outras características

da monitoria negativa como hostilidade, dissimulações e indução de culpa. (Barber, 1996; Gomide, 2003).

Referente à Prática Educativa “Punição Inconsistente” os pais indicam a presença da oscilação do humor e da chantagem em suas práticas educativas. Destacam-se os discursos dos pais da família 1, os quais apontam a presença da “punição inconsistente” e suas conseqüências no comportamento da criança durante a separação conjugal que ocorreu na primeira infância do filho.

“Na pré-escola ele era briguento... Me dava nervoso pelo meu filho estar sendo agressivo... quando pequeno, quando algo o contrariava, ele batia a cabeça no chão, na parede. Me preocupava esse autoflagelo... uma vez ele me perguntou quando pequeno, se a separação era por causa dele e isso me preocupou. Ele sempre foi uma criança sensível e muito rígida... Hoje tudo é diferente, mas quando eu estou nervosa, em TPM, eu chego para ele e aviso hoje fica na tua. Hoje eu não estou legal e vai sobrar para você... E se acontecer de eu me alterar, nunca de bater, mas de perder a cabeça no falar, depois eu vou e peço desculpa”. *Discurso-síntese “Punição Inconsistente” mãe 1.*

“Como eu me sentia culpado pela separação, eu não conseguia estabelecer uma relação com limites, de forma que meu filho ao estar comigo se transformava numa criança insuportável, me testava o tempo todo. Era uma chantagem que ele estava fazendo o tempo todo... Era uma relação muito ruim... Depois dos 10 anos a relação ficou sem esse nicho emocional... Meu filho deixou de ter asma, de ser uma criança obesa que ele era, deixou de ser fechada sem estabelecer contato com os amigos, sem conseguir fazer amizades. Hoje é uma outra relação... Claro que como qualquer ser humano, às vezes, falo demais, grito descompassadamente... Mas eu acho que não tenho dificuldades de pedir desculpas para o meu filho” *Discurso-síntese “Punição Inconsistente” pai 1.*

“Se eu não estou bem eu dou uma bronca mais pesada quando ela descumpra um combinado. A prosódia toda é mais intensa na forma de falar e agir. Se ela acha que ela passou do limite ela acata, mas se achar que eu exagerei, ela rebate e diz que não precisa ficar gritando, que não é bem assim. Ela se defende e eu me toco”. *Discurso síntese “Punição Inconsistente” mãe 2.*

“Se estou num dia mais cansativo influencia muito. Esta semana dei uma babada na minha filha por causa dos estudos... Isso é inevitável... Quando percebo que exagerei na reação, peço desculpas se é o caso de algo mais excessivo, caso contrário não... Já comprei presente para agradar, mas não é o comportamento padrão. Eu já usei como castigo tirar algo de que ela gostasse. Mas não lembro nada que tenha chamado a atenção. Mas na verdade acho que ela vinha negociar... Já usei ameaça, mas nunca cumpri porque acho isso muito pesado”. *Discurso-síntese “Punição Inconsistente” pai 2.*

Percebe-se nos relatos parentais a habilidade dos pais em reconhecer seus sentimentos de forma honesta com capacidade de desculpar-se diante de seus excessos afetivos. No entanto, ressalta-se que o pedido de desculpas freqüente pode se tornar repetitivo, desta forma perdendo a eficácia e transformando-se numa fala inconsistente.

Gomide (2002) indica que a punição inconsistente, como prática educativa, produz como consequência a perda da autoridade dos pais e comportamento agressivo com chantagem emocional no filho. Constata-se pelos discursos-síntese dos pais da família 1 que estas características estiveram presentes na relação com o filho durante a separação conjugal. Assim, a relação pais-filho ocorreu apoiada nas emoções e conflitos dos pais, no entanto, verifica-se que ambos foram capazes de superar suas dificuldades, possivelmente como resultado do processo psicoterápico realizado pelo pai e pelas orientações pedagógicas e terapias alternativas feitas pela mãe.

De acordo com Emery (1982), o nível de conflito entre os pais pode ser mais central no ajustamento do filho do que a ausência paterna ou o próprio divórcio.

A prática educativa “disciplina relaxada” não foi verificada nos pais da família 1, exceto no período da separação conjugal, conforme relato do pai 1. Já na família 2 observou-se que a filha apresenta sinais de temperamento opositor, mas a eficácia na conduta dos pais neutraliza os consequentes efeitos comportamentais desta prática, como a perda da autoridade dos pais, desconsideração do filho pelas regras, rejeição dos pares e engajamento em grupos desviantes. (Gomide, 2002).

“Hoje quando dou um castigo ele aceita, não desafia. Sempre procurei dar castigos que pudesse cumprir... Mas ultimamente não tenho precisado castigar porque ele é tão tranquilo”. *Discurso-síntese mãe 1.*

“Quando ele era pequeno, na fase da separação, ele era um horror. O que me preocupava é que ele tiranizava um vizinho... Eu tentava resolver, mas ficar do lado dele era um horror para mim, eu ficava bravo, eu saía deprimido, eu não sabia como lidar com a situação”. *Discurso-síntese “Disciplina relaxada” pai 1.*

“Minha filha é insistente em algumas coisas. Às vezes, fica na discussão para ver se a convenço e quando não dá, digo não e pronto”. *Discurso-síntese mãe 2.*

“Ela era esquentadinha. Ela tem um temperamento esquentadinho, mas não é violenta. Chega a ser engraçado. Não preocupava. Ela não mordida, não xingava. Ela era briguenta, mas a gente controlava sendo firme”. *Discurso-síntese pai 2.*

Patterson, Reid & Dishion (1992) caracterizam a disciplina relaxada pela inibição e dificuldade de os pais colocarem limites diante do comportamento opositor,

agressivo ou coercitivo do filho, produzindo neste o controle e intimidação naqueles. É interessante destacar que os dois adolescentes do estudo apresentaram, em pequenos, comportamento opositor que mediante prática educativa adequada foi colocado sob controle.

Quanto à prática educativa “negligência”, a mãe 1, segundo o discurso-síntese abaixo, relata ter se relacionado de forma negligente com o filho nos primeiros momentos após a separação conjugal, porém o índice atual identificado no IEP, possivelmente refere-se às dificuldades atuais desta mãe com o seu trabalho, conforme se verificará no discurso abaixo. Já o pai não mostra em nenhum momento da entrevista qualquer tipo de negligência como pode ser visto no seu relato. Nos pais da família 2, a negligência aparece zerada no IEP respondido pela filha (tabela 2) e a entrevista também não identificou esta prática educativa.

“Quando me separei eu fiquei muito mal e foi muito difícil para mim... me mandei quatro meses com o meu filho para outro estado... Eu o deixava na escola o dia inteiro, então foram muitas perdas para ele, mas na época eu estava sofrendo muito. Não lembro se conversei com meu filho sobre o que estava acontecendo... Depois do nascimento eu tive uma depressão fortíssima, foi rápida, mas foi violenta. Eu chorei quinze dias sem parar. Eu olhava para ele e pensava, meu Deus toda mãe ama seu filho e eu não... neste último ano estive afastada do meu filho, apesar de ser só eu e ele. Eu tive problemas no trabalho”.

*Discurso-síntese “Negligência” mãe 1.*

“Não vou dizer que conheço todas as necessidades do meu filho, mas eu saberia comprar uma roupa para ele de presente, saberia dizer qual viagem surpresa ele iria se agradar. Em regra geral eu sei, mas não totalmente pelo fato de não estar comigo todo o tempo.” *Discurso-síntese pai 1.*

A negligência é um fator de risco para o desenvolvimento físico e emocional da criança e adolescente, produzindo como efeito alta correlação com aumento de comportamento anti-social (Feldman, 1977; Dodge et al, 1994). Tanto a negligência quanto o abuso físico são consideradas práticas parentais de elevados riscos para delinquência, uso de entorpecentes e comportamentos anti-sociais generalizados, pois se caracterizam pela falta de carinho e atenção, produzindo sentimentos de insegurança e vulnerabilidade social na criança. (Gomide, 2003; Dodge, Pettit & Bates, 1994). Ressalta-se que na entrevista a mãe 1 informou que teve depressão pós-parto e alergia

por todo o corpo, fato este que impediu o contato com seu filho, inclusive para amamentá-lo. O pai 1 na entrevista recordou este episódio e comentou ter assumido as funções básicas com o filho como alimentação e higiene. Assim, o comportamento atencioso e atuante do pai 1 compensou o modelo de negligência da mãe. Esta conduta reafirma a importância do apoio conjugal mútuo no cuidado e educação dos filhos.

Sobre a prática educativa “abuso físico”, não se observou a sua presença nas duas famílias, conforme se verifica nos discursos-síntese.

“A única vez que eu bati nele foi um tapa na mão quando ele era pequeno porque eu já tinha tentado de tudo e ele não parava de mexer na minha máquina de lavar louça... Quando eu fiquei grávida eu imaginava que nunca iria bater no meu filho, porque eu acho que assim você perde o respeito e o limite e fica mais fácil ir extrapolando”. *Discurso-síntese mãe 1.*

“Já usei várias palmadas na bunda do meu filho, mas quando ele era menor. Há muito tempo que não preciso dar um tapa na bunda de meu filho. E castigar também não”. *Discurso-síntese pai 1.*

“Bater não. Batia quando eles eram menores. Na pré-adolescência diminuiu muito e agora desapareceu... Na nossa história eu preferia dar uma palmada do que castigo moral. Castigo moral é mais pesado do que o físico... Ela nunca brigou na escola ou se envolveu com más companhias”. *Discurso-síntese mãe 2.*

“Levava umas palmadinhas quando eram pequenos e não morreram por causa de umas chineladas. Nunca foram espancados, mas levaram umas chineladas, puxões de orelha, e eles lembram e dão risada. Mas hoje não tem mais sentido. É bronca mesmo”. *Discurso-síntese pai 2.*

Percebe-se nos relatos parentais a adequação dos pais no uso da punição corporal. Gershooft (2002) diferencia punição de abuso físico. Afirma que os comportamentos que não machucam fisicamente como palmada e tapa são considerados punição corporal e são normalmente administrados em criança até cinco anos com a intenção de fazer com que ela sinta dor, mas sem ser machucada. Esta conduta visa corrigir ou controlar o comportamento da criança.

Em contrapartida, vários autores (Haapasalo & Pokelaa, 1999; Simons, Wu, Lin, Gordon & Conger, 2000) afirmam que o uso de abuso físico tende a aumentar comportamento anti-social e uso de drogas e álcool na adolescência. Assim, a ausência desta prática possibilita relacionamento positivo entre pais e filho, efeito este verificado nestas duas famílias.

### **Famílias com índices negativos no IEP**

As duas próximas famílias de classe média apresentaram índices negativos no IEP. A terceira família é constituída por um casal e dois filhos (moça de 19 anos e rapaz de 17 anos). A mãe tinha 49 anos, terceiro grau completo e estava aposentada. O pai de 42 anos tinha segundo grau e era proprietário de revendedora de veículos. O casal separou-se quando o filho – sujeito da pesquisa - estava com três anos, por traição do marido, este se casou e teve outro filho. O casal retomou o casamento faz dois anos, após nove anos de separação. A quarta família, composta de um casal e três filhos, tinha a mãe com 48 anos e o pai com 52 anos. Ambos com curso superior, eram proprietários de um minimercado. O casal tinha um filho de 19 anos e um casal de gêmeos de 14 anos. O adolescente objeto da pesquisa foi uma das gêmeas de 14 anos. Os pais estão casados há 21 anos, mas apesar da convivência na mesma residência estão separados maritalmente faz sete anos. A justificativa para esta decisão foi dada pela mãe afirmando que fizeram isso para educar os filhos e também porque a condição financeira não facilitou.

Quanto a perdas recentes financeiras ou emocionais, a mãe 3 destacou perda econômica nos últimos anos e o pai 3 ressaltou as duas separações conjugais como fonte de perda financeira. Já a mãe 4 destacou o falecimento do seu sogro (seis anos) e sogra (oito anos) e a perda de poder aquisitivo e das ilusões. O pai 4 salientou a decepção com o casamento e seu trabalho.

O Inventário de Estilo Parental aplicado no filho da terceira família e na filha da quarta revelou a percepção deles sobre as Práticas Educativas de seus pais. A tabela 3 apresenta os resultados do IEP nos filhos.

Tabela 3. Inventário de Estilos Parentais dos filhos.

PRATICAS EDUCATIVAS	MÃE (3)	PAI (3)	MÃE (4)	PAI (4)
Monitoria Positiva	10	06	08	01
Punição Inconsistente	07	06	09	10
Negligência	05	07	03	08
Comportamento Moral	09	09	10	03
Disciplina Relaxada	08	06	05	07
Monitoria Negativa	06	06	07	06
Abuso Físico	04	04	02	07
Índice de Estilo Parental	- 11	- 14	- 08	- 34

Como se pode observar na tabela 3, os valores atribuídos aos pais são negativos, com pontuações significativamente elevadas em todas as práticas educacionais negativas. As mães 3 e 4 apresentam-se acima da média nas variáveis positivas, mas têm índices elevados nas práticas negativas. Os índices dos pais, especialmente da família 4, são preocupantes com baixíssima monitoria positiva e comportamento moral e elevados índices nas práticas educativas negativas. Estes resultados estão altamente correlacionados a comportamentos de risco.

Inicialmente na entrevista, perguntou-se às mães suas concepções de maternidade, aos pais sobre paternidade e a ambos sobre conceito de família. Os relatos obtidos para a composição destas categorias podem ser verificados nos discursos-síntese que seguem.

“Para mim, ser mãe foi um presente divino. Com o meu problema físico desde criança e também quando casei não houve conversa com o meu marido sobre filhos... Pensei, se Deus achar que devo ser mãe, ele vai me dar. Acabei engravidando... Mas do meu filho eu só aceitei a gravidez quando soube que era menino, antes disso tentei abortar... Procuro ser a mãe-amiga. Ouvir, orientar... Eu acho que não é difícil ser mãe. É fácil. Eu procuro ser aberta. Tem gente com a ideia formada de como deve ser a criação... O difícil é achar aquele meio termo, considerando que a gente veio de uma educação que foi muito rígida, de muitos tabus. Assim, pelo rigor da educação que a gente teve, e hoje a gente não sabe o meio termo. Foi tudo reprimido, então a gente quer liberar”. *Discurso-síntese sobre maternidade, mãe 3.*

“Como diz aquele ditado não basta ser pai tem que participar... É tentar orientar, mostrar o outro lado da vida, aquilo que eu sei, a experiência que a gente criou ao longo da vida... O diálogo é muito interessante, coisa que não tive com meu pai. A atenção, o carinho... Claro que hoje a convivência pai-filho está muito

mais difícil. Com drogas, uma série de coisas. A gente vê as reportagens hoje em dia, pai matando filho, filho matando pai. É complicado... os valores ficaram diferentes, hoje tem mais liberdade e a gente tem que ficar mais atento... As separações conjugais aumentaram, eu passei por isso e vejo que isso mexeu com a estrutura da minha família... Eu tento ser o pai-amigo, se for falar o paizão eles não vão ouvir”. *Discurso-síntese sobre paternidade, pai 3.*

“Ser mãe é ser companheira. Entender, orientar, estar próxima... Mas eu não consigo ser carinhosa... A mãe pode acabar com o filho. Ela tem esse poder. A palavra dela destrói... quando os gêmeos nasceram eu só dei atenção ao homem, eu ignorava a menina... eu tinha dificuldade com filha mulher... Eu respeito muito os meus filhos como seres humanos. A minha filosofia principal para educar é respeitar. Agora, esse respeito eu não sei no que vai dar... Eu acho importante alertar a eles de que o que a gente ensina é de graça e de amor... Tudo o que a gente faz é pelo bem. Às vezes nem é, né!... Ser mãe hoje é muito complicado. Tem que ter muito bom senso e procurar ser mais racional do que emocional... Não posso garantir o que estou passando para as crianças porque tem esta desestrutura dos pais”. *Discurso-síntese sobre maternidade, mãe 4.*

“Ser pai eu imagino um cara. Não. Seria um galo que protege. Mas eu não sou desse tipo. Eu sou um pouco até meio grosseiro, mas é uma maneira de prepará-los para a vida... Pai é uma coisa, até um complemento. Não precisa ser muito importante, mas é um complemento... Ser pai nos dias atuais? Eu acho que é a mesma coisa. Os problemas são mais aparentes. É questão de ter uma boa cabeça para captar as idéias”. *Discurso-síntese sobre paternidade pai 4.*

Observa-se nos discursos-síntese da família 3 opiniões diversas sobre as funções parentais entre os pais e, às vezes, contraditórias entre si. A mãe considera fácil sua função, mas ao mesmo tempo diz que é difícil encontrar a medida correta para educar. Sua tentativa de aborto denota o despreparo para constituir uma família. O pai 3 considera difícil o exercício da paternidade. Tanto o pai como a mãe possuem a concepção de função parental assemelhada à amizade (mãe-amiga, pai-amigo). A separação conjugal foi indicada como fator de risco para a estrutura familiar. Na família 4 constatam-se dificuldades dos pais no exercício de suas funções parentais, bem como concepções divergentes sobre educação de filhos. A mãe 4 atribui-se muito poder e influência na vida dos filhos, mas ao mesmo tempo demonstra contradições e pilhérias na sua fala. Também relata o despreparo para educar uma filha mulher. O pai 4 percebe-se como um complemento na educação dos filhos. Supõe que a hostilidade fortalece os filhos para o enfrentamento da vida.

De certa forma, estes pais possuem concepções tradicionalistas sobre a maternidade e paternidade, ainda que se deva destacar a inadequação discursiva dos pais. Alguns estudos psicológicos sempre designaram maior importância das mães no

desenvolvimento dos filhos (Bolwby, 1969; Spitz, 1988; Winnicott, 1987) e no funcionamento da família, apontando o pai como um parceiro complementar.

Em seguida interrogaram-se os pais sobre suas concepções de família. As idéias estão apresentadas sucintamente nos relatos abaixo.

“Eu gostaria de uma família numerosa, tipo aquelas de antigamente que moravam todos juntos, o avô com a avó. Todo mundo ali, nas reuniões de natal. Família junta, unida. Aquela proximidade. Coisa que não tive na minha infância. Era o meu sonho todo mundo junto. Adoraria todos se envolverem como naquelas famílias italianas”. *Discurso-síntese “concepção de família” mãe 3.*

“O que é uma família?... é o que eu quero ter. A família é constituída com os meus filhos, como eu tenho feito hoje. É o que estou vivendo hoje. Hoje posso dizer que minha família está mais estruturada, mais unida. Um procura ajudar o outro, eu tento mostrar que estou ali, presente e podem contar comigo e que a mãe também está presente tentando orientar os filhos”. *Discurso-síntese sobre “concepção de família” pai 3.*

“Eu sei o que é uma família. Eu não tenho, mas eu sei. Eu queria ter! Família é fundamental. Ainda mais quando se propõe a ter filhos. Você é responsável por eles. Família é harmonia, aquela coisa de verdade, honesta. Conversar, amor, poder contar com o outro.” *Discurso-síntese “concepção de família” mãe 4.*

“Vou ter que pegar o dicionário (risos). É uma reunião de pessoas que tem uma harmonia. Diante dos problemas não romper os elos e continuar junto.” *Discurso-síntese “concepção de família” pai 4.*

Percebe-se nos relatos ideais do imaginário coletivo. Famílias grandes, unidas e harmoniosas, mas observa-se um hiato entre o almejado e a realidade obtida. A mãe 3 deseja uma família grande, mas fez tentativa de aborto. A mãe 4 teve três filhos, mas nega ter uma família. Souza (1985) afirma que o significado de família para cada um está intrinsecamente ligado às vivências passadas e atuais, bem como às expectativas futuras.

De acordo com McCullough e Rutenberg (1995), diante da existência de conflito conjugal crônico pode surgir um combate direto ou indireto entre o casal dificultando uma relação satisfatória para ambos.

Nos próximos discursos será apresentada a prática de supervisão ou monitoria positiva. Percebe-se nos relatos a existência do monitoramento, mas este é realizado de maneira inadequada e contraditória.

“Eu ajudo nas dificuldades escolares. Eu procuro observar a agenda dele. Se bem que ele é desorganizado. Na agenda ela não anota as lições, os trabalhos. Eu procuro ligar para a Coordenação e saber o que tem para fazer. Quando ele volta de uma festa eu procuro conversar sobre como foi e se

estava bom... Eu nem sempre pergunto com quem meu filho sai... Às vezes eu me preocupo. Uma vez ele quis comprar uma aliança de compromisso para uma namoradinha evangélica e eu fui junto. Outra vez ele foi comprar flores e eu fui junto e ajudei a escrever o cartão... Ele não tem concentração nos estudos... Eu observo, mas ao mesmo tempo eu fico angustiada. Eu não sei o que fazer. Eu também sinto pena porque eu noto que ele sofre por causa disso... Longe da família ele é solto, desenvolto. Isto me surpreende. Estes dias, vi ele conversando com a vizinha e fiquei surpresa. Ele é tão tímido em casa... Pessoas que depois encontram comigo dizem como ele é educado, gentil..." *Discurso-síntese sobre monitoria mãe 3.*

"Eu cuido tanto que vou levar e buscar nas festas e levo os amigos dele. Eu gosto de fazer isso... da escola é a mãe que cuida... Eu percebo quando ele fica triste com alguma namoradinha no colégio. Eu falo com ele sobre ter desilusões e que isso faz parte da vida. Que é natural na idade dele e que vai ter de lidar com isso... Uma vez ele teve uma amizade que me preocupou. O que eu fiz, convidava para sair no final de semana junto. Eu conheci a família, fui até a casa dos pais. Eu acompanhei porque infelizmente tem que fazer isso. Se infiltrar no meio deles e tirar alguma coisa dali. Se tiver algo errado a gente vai perceber... Quando eu peço algo eu faço de uma forma que ele percebe que eu estou pedindo e ao mesmo tempo mandando fazer. Ai tudo que eu peço ele faz". *Discurso-síntese sobre monitoria do pai 3.*

"Nós conversamos com muita frequência. Sobre drogas a gente toca no assunto, mas acho que é uma coisa bem distante dela... Nos estudos ela é muito disciplinada e sabe o que tem de fazer. Quando sai ela tem regras para voltar... É fundamental saber com quem ela sai e está. Ela já omitiu algumas coisas, mas procuro saber perguntando para outras pessoas... Costumamos sair muito juntos. Eu e os três, mas sem o pai. Eu tenho muito medo do que vá passar para minha filha que tem uma resistência muito grande com o pai dela. Eu sei que isso vai dificultar demais o relacionamento dela com os homens" *Discurso-síntese sobre monitoria mãe 4.*

"Nem das atividades do colégio eu participo. Participei poucas vezes quando ela era pequena... Algumas vezes não deixei ela sair. Festa em buraco, não deixo ir. Ela espermeia, mas daí ela sai com a mãe, vão ao cinema e pronto". *Discurso-síntese sobre monitoria, pai 4.*

No discurso dos pais da família 3 observa-se divisão de responsabilidades, a mãe cuida dos estudos e o pai do lazer. A mãe 3 percebe as dificuldades do filho, mas orienta inadequadamente quando, por exemplo, realiza as atividades pelo filho, impedindo a independência e autonomia do mesmo, desta forma transforma a supervisão positiva em monitoria negativa. O pai 3 supervisiona o filho, mas oscila entre a adequação do monitoramento com o uso de estratégias de desconfiança ou intimidação. Já na família 4 há monitoria materna tanto para as atividades escolares quanto de lazer, mas identificou-se desconfiança na mãe. O pai não executa monitoria positiva. Sua supervisão é realizada por meio de conduta opositora e agressiva.

A literatura sobre monitoria positiva (Chen & Zhou, 1997; Gomide, 2001; Stattin & Kerr, 2000) afirma sobre a importância da supervisão dos pais sobre o comportamento do filho seja no âmbito do lazer, seja no escolar, seja no relacional. Entretanto, Stattin e Kerr (2000) alertam para a forma como as informações são obtidas

pelos pais. Os discursos-síntese demonstraram a desconfiança dos pais. Esta inadequação parental produz conseqüências não tão eficazes no monitoramento dos filhos (Patterson, Pryor & Field, 1995).

Gomide (2003) afirma que a monitoria positiva é um tipo de educação eficaz na prevenção do uso de álcool e drogas, baixo desempenho escolar ou comportamentos agressivos em geral. Acrescenta como características deste monitoramento: primeiro, o interesse positivo dos pais que informa à criança que ela é amada; segundo, a atenção dos pais voltada para aspectos positivos do comportamento da criança inibindo os aspectos negativos; terceiro, a relação entre pais e filhos deve ser de confiança; quarto, as crianças desenvolvem a empatia como característica e, quinto, esta prática educativa permite o amadurecimento das emoções.

Em relação à prática “comportamento moral”, a entrevista demonstrou presença de comportamentos anti-sociais no filho da família 3, tais como furto de objeto de terceiros e mentiras, e na família 4, os irmãos da adolescente, sujeito da pesquisa pixaram muros.

“Nesta fase dele de curiosidade sobre sexo, ele foi numa locadora, viu um filme pornô e roubou a fita. Ele não podia locar porque é menor. Ele pegou a fita e saiu correndo. Depois ligaram da locadora e eu soube o que ele fez. Aí o pai foi com ele devolver a fita. Eu disse que de maneira alguma aceito que ele pegue algo de alguém. O pai disse que ele fez por curiosidade, porque é adolescente. O pai falou para ele que se ele tinha curiosidade, falasse com o pai que ele locaria e poderiam assistir juntos... Acredito que ele me considera um modelo porque eu noto que ele gosta de conversar comigo. Ele tem um referencial em mim. Ele não é de expor, mas eu sinto. Ele é mais reservado... Acho importante ser sincero. Você não mentir, não esconder”. *Discurso-síntese “Comportamento Moral” mãe 3..*

“Do meu conhecimento ele nunca se envolveu com drogas ou álcool... Eu falo abertamente para ele não se envolver com drogas, tenho muito pavor disso e digo para ele ver filmes, o quanto isso é horrível. Ele não fuma, porque não gosta. Isso é positivo... Espero que meu filho não me considere muito um modelo. Faça o que eu digo, mas não o que eu faço (risos). Fui infeliz na minha resposta. Eu quero que ele seja como o pai porque sou honesto, mas não sou perfeito. A separação com a mãe dele foi muito negativa. Hoje eu procuro ser um pai exemplar para que ele possa copiar algumas coisas... Esses dias uma coisa me chamou muito a atenção. A avó dele morreu, ela já não estava bem. Mas ele me disse que se a avó morresse ele não iria sentir. Eu achei estranho e disse que ele não poderia dizer uma coisa dessas. E ele disse que não sentiria nada”. *Discurso-síntese paterno “Comportamento Moral” pai 3.*

“Com minha filha nunca aconteceu, mas com meus filhos uma vez foram detidos no shopping porque estavam pixando o banheiro. Eu e o pai sugerimos para os seguranças para que eles ficassem lá num quatinho. Foi o jeito de punir. Uma outra vez fiz eles pagarem com o dinheiro deles... Minha filha diante de situações de injustiça ela fica indignadíssima... Não sei dizer no que sou modelo para ela, mas sei que sou. Acho importante transmitir valores como a honestidade, autenticidade, organização. Os pais têm que

dar o exemplo. A obrigação seria isso o tempo todo, mas a gente é humana e erra a toda hora... Em relação a profissão a gente tem conversado bastante... Eu oriento muito, converso muito com eles. A gente sai de carro e eu aproveito para me colocar. Tudo está dentro de casa. *Discurso-síntese "Comportamento Moral" mãe 4.*

“Acho que moralmente e a questão do trabalho ela dá valor para mim, mas a convivência não. Acho que ela esperaria mais... Acho importante transmitir valores como a honestidade, a educação, a camaradagem, fazer boas amizades. Apesar de que não gosto dos meus parentes e tenho poucos amigos... Acho que o ditado faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço poderia ser aplicado no sentido de não bata tanto fale mais... A última vez que conversamos foi há um mês. Num dia em que a mãe e os irmãos não estavam e ela ficou comigo no armazém”. *Discurso-síntese "Comportamento Moral" pai 4.*

No relato da mãe 3 nota-se que houve monitoramento do pai em reparar o comportamento de furto do filho, mas percebe-se que o pai não identificou gravidade no ato atribuindo o erro à fase da adolescência. Quanto aos valores éticos, outro componente importante do comportamento moral, constata-se que a mãe 3 não está certa se seu filho a respeita como modelo ético e o pai não se reconhece como modelo para o filho. Nota-se a ausência de empatia no filho 3 no relato do pai sobre o falecimento da avó do seu filho. Os pais da família 4 demonstram atenção para com a transmissão de valores, mas reaparecem no discurso paterno a agressividade e o distanciamento entre aquilo que é dito e realizado. Observa-se, ainda, que os pais utilizam-se de controle externo para punirem seus filhos (seguranças do shopping), eximindo-se da responsabilidade de ajudar o filho a realizar a autocrítica e reparar o dano, práticas fundamentais para a inibição de comportamentos anti-sociais futuros.

Para Kellerman (2002), a maneira mais eficaz de ensinar a moralidade é por meio de exemplo, concepção teórica esta apoiada por Gomide (2003). Para a autora, as crianças aprendem valores morais experienciando situações em que sejam apontados os atos inadequados e suas conseqüências. Assim, o comportamento moral e a monitoria adequada são as formas positivas de se relacionar com os filhos, produzindo um estilo mais harmonioso de convivência e evitando comportamentos inadequados e/ou anti-sociais.

Essa tese é compartilhada por Loos, Ferreira e Vasconcelos (1999) que defendem que os pais devem apresentar as conseqüências para o filho do ato transgredido. Desta forma desenvolve sentimentos de culpa após as transgressões e este seria um indicador do desenvolvimento de comportamento moral.

Na prática educativa negativa “punição inconsistente” verificou-se a oscilação do humor e desconfiança dos pais e como efeito a perda da autoridade dos pais e o abuso dos filhos por meio de chantagens.

“Se foi um bilhete porque ele não fez a lição eu deixo passar. Se eu estiver bem, fico mais tolerante. Mas se estiver nervosa eu grito... Esses dias ele deixou um bilhete dizendo: mãe, pesquisar sobre isso. É urgente! Eu pensei, mas que abuso. Ele é folgado. Às vezes ele chega e diz mãe tenho uma pesquisa sobre isso, o que devo escrever. Eu digo fale assim. Aí ele quer escrever o que eu digo. Eu digo não é para você escrever o que digo. Quero que você estude. Se eu me prontifico para ajudá-lo ele já fica esperando que seja feito e ele só copiar, ou de preferência que eu faça tudo no computador... No final do ano passado eu falei que se ele reprovasse ele iria para um colégio público. Ele diz que vai se esforçar, que promete”. *Discurso-síntese “Punição Inconsistente” mãe 3.*

“O humor influencia bastante, para todo mundo, mas não vou deixar meu filho sem orientação se não estiver num bom dia... Às vezes, após uma bronca, eu me arrependo, digo que o pai foi um pouco duro. Eu tento consertar... Ele nota e depois usa o meu temperamento. Quando ele quer algo, ele é mais solto... eu cedo porque não vejo porque não ceder. Coisas inocentes, tipo uma festinha, um cinema, um shopping com os colegas... Nós estabelecemos regras e combinados, mas muitas vezes eu não posso acompanhar”. *Discurso-síntese “Punição Inconsistente” do pai 3..*

“Eu não confio em tudo que ela diz. Deve-se confiar, desconfiando... Se ela descumprir um combinado vou tirar alguma coisa que ela gosta ou proibir um passeio... Dependendo do meu humor muda a minha reação. Quando estou na TPM não peça nada (risos). Se quero pegar no pé não paro de falar, caso contrário deixo passar. O mais comum é eu falar para ela fazer e preciso falar muitas vezes ... Eu tento interferir por trás, mas só para tentar consertar, por exemplo, liguei para o professor, não exigindo nada, mas eu só queria saber se ela poderia fazer vôlei outro dia... Ela tem muita falta de habilidade de lidar com as pessoas. Não tem jogo de cintura. Acho que tem haver com a auto-estima. No colégio agora ela só tem uma amiga... Quando eu percebo que fui errada eu peço desculpas. Puxa vida é duro, mas eu peço. Ter que reconhecer que errou é duro. Eu falo desculpa eu errei, mas de forma sem afeto, sem graça”. *Discurso-síntese “Punição Inconsistente” mãe 4.*

“O meu humor muda e não tem como esconder. Eu não finjo. Você é um bosta, um merda, não gosto de você. Não consigo ficar fingindo... Eu não peço desculpa após uma briga, estivesse certo ou não... Acho que não faço muita reflexão ou acho que faço, mas não consigo colocar em prática..... Ela faz chantagem e ameaças, mas eu não cedo. Quando ela vem e diz que tirou dez eu digo que ela não fez mais do que a obrigação... Eu estou querendo comprar um carro para o meu filho mais velho ir para a faculdade e deixar a irmã no colégio. Eu disse que ia comprar um fusca. Ela disse que não ia de fusca. Eu disse vai de ônibus, pega a tua marmita e vai... sorte dela que não achei nenhum fusca”. *Discurso-síntese “Punição Inconsistente” pai 4.*

Percebe-se nos discursos desses pais vários componentes relacionados na literatura que são determinantes do rebaixamento da auto-estima, da insegurança ou do sentimento de rejeição. A mãe 3 ameaça colocar o filho em escola pública, o pai 3

estabelece regras e a descumpra considerando que são coisas inocentes; a mãe 4 pede desculpas sem demonstrar afeto e reconhece que muda de humor em função da TPM e o pai 4 abusa psicologicamente ao xingar e dizer que não gosta dos filhos, além de não reforçar comportamentos adequados como tirar boas notas dizendo que a filha não fez mais que a obrigação.

Os discursos indicam o controle inconsistente e inadequado dos pais. Nos relatos maternos é possível identificar a consequência comportamental desta prática na prole, a dificuldade de socialização da criança/adolescente (Oldershaw, Wallers & Hall, 1986). Segundo estes autores, os pais que se utilizam da prática educativa “punição inconsistente” não oferecem parâmetros efetivos, claros e adequados para o filho. Ressalta-se o termo utilizado por Bugental, Caparael e Shennum (1980) “pais com estilos absurdos” de controle têm filhos com problemas de comportamento.

A prática educativa negativa “negligência” pode se caracterizar pela falta de atenção, descaso, ausência dos pais, omissão ou falta de amor. Também se atribui negligência à falta de supervisão dos pais (Gomide, 2002 e Patterson et al., 1992). Os discursos-síntese abaixo exemplificam a dificuldade de manejo dos pais com os filhos.

“Esses tempos ele estava se abrindo. Ele me ligou da praia dizendo que tinha terminado o namoro. Ele se abriu dizendo que ficou muito mal. Eu me surpreendi. Ele me contou que tinha mentido sobre a viagem, que eles tinham ido de ônibus e não de carona com uma das mães. Eu contei para o pai e a irmã e aí ele descobriu e disse: mãe, não vou te contar mais nada... No ano passado fiquei preocupada porque ele começou a vender coisas, o próprio violão ele vendeu que ele gostava muito e não me comunicou. Passou pela minha cabeça que ele estivesse vendendo para comprar drogas. Eu perguntei e ele disse que descurtiu o violão, e eu não fiz nada... Após a separação meu marido se afastou. Prometia mas não ia. Uma vez numa festa para o dia dos pais, eu fui porque ele não foi. Na formatura da oitava série o pai chegou atrasado... mesmo hoje ele tem o trabalho dele e é muito desorganizado, vive estressado”. *Discurso-síntese “negligência” mãe 3.*

“Eu conheço as necessidades emocionais do meu filho só naquilo que ele demonstra. Mas sei a música, filme, roupa, lazer preferido dele com certeza e o meu bolso também... Na semana passada nos chamaram no colégio porque ele falsificou minha assinatura num bilhete... o colégio encaminhou um bilhete para casa e ele assinou como se eu tivesse recebido. O colégio percebeu e nos chamou. Eu não pude ir por causa do trabalho. Ele já fez outras vezes de esconder o bilhete, fez de conta que perdeu. *Discurso-síntese “Negligência” pai 3.*

“As necessidades materiais dela eu tenho certeza de todas. Afetivas, acho que não... Quando os filhos decidem por algo de mau, acho que foi alguma coisa que não ficou bem resolvida dentro de casa. Alguma coisa de nível de insegurança, de auto-estima. Infelizmente meus filhos têm baixa auto-estima”. *Discurso-síntese “Negligência” mãe 4.*

“Poucas vezes fazemos atividades de lazer. Não vamos ao cinema ou shopping. Quando nós brigamos nenhum dos dois pede desculpa... eu conheço as necessidades materiais dela, não as emocionais”.  
*Discurso-síntese “Negligência” pai 4.*

Mais uma vez observa-se a relação entre práticas negativas de negligência e comportamento anti-social, neste caso fraude, pois o filho da família 3 falsifica a assinatura do pai e este sequer vai a escola. Agravante, ainda maior, foi a ausência do pai 3 na comemoração do dia dos pais e no atraso na formatura de primeiro grau do filho. Já a mãe 3 não é desatenta ao filho, mas ela não soube manejar com as revelações do filho, desfazendo a relação de confiança. A mãe ainda revelou que sua relação com o filho é muito difícil preferindo relacionar-se com a filha. Na família 4 verificou-se que a mãe e o pai não têm conhecimento dos sentimentos da filha e o pai não acompanha os filhos nas atividades de lazer.

Os discursos-síntese dos pais sobre negligência demonstraram que estes se relacionam com descaso, desrespeito e indiferença em relação aos sentimentos dos filhos. Como afirmaram Gomide et al. (2003), a não disponibilidade dos pais para estabelecer vínculos afetivos com seus filhos poderá se generalizar a estranhos.

A “Disciplina Relaxada” também foi uma prática educativa negativa muito utilizada pelas famílias com índices de IEP negativos. Esta prática educativa é caracterizada pelo descumprimento das regras estabelecidas. Patterson et al. (1992) relacionam esta ação educativa à presença de filhos com comportamento opositor, visto que o comportamento agressivo pode dificultar a execução das regras, inibindo os pais e sua função educativa. Verificou-se nos relatos parentais a ausência ou inadequação no monitoramento dos pais, descumprimento de regras, ausência de empatia e auto-estima nos filhos e dificuldades de os pais lidarem com o temperamento opositor dos filhos.

“Quando faço uma ameaça, eu não cumpro. De dez situações cumpro três... O pai dele diz que ele é jovem e deve se divertir. O pai não dá força ao que digo e acabo cedendo... Quando bebê, ele foi muito difícil, eu tinha vontade de fugir. No jardim de infância ele ficava isolado. Numa apresentação de Natal ele ficou de costas para a platéia. Nunca olhava para as pessoas quando recebia broncas ou colocava as

mãos nos ouvidos, ele era agressivo com atitudes... Depois que acaba o castigo, vou conversar com ele e pedir desculpas. Eu acho isso errado... Uma vez eu cumpri com uma ameaça, mas me arrependi amargamente, coloquei num colégio mais fraco... Através dele eu não fico sabendo de nada. Eu tenho que ligar para a secretaria da coordenação do colégio... Às vezes eu sinto perdendo a rédea, eu não sou de insistir muito. Eu ameaço, prometo dar presentes para ele melhorar... Ele gastava muito telefone usando a internet para sites pornô. Eu bloqueei o provedor, mas ele entrava pela ig, que é gratuito. Daí, bloqueei o acesso ao computador... Ele já teve amizades que me preocuparam. Eles acabaram saindo do colégio. Eu ia falando com ele de que não eram boas companhias... Em relação aos estudos, ele tem baixa estima. No físico também. No verão ele coloca um short embaixo do agasalho e duas camisetas para parecer que tem mais corpo. Até na praia entra pouco no mar para não expor o físico.” *Discurso-síntese “Disciplina relaxada” mãe 3.*

“Eu já ameacei que iria tirar ele do colégio e colocaria num colégio público, mas eu não faria isso. É da boca para fora e ele sabe disso... Temos a regra, mas às vezes, a própria mãe não cumpre, não verifica. Exigimos dele, mas não adianta... Aparentemente ele presta atenção ao que dizemos, mas ele não leva muito a sério. Não é só comigo, com a mãe também... Quando criança ele foi difícil para comer... Eu acho que muitas vezes cometo o erro de não falar com ele quando cometo um erro. Eu fico quieto, procuro brincar de outra forma, abraço ele para ele esquecer. Ele percebe que a minha reação é de que estou arrependido do que fiz...” *Discurso-síntese “Disciplina relaxada” pai 3.*

“Foi difícil criá-la. Sempre teve um temperamento muito forte... Diante de uma punição ela fica muito brava... Não me intimida, mas me deixa p. da cara, desculpe o termo. Ela faz certas coisas e responde assim de uma forma com raiva. O pai está prometendo uma surra para ela... Eu nunca me senti intimidada por ela, mas fico preocupada com o futuro dela. Solidão. Porque é uma pessoa difícil de se relacionar. A socialização que eu acho complicada... Ela só tem uma amiga”. *Discurso-síntese “Disciplina Relaxada” mãe 4.*

“Ela foi uma criança difícil de criar... ela tinha duas amigas, brigou com uma ficou com a outra (risos)... Diante dos castigos ela fica brabinha, mas eu não recuo. Pode dar com a cabeça na parede que não faz diferença... Ela é meio de opinião forte. Para você conseguir algo precisa bolar um plano para que ela não tenha um contra-ataque... Diante das dificuldades dela eu tento conversar, mas ela vai dando umas duras. Quando ela sai eu pergunto como foi, mas ela não responde (risos)... *Discurso-síntese “Disciplina Relaxada” pai 4.*

Percebe-se que a mãe 3 utiliza-se de artifícios para controlar o comportamento do filho (transferência de colégio, informações com a secretaria da escola, bloqueio do computador) sem conseguir fazê-lo cumprir as regras estabelecidas, e o pai responsabiliza a mãe para fazer o filho cumprir as regras eximindo-se desta função. A família 4, embora reconheça o comportamento opoitor da filha não cede, porém eles são pouco receptivos e responsivos o que provavelmente é o responsável pelos altos índices de comportamento agressivo na filha. (Baumrind, 1966, 1977). Esta conduta de enfrentamento dos pais 4 também pode ser explicada pelo estudo de Simons et al. (2000) em que relatam que pais de crianças rebeldes que exerciam pouca monitoria e disciplina na infância tendem a incrementar o controle na adolescência, provavelmente como resposta a manifestações de comportamento anti-social do adolescente.

A literatura também destaca que normalmente o comportamento desafiador do filho é seguido de pais inibidos diante da situação (Conte, 1996). Gomide (2003) afirma que os pais estabelecem as regras, ameaçam e quando se confrontam com comportamentos opostos dos filhos abrem mão de seu papel educativo, retirando-se do embate. E esta conduta parental está muito correlacionada ao aumento de comportamentos anti-sociais. Desta forma, as características pessoais dos pais somam-se aos comportamentos inadequados dos filhos.

Quanto à prática educativa “monitoria negativa”, as entrevistas identificaram uso acentuado, principalmente na família 3. Os discursos que seguem estão repletos de exemplos e ilustram as conseqüências negativas no comportamento do filho, sendo que os pais não resolveram conflitos próprios, por exemplo, a mãe gostaria de experimentar drogas e o pai acredita que o filho modificará seu comportamento repentinamente. Na família 4 acentuou-se a repetição de instrução como prática educativa.

“Sou ansiosa. Tomo ansiolítico. Se não tomasse teria insônia e taquicardia... Nos estudos eu exijo muito e nem sempre ele cumpre. A gente fala, fala, o pai fala, eu falo... Eu tenho que verificar, averiguar, confirmar o que o meu filho diz. Ele presta atenção ao que digo porque eu falo tanto que acaba encalacrando na cabeça dele. Fico sempre em estado de alerta, mas isso me cansa... Eu nunca observei se ele reage em defesa de alguma coisa. Quando tem campanhas beneficentes ele leva se o colégio pedir, mas eu não observo nele aquela coisa de ser por ele próprio... Ele mentiu para uma namoradina que ele viajou para a Europa e contou tudo o que tinha ouvido eu contar da viagem que fiz com a irmã dele há alguns anos, como se estivesse estado lá. O pai trabalha numa loja de carros e às vezes vai buscá-lo no colégio com um desses carros importados e ele não diz aos amigos que o carro não é dele... Ele omite muito. Eu noto que tem coisas que ele esconde e eu não gosto disso... No colégio há queixas de que ele é displicente, com notas baixas. Ele chega atrasado, não traz material, não entrega tarefa... Minha preocupação é com drogas. Procuro ver se meu filho está se isolando... Eu quero que ele tenha cabeça para experimentar por uma curiosidade. Eu mesma, a única coisa que tenho é medo de me dar uma reação, não de ficar viciada. Mas até gostaria de experimentar para ver se é como dizem... A minha separação foi difícil. Minha preocupação é que coisas do passado, da separação se reflitam hoje...”  
*Discurso-síntese “Monitoria Negativa” mãe 3.*

“Muitas vezes digo, puxa já não falei isso para você. Que é assim, assado. Isso é cansativo. Eu não desisto. Eu falo até fazer efeito. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura... Não adianta ficar em cima cobrando, cobrando, insistindo, chega uma hora que você... sabe ele é um ser humano, um garoto normal que tem vontades, idéias. Eu acho que ele é um garoto normal. Claro que existe umas coisas que a gente está tentando descobrir, mas vai chegar uma hora que vai dar certo... O colégio chamou os pais e eu acho que deveria ter ido, mas o meu trabalho suga demais”.  
*Discurso-síntese “Monitoria Negativa” pai 3.*

“Diante do castigo ela bate boca, sai batendo a porta, chora... Ela não mente, mas omite. E isto me deixa preocupada... Eu já pesquisei, já pesquisei sim. Eu vou perguntando alguma coisa para outras pessoas... Eu falo bastante. Normalmente só paro quando ela faz...”  
*Discurso-síntese “monitoria negativa” mãe 4.*

“Tem horas que preciso repetir várias vezes a mesma ordem. Eu verifico se ela cumpriu com o combinado e se não fez peça de novo. Já aconteceu de ela dizer que vai fazer e não faz”. *Discurso-síntese “Monitoria Negativa” pai 4.*

Estudos realizados por Matthews e Woodall (1996) mostram que as interações pais-filhos baseadas em comportamentos negativos resultam em filhos com elevados índices de desconfiança, externalização de raiva e comportamentos hostis. Os relatos dos pais demonstram que um ciclo repetitivo e circular estabeleceu-se nas relações familiares, ou seja, frustrações pessoais dos pais (conflito conjugal, estresse, baixa estima,...) produzem práticas inadequadas como a repetição de instruções gerando na prole comportamentos anti-sociais como mentiras, omissões e agressividade. Como diz Gomide (2003), quando os pais não estabelecem as regras, apenas repetem ordens, os filhos não obedecem porque não há consequência para a desobediência.

Sobre a prática educativa “abuso físico” observou-se contradição entre o discurso da mãe 3, a qual afirma que o pai utiliza-se de punições físicas, e a negação na fala do pai 3, apesar de ele ter revelado uso de punições físicas com a filha, mas não com o filho que foi o sujeito da pesquisa. Já na família 4, há violência física declarada explicitamente. O relato materno deixa implícita a agressão passiva, por exemplo, ao permitir que o pai agrida os filhos.

“Eu dou um puxão de cabelo. Ele apanhou do pai com cinta e ficou vergões. Dele ele tem medo, tanto que eu ameaço que se ele não fizer vou contar para o pai dele... Uma vez eu disse que não tinha orgulho dele. Ele chorou, disse que não presta para nada. Eu conversei e pedi desculpa porque eu humilhei. Mesmo com meu marido eu humilho pela situação financeira... já aconteceram situações de pegar no ponto fraco do meu filho e marido. Mas depois eu me conscientizo e peço perdão. Digo que não sei tudo. Reconheço que fui cruel e peço perdão... O pai comentou que ele parece um bichinha. Eu tenho medo que meu filho vire homossexual”. *Discurso-síntese “Abuso físico” mãe 3.*

“A única vez que surrei foi com a minha filha. No meu filho eu nunca bati, mas já jurei de surra... Ele tem medo de apanhar, apesar de nunca ter apanhado. Eu penso que só em último caso devo usar a força. Não acho legal, embora com a minha filha tenha funcionado. Ela mudou muito depois da surra... Esses dias ele falou em fazer trancinhas no cabelo e eu disse que ele já colocou uma porcaria de brinco e agora ia fazer trancinha. Depois pensei se fiz certo, mas já tinha saído... às vezes, digo para ele agir como macho”. *Discurso-síntese “Abuso físico” pai 3.*

“Eu não bato, mas já belisquei... Na época que o pai batia quando eles eram pequenos, eu interferia e ele me pegou também. Eu odiava aquilo. Outro dia o pai deu uns tapas nela, mas ela saiu correndo, ela enfrenta ele. Ela não o respeita. Se um dia ele for bater eu vou ter que deixar para ela respeitar ele. De mim ela sabe que não vou bater, jamais. Mas também não sei, né? ... Minha mãe falava muito em ir

embora e me deixar. Puta merda, aquilo me deixava muito mal... e eu nunca fiz isso com os meus filhos, porque eu sei o quanto eu sofria. Me deixava muito insegura”. *Discurso-síntese “Abuso físico” mãe 4.*

“Eu não concordo com a idéia de que surrar faz mal para os filhos. Tanto que eu dou a minhas pancadas. Quando eu pego, eu bato mesmo. Lógico preservo os parâmetros da cabeça (risos). Faz tempo que não surro, só tom de voz está bastando, mas eu acho que tem de bater... os pais que deixavam os filhos fazerem o que quisessem estão com problemas hoje. Espero não ter com os meus filhos os mesmos problemas com drogas, homossexualismo. Eu sou agressivo no verbal e no físico. Exagero tanto que faço uma reflexão depois. Podia ter falado sem ter batido ou batido sem ter falado... Eu já usei castigo moral. Só não lembro detalhes”. *Discurso-síntese “Abuso físico” pai 4.*

A dinâmica familiar destas famílias é significativamente disfuncional. De acordo com Haapasalo e Pokelaa (1999), as práticas punitivas dificultam a socialização do indivíduo, bem como aumentam o risco de engajamento em grupos desviantes e usuários de drogas. O abuso físico ficou evidenciado tanto na família 3 como na 4. Os pais batem usando a força até mesmo nos adolescentes, o que é totalmente contra indicado pela literatura (Simons et al., 2000)

No entanto, um achado significativo nestes relatos foi a identificação de uso do “abuso emocional/psicológico”. A mãe 3 disse que não tinha orgulho do filho e o pai 3 compara o filho a um “bichinha”. O pai 4 revela fazer uso de castigo moral. Strauss (1994) sugere que as conseqüências negativas do abuso psicológico variam entre dificuldades no desenvolvimento da autonomia, baixa auto-estima e pode chegar a ideações suicidas. Para Gomide (2003), a variável do abuso físico/psicológico atinge o SER da criança e não o comportamento. “Quando a criança recebe, daqueles que deveriam protegê-la, rejeição ou agressão, sua auto-estima fica rebaixada, suas expectativas de futuro ficam comprometidas, prejudicadas” (Gomide, 2003, no prelo).

#### **Escala Beck, Inventário de Sintomas de Stress e Inventário de Ansiedade.**

Um conjunto de instrumentos foi aplicado aos membros das quatro famílias com o objetivo de se buscar a validade externa dos dados obtidos por meio do Inventário de Estilo Parental e da entrevista. Foram eles: Inventário Beck de Depressão, Inventário de

Sintomas de Stress, Inventário Traço-Estado de Ansiedade, Inventário de Habilidades Sociais e *checklist* e notas escolares. Na tabela 4 têm-se os resultados de três inventários aplicados apenas nos pais.

Tabela 4. Inventários Beck, Stress e Ansiedade

Inventários	Família 1		Família 2		Família 3		Família 4	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
<b>Depressão</b>	Mínimo (5)	Mínimo (0)	Mínimo (1)	Mínimo (1)	Mínimo (9)	Leve (12)	Mínimo (9)	Leve (13)
<b>Stress</b>	Ausente	Ausente	Ausente	Q2 (4) Resistência	Q3 (12) Exaustão	Q1 (12) Alerta	Q2 (7) Resistência	Q2 (5) Resistência
<b>Ansiedade Traço</b>	Médio (P35)	Inferior (P8)	Médio (P26)	Médio (P25)	Médio (P46)	Médio (P68)	Médio (P58)	Médio Superior (P81)
<b>Ansiedade Estado</b>	Médio Inferior (P22)	Inferior (P6)	Médio (P45)	Médio (P75)	Médio (P40)	Médio Inferior (P14)	Médio (P56)	Médio (P65)

Em relação às famílias com índices positivos de IEP (família 1 e 2) obtiveram-se os seguintes resultados que puderam ser vistos na tabela 4. Os níveis da Escala Beck que mede depressão mostraram que os pais se encontram no nível mínimo, ou seja, não há indicador de depressão. O Inventário de Sintomas de Stress identificou estresse no pai 2 em fase de resistência com presença de sintomas psicológicos. Pondera-se a análise deste dado a partir do relato do pai, o qual considera a separação conjugal uma perda afetiva, bem como no mesmo período esteve em processo de conclusão de sua tese de doutoramento. A presença do estresse pode também ser devida ao falecimento de seu pai no ano de 2002. O Inventário de Ansiedade indicou que todos os pais não apresentaram sentimentos ansiogênicos.

Patterson et al. (1992) afirmam que problemas econômicos (desemprego), violência familiar, discórdia, **separações conjugais e morte**, favorecem o estresse dos membros de uma família. (grifo da autora). Da mesma forma, a ausência de depressão nos pais evita as trocas aversivas entre pais e filhos.

Quanto às famílias 3 e 4 que apresentaram índices negativos no IEP, verificou-se que o Inventário Beck indicou presença de depressão em estágio inicial nos pais, mas

não nas mães. O estresse está presente em todos os pais, sendo os da família 4 em fase de resistência (segunda fase), a mãe 3 em fase de exaustão (última fase) e o pai 3 em fase de alerta (primeira fase). O Inventário de Ansiedade apresentou-se dentro da média.

Segundo Zhan-Waxler e Yarrow (1990) a depressão dos pais, a discórdia conjugal e os maus tratos são elementos de risco para o desenvolvimento da empatia nos filhos. Fergusson et al. (2000) afirmam que os conflitos matrimoniais e a dissolução da família podem participar na etiologia da depressão.

De acordo com Patterson, Reid e Dishion (1992), pais estressados sempre falham em usar punições para comportamentos desviantes. Os pais tendem a ficar irritados em suas inter-relações familiares. Existe uma diferença entre o que os pais dizem e fazem. Fazem ameaças sem concretização, falham na monitoria e realizam disciplina relaxada e punição inconsistente.

## Inventário de Habilidades Sociais.

A tabela 5 mostra os resultados dos pais das quatro famílias no Inventário de Habilidades Sociais. Na sequência apresenta-se um laudo qualitativo dos escores.

Tabela 5. Inventário de Habilidades Sociais.

Inventário IHS	Família 1		Família 2		Família 3		Família 4	
	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai
<b>Escore F1</b>	9,61	17,70	13,72	13,34	5,94	17,58	10,33	10,80
<b>Escore F2</b>	10,95	11,70	10,59	10,53	8,37	11,09	8,83	5,39
<b>Escore F3</b>	6,59	11,02	8,66	8,71	7,85	7,87	6,30	8,20
<b>Escore F4</b>	3,19	5,81	5,51	4,48	2,72	4,95	4,36	3,58
<b>Escore F5</b>	1,86	1,14	0,02	1,86	0,83	1,53	1,81	0,03
<b>Escore Total</b>	102	146	119	121	86	130	88	89

Com base nos resultados da Ficha de Apuração dos pais é possível extrair as seguintes análises:

Família 1: o escore geral da mãe situa-se acima do padrão médio, indicando a existência de recursos em habilidades sociais no repertório materno. Quanto aos escores fatoriais, verificam-se os maiores escores, 35% acima da média, nas habilidades associadas ao Fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimento positivo e Fator 5 (autocontrole da agressividade). Também verifica-se um bom desempenho no Fator 1 (enfrentamento e auto-afirmação com risco) e desempenho dentro da média no Fator 3 (conversação e desenvoltura social), sendo razoável, embora um pouco abaixo da média o Fator 4 (auto-exposição a desconhecidos e situações novas). O escore geral do pai situa-se muito acima do padrão médio, indicando excelentes recursos em habilidades sociais. Quanto aos escores fatoriais, verificam-se os maiores escores (percentil 100) no Fator 1(enfrentamento e auto-afirmação com risco), Fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimento positivo), Fator 3 (conversação e desenvoltura social), Fator 4 (auto-exposição a desconhecidos e situações novas). Observou-se desempenho razoável, um pouco abaixo da média no Fator 5 (autocontrole da agressividade). Este dado, em especial foi amplamente confirmado no seguinte discurso-síntese: “o meu filho tem

dificuldade de lidar com a agressividade, que é a mesma dificuldade que tenho... ele tem esse defeitinho de fabricação que herdou do pai”.

Família 2: o escore geral da mãe situa-se acima do padrão médio, indicando excelentes recursos em habilidades sociais no repertório materno. Quanto aos escores fatoriais, verificam-se os maiores escores, 45% acima da média, nas habilidades associadas ao Fator 1 (enfrentamento e auto-afirmação com risco), Fator 3 (conversação e desenvoltura social) e Fator 4 ( auto-exposição a desconhecidos e situações novas). Também se verifica um bom desempenho, 25% acima da média no Fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimento positivo), mas desempenho 40% abaixo da média no Fator 5 (autocontrole da agressividade). Este dado foi confirmado na entrevista através do discurso-síntese “Eu sou uma agressiva contida. Verbalmente sou muita agressiva. Na minha argumentação sou dura e se percebo que tenho razão não dou trégua... Algumas pessoas adultas já me falaram da minha personalidade, de que eu destruo as pessoas num certo sentido. Mas não uso xingamento ou castigo moral”. O escore geral do pai também se situa muito acima do padrão médio, indicando excelentes recursos em habilidades sociais. Quanto aos escores fatoriais, verificam-se os maiores escores no Fator 1 (enfrentamento e auto-afirmação com risco), Fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimento positivo), Fator 3 (conversação e desenvoltura social), Fator 4 (auto-exposição a desconhecidos e situações novas) e Fator 5 (autocontrole da agressividade).

Família 3: o escore geral da mãe situa-se abaixo do padrão médio, indicando déficits em habilidades sociais no repertório materno. Quanto aos escores fatoriais, verifica-se o maior escore, 30% acima da média, na habilidade associadas ao Fator 3 (conversação e desenvoltura social) Todos os demais fatores, Fator 1 (enfrentamento e auto-afirmação de risco), Fator 2 ( auto-afirmação na expressão de sentimento positivo), Fator 4 ( auto-

exposição a desconhecidos e situações novas) e Fator 5 (autocontrole da agressividade), estão abaixo da média indicando desempenho comprometido nestas habilidades. O escore geral do pai situa-se muito acima do padrão médio, indicando excelentes recursos em habilidades sociais. Quanto aos escores fatoriais, verificam-se os maiores escores no Fator 1 (enfrentamento e auto-afirmação com risco), Fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimento positivo), Fator 3 (conversação e desenvoltura social), Fator 4 (auto-exposição a desconhecidos e situações novas) e Fator 5 (autocontrole da agressividade).

Família 4: o escore geral da mãe situa-se abaixo do padrão médio, indicando déficits em habilidades sociais. Quanto aos escores fatoriais, verifica-se o maior escore, 35% acima da média, na habilidade associada ao Fator 5 (autocontrole da agressividade), e 25% acima da média nos Fatores 1 (enfrentamento e auto-afirmação com risco) e Fator 4 (auto-exposição a desconhecidos e situações novas). No entanto, verificou-se dificuldades, com escore abaixo da média no Fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimento positivo) e Fator 3 (conversação e desenvoltura social). O escore geral do pai também situa-se abaixo do padrão médio, indicando déficits em habilidades sociais. Quanto aos escores fatoriais, verificam-se os maiores escores, 35% acima da média no Fator 3 (conversação e desenvoltura social) e acima da média no Fator 1 (enfrentamento e auto-afirmação com risco) e Fator 4 (auto-exposição a desconhecidos e situações novas). Porém, há dificuldades significativas de habilidades sociais no Fator 2 (auto-afirmação na expressão de sentimento positivo) e Fator Fator 5 (autocontrole da agressividade).

Os resultados das famílias 1 e 2 confirmaram alto índice de habilidades sociais nos pais, validando a literatura quando propõe que o desenvolvimento destas habilidades impede o aparecimento de condutas anti-sociais, produzindo filhos com

bom relacionamento interpessoal e intrapessoal, sucesso no desempenho acadêmico, capacidade de realizar julgamento moral e admiração pelos valores dos pais (Caballo, 1987; Patterson, Reid & Dishion, 1992; Gomide, 2001). Já os pais adotantes de práticas negativas possuem poucas habilidades disciplinares e sociais (Patterson et al., 1992; Alvarenga & Piccinini, 2001; Sommer & Braunstein, 1999). Os resultados das famílias 3 e 4 estão de acordo com a literatura, exceto pelo pai 3, cujo elevado escore na habilidade social está em desacordo com os autores citados. Algumas questões podem elucidar esta aparente contradição. Sugere-se manipulação do teste, pois este pai foi o único entre todos os sujeitos da pesquisa que enquanto respondia ao questionário afirmava estar tendo dificuldades para respondê-lo, mas dispensou ajuda da pesquisadora. Também se verificou dado controverso do pai, por exemplo, a contradição entre o discurso dele e da esposa na categoria abuso físico. Acrescenta-se um episódio ocorrido no início do contato com esta família. Segundo a mãe, o pai recusou-se a participar da coleta dos dados alegando muitos compromissos profissionais. A mãe prometia marcar um horário de entrevista para o pai, mas sem efetivação da promessa. Após cinco meses da coleta com a mãe, a pesquisadora realizou contato telefônico diretamente com o pai, o qual muito solícito se disponibilizou a participar. Durante a entrevista foi muito receptivo e sociável, porém interrompeu a entrevista quando percebeu que alguns meninos estavam tentando assaltar um carro estacionado na rua. Apropriou-se de um pedaço de madeira, saiu atrás dos “assaltantes”. Com este ato demonstrou agressividade com situação externa a ele. Este comportamento não pode ser interpretado como sensibilidade a terceiros (proprietário do carro), pois o argumento do pai foi sustentado sobre a raiva sentida por bandidos e não sobre a possível perda do proprietário. No entanto, o IHS, fator 5, não revela esta característica comportamental observada durante a entrevista.

## Checklist e Notas Escolares

Solicitou-se a três professores que respondessem a um *checklist* contendo 15 comportamentos anti-sociais e 15 pró-sociais. Os professores eram responsáveis pelas disciplinas de Ciências, História e Matemática. Cada professor poderia avaliar o comportamento anti-social e pró-social separadamente em função de uma escala de três pontos: sempre – raramente – nunca. De forma que o máximo de pontos atribuídos era igual a 45 (15 comportamentos vezes 03 professores). Estes dados tabulados estão apresentados na tabela 6.

Tabela 6. Resultados do *checklist*

Comportamento	Filho 1			Filha 2			Filho 3			Filha 4		
	Sempre (45)	Raramente (45)	Nunca (45)									
<b>Pró-Social</b>	43	1	0	34	8	0	17	25	1	37	4	0
<b>Anti-Social</b>	0	4	40	0	13	32	3	24	17	1	6	34

Verifica-se na tabela 6 que os adolescentes das famílias 1 e 2, pela avaliação de seus professores, comportam-se sempre de forma pró-social. O filho 1 em 97,72 % das vezes, e a filha 2 em 80,95% das vezes. Os professores também disseram que nunca o adolescente da família 1 apresentou comportamentos anti-sociais (90,90%) e a filha 2 em 71,11% das situações nunca apresentou comportamento inadequado socialmente. Quanto aos filhos das famílias 3 e 4 verificou-se que o adolescente 3, pela avaliação de seus professores, comporta-se sempre de forma pró-social em 39,53% das vezes, 58,13% raramente e 2,32% nunca apresentou comportamento pró-social. Os professores também disseram que ele em 6,18% das situações comporta-se sempre de forma anti-social, 54,54% apresenta raramente comportamento anti-social e 38,63% das situações nunca apresentou comportamento anti-social. Já a adolescente 4 pela avaliação dos professores, comporta-se sempre de forma pró-social em 90,24% das vezes, e apenas

9,75% raramente. Os professores também disseram que em 2,43% das vezes apresenta comportamentos anti-sociais e 14,63% das vezes ela os apresentou raramente. Percebe-se no *checklist* do adolescente 3 percentual mais acentuado na categoria “raramente” tanto para comportamentos pró-sociais quanto anti-sociais. Os resultados do *checklist* da adolescente 4 não foram compatíveis com as práticas educativas adotadas na sua família, em que se verificou elevado índice de risco em que esta jovem se encontra. No entanto, analisando os itens assinalados pelos professores, constata-se que no aspecto pró-social um professor não soube responder se a jovem era estimada por seus colegas, se respeitava os sentimentos dos outros ou compartilhava seus objetos pessoais, e este mesmo professor afirmou que ela sempre se aborrece com facilidade. Outro professor disse que algumas vezes a jovem 4 muda rapidamente de humor, mente, é mal-humorada, se envolve em brigas e age sem pensar. Observam-se, pelos dados qualitativos, dificuldade empática e temperamento difícil nesta jovem.

A orientadora do colégio informou que os adolescentes 3 e 4 apresentam problemas de disciplina no colégio. Assim, o *checklist* não foi muito eficaz para identificar comportamentos em adolescentes anti-sociais.

Quanto às notas escolares, foi verificado junto à secretaria da escola que a média escolar do adolescente 1 foi igual a 7,0 (sete). Pode-se considerar que este é um aluno bom em termos de notas escolares, capaz de passar de ano em função de seu desempenho acadêmico. O mesmo foi verificado com a adolescente 2, a qual também obteve média igual a 7,0 (sete) em 2002. Já o adolescente 3 obteve média 6,0 (seis), tendo sido aprovado por conselho de classe. Pode-se considerar que este adolescente apresenta dificuldades no desempenho acadêmico, pois o mesmo reprovou duas vezes e foi transferido no ano anterior a fim de evitar reprovação. Em oposição, a adolescente 4 obteve média 7,0 (sete), em 2002, indicando que esta aluna não apresenta dificuldades

no seu desempenho acadêmico. Bahls (2002), que estudou sobre usuários de drogas, percebeu que as meninas tinham bom desempenho escolar até meados da adolescência, mas o mesmo não ocorria com os meninos. A autora questiona se as meninas seriam mais resilientes do que os meninos. Este questionamento introduz o debate sobre diferenças de gênero.

Todavia, os resultados das famílias 1 e 2 indicam que pais com boas habilidades educacionais promovem filhos adaptados às exigências sociais e aptos academicamente (Conger & Kagan, 1974; Ferrari, 2000; Reppold et al., 2002; Gomide, 2000, 2001, 2002, 2003). Ferreira e Marturano (2002) realizaram pesquisa com 141 crianças para verificar a correlação existente entre o ambiente familiar e o baixo desempenho escolar. As pesquisadoras concluíram que repetência escolar, dificuldades de relacionamento com colegas e suspensão no colégio coincidem com ambientes familiares, onde os pais falham no monitoramento, suporte e supervisão dos filhos.

### **Inventário de Estilos Parentais Intergeracional**

Os pais das quatro famílias responderam ao IEP em relação aos seus próprios pais para se verificar a influência dos estilos parentais por ele vivenciados em sua relação paterna e materna e as práticas educativas parentais utilizadas com seus filhos, ou seja, discute-se a transmissão intergeracional dos estilos parentais. Os resultados podem ser vistos na tabela 7 e 8. Para auxiliar na análise dos dados optou-se por acrescentar nas tabelas o IEP atribuído pelos filhos/adolescentes desta pesquisa a seus pais. Na tabela 7 apresentam-se os dados intergeracionais das famílias que obtiveram IEP positivos de seus filhos. Mais adiante na tabela 8 estão os resultados intergeracionais das famílias 3 e 4, as quais receberam índices negativos dos filhos na segunda geração.

Tabela 7. Inventário do Estilo Parental Intergeracional das famílias 1 e 2.

Inventário Intergeracional	Família 1						Família 2					
	Resultados da Mãe			Resultados do Pai			Resultados da Mãe			Resultados do Pai		
	Mãe da Mãe (1)	Pai da Mãe (1)	IEP do Filho (1)	Mãe do Pai (1)	Pai do Pai (1)	IEP do Filho (1)	Mãe da Mãe (2)	Pai da Mãe (2)	IEP da Filha (2)	Mãe do Pai (2)	Pai do Pai (2)	IEP da Filha (2)
<b>Monitoria Positiva</b>	5	2	10	8	3	7	6	7	11	9	2	11
<b>Punição Inconsistente</b>	5	3	2	2	0	0	4	2	1	2	6	4
<b>Negligência</b>	5	7	5	5	4	2	5	5	0	2	8	0
<b>Comportamento Moral</b>	6	9	12	11	11	11	9	9	12	8	5	12
<b>Disciplina Relaxada</b>	4	4	2	1	1	1	3	0	4	4	4	4
<b>Monitoria Negativa</b>	6	1	6	8	4	1	3	2	3	2	3	1
<b>Abuso Físico</b>	7	0	0	0	0	0	3	0	0	0	6	0
<b>Índice do Estilo Parental</b>	- 16	- 4	+ 7	+ 3	+ 5	+ 14	- 3	+ 7	+ 15	+ 7	- 20	+ 14

Observa-se que na tabela 7 os índices de Estilo Parental da mãe 1 em relação aos seus pais é negativo, especialmente preocupante o de sua própria mãe (IEP= - 16). A mãe tinha baixa monitoria positiva e comportamento moral e índice muito alto de abuso físico. O pai apresentou baixíssimo índice de monitoria positiva, porém índice mediano em comportamento moral, por outro lado, registrou alta negligência. Os pais do pai 1 eram ambos positivos, especialmente no que se refere ao comportamento moral e ausência de abuso físico. Constata-se que a mãe 1 foi avaliada positivamente por seu filho, embora tenha avaliado negativamente seus pais. Este dado indica um rompimento na cadeia intergeracional de transmissão de práticas negativas. Já o pai 1 atribui índices positivos para os seus pais. Teve a mãe com elevado comportamento moral e boa monitoria positiva, mas índice alto em monitoria negativa e negligência. Em relação ao seu pai havia alto nível de comportamento moral, ainda que o pai tivesse baixa monitoria positiva. Também neste caso percebeu-se no pai 1 o aumento nos índices das práticas positivas e diminuição ou manutenção dos índices, quando baixos, das práticas negativas utilizadas com seu filho.

Assim, dado controverso foi o obtido pela mãe 1, pois esta foi submetida a índices familiares elevados em negligência e abuso físico e baixo índice em monitoria positiva e comportamento moral. Estes resultados despertam a reflexão sobre como esta mãe conseguiu superar os fatores de risco aos quais foi submetida. O estudo da resiliência pode ser um indicativo de resposta. Rutter (1996) afirma que a resiliência não significa necessariamente ausência de fatores de risco e propõe considerar os diferentes processos na interação da pessoa com o ambiente, bem como as diferenças individuais na percepção das situações de risco.

Pode-se supor que esta mãe teve outros modelos como tios, avós ou mesmo fora do seu contexto familiar, porém este foco não foi objeto deste estudo. Sabe-se pela entrevista que esta mãe diversas vezes buscou orientação com uma pedagoga sobre educação de filhos. Da mesma forma o discurso-síntese abaixo indica uma mãe preocupada em não repetir o estilo dos seus pais.

“Eu gosto de fazer reflexão sobre o que criticava dos meus pais e o que estou fazendo agora. Às vezes me vejo em situações e penso o que você está fazendo? O que você sempre criticou... Eu acho que se não prestar atenção podemos repetir com os filhos aquilo que recebemos dos nossos pais... Acho que os valores de honestidade, respeito, solidariedade foi bom... mas eu era muito expansiva, brincalhona e eu fui rotulada de preguiçosa e isso foi muito negativo, fiquei insegura do meu potencial. *Discurso-síntese “Estilo Parental Intergeracional” mãe1.*”

Outra hipótese seria considerar a influência do parceiro conjugal. Explicando: a educação dos filhos está sob a responsabilidade de ambos os pais, fruto do diálogo compartilhado. Assim, esta função não é desenvolvida individualmente. É possível lançar a hipótese de que o estilo paterno positivo do marido possa ter servido como contraponto para a mãe. Segundo Carter e McGoldrick (1995), o casamento representa a possibilidade de diferenciar-se das famílias de origem e desenvolver uma outra forma de funcionamento familiar.

Quanto ao pai 1, apesar do índice geral positivo no inventário intergeracional, observou-se que as variáveis negativas maternas, negligência e monitoria negativa e a

baixa monitoria positiva paterna estiveram presentes na história educacional da sua família.

Sugere-se que o valor positivo atribuído aos seus pais seja consequência da sua reavaliação mediante o processo de psicoterapia ao qual submeteu-se, pois foram identificados na entrevista conflitos de relacionamento tanto com o pai quanto com a mãe, conforme evidenciado no discurso-síntese abaixo.

“Como sempre os filhos nos trazem uma série de coisas. Trazem a possibilidade de a gente rever a nossa vida... os filhos vêm para nos ajudar mesmo, a rever e repassar as nossas questões emocionais... eu consegui reviver com meu filho a minha história de infância com a minha mãe que foi de abandono... com meu pai achava que tinha problemas, mas hoje vejo que nunca foi problema, revendo hoje não houve nenhum fato que ele não tenha estado do meu lado, dando apoio, mas esta relação ficou mascarada em função da situação como minha família se organizava”. *Discurso-síntese “Estilo Parental Intergeracional” pai 1.*

Na análise intergeracional da família 2, nota-se que o IEP da mãe em relação aos seus pais demonstra índice materno negativo e paterno positivo. A mãe da mãe 2 apresenta índices abaixo do esperado para a monitoria positiva, mas índice mediano em comportamento moral e valores um pouco acima da média prevista para os grupos de não risco, nas práticas negativas, punição inconsistente, negligência e abuso físico. O pai da mãe 2 teve monitoria positiva e comportamento moral mediano e baixos índices nas variáveis negativas, exceto pela negligência. Verifica-se que as práticas educativas, negligência nos pais e o abuso físico materno estiveram presentes nesta família, suscitando a reflexão sobre como a mãe 2 conseguiu superar o modelo parental de educação. Sugere-se que a presença do comportamento moral em ambos os pais tenha tido um efeito neutralizador para as práticas educacionais negativas. Da mesma forma a capacidade analítica da mãe desta pesquisa em reconhecer e compreender os limites dos seus pais demonstra efeitos positivos como indica o discurso abaixo.

“Com a minha mãe é uma relação de ser muito companheira. Eu sou muito parecida com ela em termos de personalidade... Minha mãe era muito inteligente e teve que matar muitas necessidades individuais por ser mãe de oito filhos e acabou ficando muito amarga para algumas coisas. Mas, ela tinha coragem, bondade e respeito pela infância. Minha mãe deixou eu ser criança... Com o meu pai foi uma relação apaixonada, mas ele faleceu quando eu tinha 14 anos. Era um misto de admiração e respeito, mas um

pouco distante. Ele viajava muito. Era um homem muito justo, honesto, forte apesar de não ter tido uma relação contínua com ele”. *Discurso-síntese “Estilo Parental Intergeracional” mãe 2.*

Observa-se neste relato a capacidade de esta mãe realizar uma análise crítica sobre seus pais e ao mesmo tempo reconhecimento das suas qualidades, sendo capaz de identificar-se com os fatores positivos.

Quanto ao pai 2, este indicou índice geral de IEP positivo para a mãe e negativo, de forma preocupante, para seu pai (IEP= -20). As práticas educativas, monitoria positiva, negligência e disciplina relaxada da mãe do pai 2 estiveram dentro da média para grupos de não risco; a monitoria negativa, abuso físico, punição inconsistente estiveram muito abaixo da média de risco; e o comportamento moral recebeu índice mediano. Sendo assim, pode-se dizer que as práticas familiares que mais influenciaram no pai 2 foram a monitoria positiva e os baixos índices nas práticas negativas de sua mãe. Pois, o pai do pai 2 utilizou todas as práticas negativas e nenhuma positiva, indicando elevado risco para produzir comportamentos anti-sociais e tendência evidente de transmissão intergeracional negativa. No entanto, considerando-se os resultados obtidos pelo pai desta pesquisa observou-se que o mesmo foi avaliado positivamente por sua filha (IEP= + 14). A monitoria positiva e o comportamento moral estão muito acima da média esperada inclusive para pais de não risco. A punição inconsistente e disciplina relaxada estão um pouco acima da média para grupo de não risco, mas as práticas educativas negligência, monitoria negativa e abuso físico estão ausentes como ação educativa parental.

Interroga-se sobre os fatores contribuintes para esta evolução intergeracional positiva, pois os dados negativos dos pais do pai 2 foram revelados no discurso-síntese abaixo.

“Acho que desenvolvi a idéia de espírito coletivo pela minha história com meu pai. Eu não suporto o auto-centramento. Ele era extremamente autocentrado. Não ouvia as pessoas, jamais. Ele se achava muito bom, como se só existisse ele. Ele era muito narcísico. Ele me ignorou. Ele era extremamente talentoso, eu sentia orgulho do que ele fazia, mas um orgulho solitário. Ele tinha muito medo de se envolver com as

peessoas. Foi muito difícil. Alguém que não te ouviu a vida inteira. Chega uma hora não dá mais vontade de conviver, ainda que eu entendesse. É o limite da pessoa, mas é difícil superar. Meu pai era um pêndulo. Era brilhante, tinha conceitos éticos interessantes, mas não conseguia compartilhar com a gente. De que adianta diamante para ser visto de longe... Minha mãe era uma pessoa de coração mole". *Discurso-síntese "Estilo Parental Intergeracional" pai 2.*

Novamente lança-se a hipótese da resiliência como construto teórico que pode auxiliar nesta discussão. Rutter (1987) afirma que os mesmos fatores de risco podem ser experienciados de maneira diferente por diferentes pessoas. Assim, o sujeito é resiliente quando consegue superar o estresse e as adversidades. Flach (1998) inclui como características do sujeito resiliente a tolerância ao sofrimento, a capacidade de adaptação e compromisso com a vida em que as experiências pessoais possam ser interpretadas com significado e esperança.

Percebe-se no discurso-síntese deste pai capacidade de reflexão, análise crítica e superação das adversidades. Porém, interrogam-se quais fatores podem ter estado presentes no contexto familiar a fim de facilitar o desenvolvimento da resiliência. Considerando-se o discurso-síntese intergeracional do pai 2 ficou evidente o reconhecimento pelos conceitos éticos e inteligência do seu pai. Havia uma admiração distante. Neste sentido, sugere-se indicar que houve modelo ético/moral, apesar de não ter sido compartilhado empaticamente com o filho. Assim, tende-se a indicar que a presença da ética, ainda que não compartilhada tenha sido um fator propiciador para a superação intergeracional do filho.

Tabela 8. Inventário do Estilo Parental Intergeracional das famílias 3 e 4.

Inventário Intergeracional	Família 3						Família 4					
	Resultados da Mãe			Resultados do Pai			Resultados da Mãe			Resultados do Pai		
	Mãe da Mãe (3)	Pai da Mãe (3)	IEP do Filho (3)	Mãe do Pai (3)	Pai do Pai (3)	IEP do Filho (3)	Mãe da Mãe (4)	Pai da Mãe (4)	IEP da Filha (4)	Mãe do Pai (4)	Pai do Pai (4)	IEP da Filha (4)
Monitoria Positiva	4	6	10	12	2	6	5	4	8	9	5	1
Punição Inconsistente	4	1	7	2	0	6	4	4	9	3	4	10
Negligência	8	3	5	0	6	7	9	7	3	0	6	8
Comportamento Moral	7	9	9	12	8	9	9	10	10	8	9	3
Disciplina Relaxada	0	0	8	4	1	6	3	2	5	3	2	7
Monitoria Negativa	9	1	6	11	0	6	2	5	7	10	3	6
Abuso Físico	7	0	4	1	2	4	0	2	2	1	7	7
Índice do Estilo Parental	- 18	+ 10	- 11	+ 6	+ 1	- 14	- 4	- 6	- 8	0	- 8	- 34

Na tabela 8 observa-se que o IEP da mãe 3 em relação aos seus pais apresenta índice materno significativamente negativo (IEP = -18) e paterno positivo. A mãe da mãe 3 obteve baixos índices em monitoria positiva e comportamento moral e níveis muito elevados em negligência, monitoria negativa e abuso físico. Quanto ao pai da mãe 3, apesar da baixa monitoria positiva, havia comportamento moral mediano e baixos índices nas práticas negativas. Constata-se que a mãe 3 foi submetida a modelos negativos na interação com sua mãe, mas ausentes com o pai. No entanto, manteve as práticas educacionais negativas com seu filho, inclusive desenvolvendo a prática da disciplina relaxada que não estava presente na geração anterior. O discurso-síntese abaixo confirma os valores negativos atribuídos a mãe.

“Apanhei muito sem saber por quê, se chegasse alguém minha mãe não surrava, mas depois batia. Eu a entendo porque o pai dela ameaçava com arma. Eu recebia broncas do tipo que eu era burra e manca. Eu entendo a minha mãe. Ela também teve problemas e não teve alguém que a orientasse. A maneira como ela foi criada passou para nós... Minha mãe dizia que palmada deixa sem-vergonha, tem que bater mesmo. Minha mãe batia com vara de marmelo. Ela evitava a cabeça. Ela dizia que na Bíblia aconselhava bater... Hoje fala-se sobre sexo. Este tipo de conversa jamais tive com minha mãe. Hoje pais são chamados de você. Antes a gente falava senhora. A gente não tinha liberdade para brincar com os pais”. *Discurso-síntese “Estilo Parental Intergeracional” mãe 3.*

Os estudos longitudinais sobre transmissão intergeracional indicam a conexão direta entre pais agressivos na primeira geração e pais agressivos na segunda,

principalmente o estilo abusivo, o irritado ou hostil. (Patterson, 1998; Putallaz, Costanzo, Grimes e Sherman, 1998).

O pai 3 atribuiu índice de IEP aos seus pais positivos, apesar de baixos (6 e 1). A mãe do pai 3 recebeu índices máximos na monitoria positiva e comportamento moral, mas o pai tinha baixíssima monitoria positiva e um índice um pouco abaixo da média para comportamento moral. Quanto às práticas negativas, a mãe do pai 3 recebeu elevadíssimo índice na monitoria negativa e o pai índice alto na negligência, mas a demais práticas educativas negativas receberam índices baixos.

Interroga-se sobre os fatores contribuintes para esta “regressão” intergeracional, afinal os pais da primeira geração eram positivos e o pai 3 tornou-se significativamente negativo para seu filho. Hipotetiza-se que IEP positivo porém baixo pode indicar risco para a geração seguinte especialmente se houver média elevada em práticas educacionais negativas. Ainda, verificou-se no discurso-síntese dificuldade de relacionamento com o pai, conforme indica o relato que segue.

“ Meu pai era trabalhador, não tinha posses e eu precisei começar cedo a minha luta. Eu tinha de ajudar a família porque era o mais velho de 8 irmãos. Eu fui pai dos meus irmãos e era muito pesado. Acho que casei para fugir de casa... Hoje eu tento passar o que não tive com meu pai. Meu pai foi muito matuto. Isso vem de geração a geração, o pai dele criou assim. Meu pai era muito firme, tudo estava errado. Essa relação pai filho é muito importante. Meu pai não foi uma má pessoa, mas a gente não dialogava por causa da deficiência auditiva dele. Ele não era de abraçar, dar carinho. Ele não era mau, mas a forma de demonstrar carinho era diferente... Nós conversávamos por leitura labial, imagine que difícil conversar com alguém com leitura labial. As vezes ele vinha conversar e não tinha noção e aumentava o tom de voz. A minha relação com o meu pai foi muito difícil. A minha mãe é muito amorosa e superprotetora e isso me prejudicou um pouquinho... Minha mãe era superprotetora e meu pai turrão”. *Discurso-síntese “Estilo Parental Intergeracional” pai 3.*

A literatura sobre o tema de transmissão intergeracional tem focalizado sua atenção na transferência do comportamento agressivo (Patterson, 1998; Conger et al., 2003; Capaldi et al., 2003). De acordo com o IEP do pai 3 sobre seus pais há ausência de punição física elevada, mas há índice alto em negligência e monitoria negativa e baixo em monitoria positiva paterna, no entanto foi elevado o índice de comportamento moral na sua mãe. Esta prática é considerada como importante variável para neutralizar

os comportamentos anti-sociais (Gomide, 2001; Hughes e Dunn, 2000; Loos et al., 1999). Há de se considerar que este presente estudo utilizou-se do método retrospectivo para a análise intergeracional. Método este criticado por Chen e Kaplan (2001) e Putallaz et al. (1998) os quais afirmam que esta metodologia tem suporte limitado para a hipótese da transmissão intergeração do comportamento paterno/materno, visto que a memória pode sofrer falhas ou enganos ao longo dos anos. Estes pesquisadores consideram importante observar diretamente os pais.

Em relação à família 4, ambos os resultados do IEP dos pais em relação aos seus pais são negativos, indicando nesta família a transmissão intergeracional de padrões parentais empobrecidos como a agressividade, comportamentos anti-sociais e ausência de empatia (Capaldi et al., 2003; Hops et al., 2003; Oliveira et al., 2000; Bandura, 1977).

A mãe da mãe 4 teve índices baixos em monitoria positiva, monitoria negativa e abuso físico. A negligência teve uma média muito alta, mas o comportamento moral, punição inconsistente e disciplina relaxada estão dentro da média de grupo de não risco. (Gomide, 2003). Já o pai da mãe 4 obteve índices baixos em monitoria positiva e disciplina relaxada. A negligência, monitoria negativa, punição inconsistente e abuso físico obtiveram índices acima das médias esperadas para grupo de não risco e o comportamento moral estava na média.

O discurso-síntese abaixo reflete a impossibilidade de a mãe da segunda geração romper a série identificatória com as práticas educativas de seus pais apesar do relato de sofrimento e mágoa.

“Nunca contei minhas coisas para minha mãe e isso me fez falta a vida inteira... O que minha mãe passou para mim eu não consegui sair disso. São atitudes arraigadas que eu não consegui sair e resolvi relaxar. Tornou valores meus. Eu tenho muitas mágoas da minha mãe. Da falta de atenção. Meu pai muito machão e ela cedia a tudo... Com os filhos eu não tenho aquilo de pegar, ficar e abraçar. Até porque nunca recebi isso”. *Discurso-síntese “Estilo Parental Intergeracional” da mãe 4.*

A mãe do pai 4 obteve média dentro do esperado para grupo de não risco em monitoria positiva, punição inconsistente, disciplina relaxada e abuso físico. A negligência foi baixíssima (0), mas a monitoria negativa foi elevada (10). A prática educativa comportamento moral está um pouco abaixo da média obtida para grupos de não risco. Já o pai do pai 4 recebeu em monitoria positiva, disciplina relaxada e monitoria negativa baixos índices, mas a negligência e o abuso físico foram elevados. A punição inconsistente e modelo moral têm média um pouco acima do grupo de não risco.

A filha do pai 4 indicou no IEP a evolução negativa nas práticas educacionais de seu pai. A monitoria positiva e o comportamento moral são baixíssimos e todas as práticas negativas receberam índices elevados e muito acima das médias inclusive para o grupo de risco.

O discurso-síntese abaixo indica a impossibilidade de o pai 4 romper a série identificatória com as práticas educativas de seu pai apesar do relato de sofrimento.

“Meu pai era mais chucrão do que eu. Mas queria que eu estudasse... e mostrava os deveres e obrigações... orientou sobre drogas. Tenho mágoa do meu pai porque quando ele batia, ele não parava e eu pensava chega e ele continuava a bater, mas acho que foi importante para a minha educação. Ele dizia estude e se virem. Tanto que nunca mostrei um caderno para ele. Vai, faça e se não fizesse apanhava com cordão de ferro... Meu pai batia, mas falava como tinha de ser. Porra, doía demais... é a educação que tive. Fica marcado na gente, fica dentro. Não tem como pegar e guardar no armário. Até entendo meu pai. Com dois anos ele perdeu pai e mãe e foi criado por um tio que não o criou como filho”. *Discurso-síntese “Estilo Parental Intergeracional” do pai 4.*

Com o discurso acima fica indicada a transmissão do comportamento agressivo paterno através de gerações. Segundo Fagot, Pears, Capaldi, Crosby e Leve (1998), garotos que sofreram agressão física, ao se tornarem pais, demonstram comportamentos similares ao de seus próprios pais, ou seja, dão mais disciplina física, mais retorno negativo e menos assistência psicológica aos seus próprios filhos.

### **Análise comparativa das quatro famílias**

Pode-se observar que as quatro famílias utilizam-se tanto de práticas educativas positivas quanto de risco, fato este justificado pela complexidade inerente às relações familiares. No entanto, a frequência das variáveis mostrou-se ser o diferencial. Nas famílias com índice de IEP positivos, as práticas educacionais negativas quando presentes tinham médias baixas e se utilizadas eram por apenas um dos pais. Nas famílias com índice de IEP negativos, a maioria das práticas negativas estava presente na mãe e no pai. Foi possível identificar variáveis positivas nestas famílias em pelo menos um dos pais, mas em nenhum deles com índice máximo. Estes resultados indicam que as práticas educacionais positivas precisam de presença consistente e constante e não devem estar associadas a médias elevadas nas práticas negativas. Os próximos quadros II e III apresentam as categorias identificadas em cada prática educativa nas famílias pró-sociais (famílias 1 e 2) e anti-sociais (famílias 3 e 4) e os efeitos nos filhos.

Quadro II. Categorias Comportamentais Identificadas nas Famílias Pró-Sociais.

Práticas Educativas	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Monitoria Negativa	Disciplina Relaxada	Punição Inconsistente	Negligência	Abuso Físico
<p><b>Pais em relação aos seus filhos</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sabem onde está,</li> <li>- Disponibilidade e empatia com os sentimentos do filho;</li> <li>- Apoio às iniciativas;</li> <li>- Interesse pelas atividades de lazer e escolares;</li> <li>- Ausência de estresse e depressão;</li> <li>- Estabelecimento de regras e limites;</li> <li>- Respeito à individualidade;</li> <li>- Percepção e orientação do comportamento,</li> <li>- Confiança,</li> <li>- Apoio na solução de problemas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Coerência entre fala e ato,</li> <li>- Auxilia na reparação de danos;</li> <li>- Valoriza os estudos;</li> <li>- Orienta conduta adequada,</li> <li>- Explicita suas opiniões;</li> <li>- Transmissão de valores;</li> <li>- Empatia;</li> <li>- Reage diante das injustiças,</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Repetição de instruções</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Regra não cumprida;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Oscilação do humor;</li> <li>- Utilização de chantagem;</li> </ul>			
<p><b>Efeitos nos filhos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- comportamentos pró-sociais, bom autoconceito e auto-estima, empatia com terceiros; realizam julgamento moral; vivenciam conceitos éticos; admiram os pais; reagem diante das injustiças; ausência de comportamentos anti-sociais</li> </ul>						

Quadro III. Categorias Comportamentais Identificadas nas Famílias Anti-Sociais.

Práticas Parentais	Monitoria Positiva	Comportamento Moral	Monitoria Negativa	Disciplina Relaxada	Punição Inconsistente	Negligência	Abuso Físico
Pais em relação aos seus filhos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecimento de regras;</li> <li>- Interesse pelo lazer;</li> <li>- Percepção das qualidades do filho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Transmissão de valores;</li> <li>- Explicitam opinião sobre álcool, sexo e drogas;</li> <li>- Valorização do trabalho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Monitora com cobranças;</li> <li>- Impotência para auxiliar dificuldades dos filhos;</li> <li>- Incoerência entre a fala e ato;</li> <li>- Dificuldades de diálogo;</li> <li>- Decepção e cansaço;</li> <li>- Presença de stress depressão e ansiedade;</li> <li>- Crença de que fazem o melhor e não são reconhecidos;</li> <li>- Conflito conjugal;</li> <li>- Sentimento de culpa;</li> <li>- Desconfiança, hostilidade e cobranças;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ameaças não cumpridas;</li> <li>- Culpa e arrependimento;</li> <li>- Perda da autoridade;</li> <li>- Baixa habilidade disciplinar;</li> <li>- Preocupação com as amizades do filho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Punição contingente ao humor;</li> <li>- Perda da autoridade;</li> <li>- Uso de chantagens;</li> <li>- Culpa;</li> <li>- Ausência de monitoramento;</li> <li>- Desconfiança;</li> <li>- Punição inadequada;</li> <li>- TPM;</li> <li>- Controle inconsistente;</li> <li>- Ausência de interesse pelos sentimentos dos filhos;</li> <li>- Dificuldade para modificar o proprio comportamento;</li> <li>- Humor agressivo ou desafiador;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nem sempre sabem onde o filho esta;</li> <li>- Ausência de empatia e companheirismo;</li> <li>- Ausência física do cuidador;</li> <li>- Indiferença as necessidades, sentimentos e atividades do filho;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Punição física;</li> <li>- Espancamento;</li> <li>- Ameaças de rejeição;</li> <li>- Demonstração de desamor;</li> <li>- Desconhece sentimentos do filho;</li> <li>- Abuso psicológico;</li> <li>- Repetição do modelo agressivo intergeracional;</li> </ul>
Efeitos nos filhos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mentiras, omissões, fingimentos, fraude, chantagens, furto, ausência de empatia e solidariedade; baixa auto-estima e habilidade social; desconsidera as regras; manipula os pais; comportamento opositor, aumento da agressividade, engajamento em grupos desviantes; desrespeita autoridade dos pais, vandalismo; dificuldades de socialização</li> </ul>						

Verificou-se também nos quadros anteriores II e III que a ansiedade e depressão estão ausentes nos pais das famílias positivas. O estresse também esteve ausente, exceto pelo pai do caso dois. Pondera-se este dado pela justificativa de ele ter passado por recente período de desgaste emocional. Quanto às habilidades sociais, os pais têm índice muito elevado. Porém, o Fator 5 do IHS identificou tendências agressivas no pai 1 e mãe 2, mas eles não fazem uso de práticas educacionais negativas. Argumenta-se que a capacidade de autopercepção é fundamental para possibilitar aos pais o controle de sua agressividade e assim não transferir nas relações com seus filhos. Este dado está ilustrado no laudo qualitativo do IHS destes pais.

Nas famílias com IEP negativo, as habilidades sociais são baixas, exceto pelo pai do caso três, cujo resultado foi bom, mas há indícios dos dados não serem confiáveis, pois o mesmo durante a aplicação relatou dificuldades de interpretação das perguntas do inventário. Sobre o fator 5 (autocontrole da agressividade) verificou-se tanto pais com bons níveis de manejo (pai 3 e mãe 4) e pais que extravasam sua agressividade na punição física ou no abuso psicológico, por exemplo a mãe 3 e o pai 4. Porém, não foi possível estabelecer uma correlação direta entre a presença da agressividade e as práticas educacionais. Os pais das famílias 3 e 4 têm estresse e fazem uso de todas as práticas negativas, principalmente a punição inconsistente e disciplina relaxada. Sobre a depressão verificou-se sua presença apenas nos pais e não nas mães, mas os dois pais que têm depressão utilizam-se de todas as práticas parentais negativas com elevados índices.

Quanto à escala de ansiedade os resultados foram classificados dentro dos padrões de normalidade. É oportuno lembrar que o Conselho Federal de Psicologia (CFP), mediante a Resolução n.º 002/2003 está revisando os testes e escalas psicológicas, sendo que até o momento existem pareceres favoráveis para os Inventários

de Depressão (Beck), Stress (Lipp) e Habilidades Sociais (Del Prette), porém o Inventário de Ansiedade (Idate), ainda está em avaliação no CFP. (Jornal do Conselho Federal de Psicologia, ano XVIII, no. 76, julho/03).

Os filhos adolescentes das famílias positivas, um do sexo masculino e outra do feminino, apresentaram boa socialização e desempenho acadêmico. Mostraram comportamentos pró-sociais com destaque para boa auto-estima, autoconceito, autonomia nas relações e capacidade empática. Quanto aos filhos das famílias negativas dois resultados foram obtidos: o rapaz da família 3 apresentou baixo desempenho acadêmico, auto-estima, autonomia e capacidade empática. Cometeu ato isolado de furto, falsificou assinatura do pai e fez uso de mentiras e omissões aos pais. A filha da família 4 não apresentou dificuldades acadêmicas, mas há queixas de indisciplina no colégio, conforme informado pela orientadora educacional e segundo relato de seus pais, falta à filha habilidade de socialização.

Observa-se com estes resultados que as práticas educativas positivas ou negativas produzem conseqüências comportamentais favoráveis ou não independentemente do sexo da progênie. Também, é importante ressaltar que dificuldades acadêmicas estão presentes nos filhos de pais com prevalência de práticas educacionais negativas, mas a ausência de bom desempenho acadêmico não é suficiente para descartar a hipótese de famílias com risco educacional, especialmente para as meninas. (Bahls, 2002).

Os pais das famílias com IEP positivo estão separados e das famílias com IEP negativos permanecem casados, apesar do relato de conflito conjugal ou de término do casamento. Este dado indica que a separação conjugal não necessariamente é fator de risco como tem afirmado parte da literatura psicológica (Antoni & Koller, 2000; Yunes

& Szymanski, 2001). O diferencial aparentemente está na habilidade de os pais conduzirem o processo de separação e as práticas educativas por eles utilizadas.

Os discursos dos pais das duas famílias pró-sociais demonstram concepções sobre maternidade, paternidade, família, educação de filhos muito semelhantes, ultrapassando a noção corriqueira de atendimento às necessidades materiais. Os pais julgam ser necessário desenvolver nos filhos habilidades de empatia, senso de coletividade e coerência entre o pensamento e a ação. Os pais diferenciam a conjugalidade da parentalidade, isto é, para eles as funções conjugais não devem se confundir com o exercício das obrigações inerentes aos pais, tais como estabelecer regras, monitorar e supervisionar as ações dos filhos e desenvolver nos mesmos a ética e a moral. Esta característica ficou evidenciada na seguinte fala do pai 2: “Nós falamos claramente aos filhos que eu e a mãe deles tínhamos uma relação que havia acabado, mas que a relação com eles era diferente e a do casal era outra”. Notou-se ainda que estes pais têm capacidade de percepção, discriminação dos sentimentos de si e do outro e manejo refletido e dialogado com os filhos.

Os relatos dos pais das duas famílias negativas demonstram entre si concepções semelhantes sobre maternidade, paternidade, família e educação de filhos, mas os conceitos estão pautados no distanciamento entre o “como deveria ser” (desejo) e aquilo que “conseguem fazer” (realidade). Esta constatação foi confirmada no discurso da mãe 3 – meu filho gosta do limite –, mas os pais estão perdidos. Sobre a educação dos filhos os pais divergem. A mãe 4 afirma: “eu sou permissiva e ele muito rude. É tudo zero ou cem. Norte ou Sul. Leste e Oeste... coitada das crianças nesse meio aí”. Os pais das duas famílias apresentam conflitos com o exercício de suas funções parentais e transferem as mágoas conjugais para a relação com os filhos, assim a conjugalidade se mistura com a parentalidade. O pai 4 diz: “os filhos interferem muito na vida de um casal. Se não tiver

um dosador é um saco. Tudo isso por causa dos filhos”. Outra constatação foi a parceria da mãe com o filho (a) contra as decisões do pai, desautorizando a conduta paterna. A mãe 3 afirmou: “o pai proibiu o filho de usar brinco, mas eu percebi que meu filho queria muito, então eu mesma comprei um brinco para ele”. Percebeu-se que os pais conseguem reconhecer e localizar suas dificuldades relacionais com os filhos, no entanto, não conseguem reparar ou transformar em ação, indicando que não há capacidade de reflexão, pois a etimologia desta palavra inclui o pensamento consciente sobre as idéias, mas acrescenta a noção de desviar da direção inicial (Cunha, 1998), ou seja, a ação é inerente à reflexão. Finalmente, observou-se evidenciada a prática educativa abuso psicológico, por meio de descaso, humilhações, ofensas verbais e destituição moral dos filhos.

Os pais com índices negativos tendem à divisão de tarefas ou mesmo à abdicação de suas funções. Na família 3 notou-se que ao pai cabe o lazer e à mãe as atividades escolares. Este dado está próximo de uma conduta paterna adolescente. Estudo realizado por Trindade e Menandro (2002) com pais adolescentes observou que a prática parental mais mencionada foi lazer e brincadeiras.

No que se refere às perdas financeiras ou emocionais, identificou-se não ser uma variável consistente para determinar a escolha e o uso das práticas educacionais, pois se localizou, tanto nas famílias pró-sociais quanto anti-sociais, perda de poder aquisitivo e/ou perda afetiva por frustrações conjugais ou falecimento de familiar.

Neste estudo foi possível indicar que a motivação inicial dos pais para ter filhos pode interferir no uso das práticas educativas. A mãe 3 afirmou em seu discurso ausência inicial de desejo para ter seu filho. A mãe 4 relatou conflito com sua filha mulher e o pai 4, além de responsabilizar os filhos como causadores da desarmonia familiar, informou na entrevista que gostaria de no máximo um ou dois filhos. Já a mãe

1 informou em seu relato sobre maternidade que não desejava a gravidez tendo sido acidental. A entrevista e o IEP do filho mostraram que esta mãe executa suas funções de forma positiva, apesar do uso de um pouco de negligência e monitoria negativa. Estes dados indicam que é possível elaborar o desejo de maternidade desde que haja disponibilidade da mãe como foi verificado nos discursos-síntese da mãe 1.

Quanto à análise intergeracional, obteve-se como resultado que as práticas parentais negativas são determinantes para a reprodução dos comportamentos negativos. A mãe 1 e ambos os pais da família 2 superaram a tendência ao uso de práticas educativas negativas utilizadas pelos seus pais. O estudo da resiliência mostrou-se ser um indicativo de resposta, apesar de ser um construto teórico recente e ainda difuso. Em oposição, a mãe 3 e ambos os pais da família 4 reproduziram as práticas negativas, apoiando a literatura especializada. (Bandura, 1977; Capaldi et al., 2003; Conger et al, 2003; Hops et al., 2003).

Analisando-se os IEPs da mãe 1 que superou as práticas intergeracionais negativas com a mãe 3 e 4 que também foram submetidas a práticas negativas, mas mantiveram ou mesmo aumentaram os índices, constatou-se que há vários pontos de semelhança nos índices das práticas educativas positivas e negativas utilizadas pelos seus pais. Entretanto, as mães 3 e 4 indicaram altos índices de negligência para suas mães, muito superiores ao da mãe da mãe 1. Assim, esta prática educativa pode ser um indicativo para a manutenção negativa intergeracional nas mulheres. É necessário acrescentar que o mesmo fenômeno foi observado ao se comparar a mãe 2, que também superou a transmissão intergeracional negativa, com as mães 3 e 4. A partir deste dado sugere-se que filhas mulheres poderiam estar se identificando com suas mães e se estas não encaminharem atenção, amor e cuidados afetivos e materiais para suas filhas, isto

possivelmente dificultará o amadurecimento emocional das mulheres e conseqüentemente o exercício da maternidade.

Quanto aos pais, observou-se superação das práticas negativas no pai 2. Assim, comparando-o aos pais 3 e 4 que não superaram a herança intergeracional negativa, verificou-se pontos semelhantes como a presença da negligência nos pais, mas ausente ou baixa nas mães e a baixíssima monitoria positiva e negativa paterna. Porém, a comparação dos IEPs deixa indicado que a monitoria negativa da mãe do pai 2 era muito baixa (IEP=2), mas nas mães dos pais 3 (IEP=11) e 4 (IEP=10) foram elevadíssimas. Mediante este dado novamente sugere-se apontar a influência de algumas práticas educativas no gênero da prole. As mulheres pareceram ser mais suscetíveis à negligência materna e os homens à monitoria negativa de suas mães.

Outra perspectiva de análise intergeracional pode ser obtida através dos discursos-síntese sobre estilo parental intergeracional e comportamento moral em que se constatou que todos os pais e mães positivos e negativos sabem diferenciar os comportamentos corretos dos inadequados. Assim, é possível que o âmbito da moral esteja presente no contexto familiar. Este fato é desafiador no sentido de encontrar outro fator propiciador ou impeditivo na adoção de práticas educacionais positivas. Neste sentido, pode-se aventar a hipótese de que tanto a empatia como o abuso psicológico/emocional constituem elementos fundamentais para esta análise, pois este estudo indicou que a falta de empatia em ambos os pais e o uso de abuso emocional constituíram uma parceria com elevados riscos para a adoção de práticas educativas negativas e sua continuidade entre as gerações, bem como a presença da empatia ou a ausência de abuso emocional em pelo menos um dos pais pode ter sido o diferencial para o filho superar a transmissão intergeracional negativa.

Observou-se que a mãe 1, que foi submetida a variáveis negativas sofreu abuso emocional em sua história de vida, mas havia solidariedade e respeito na família (comportamento moral) e a mesma recebeu apoio dos pais nos momentos críticos de sua vida (empatia). Isto ficou evidenciado no discurso-síntese sobre família e estilo parental intergeracional. Com a mãe 2, que também foi submetida a práticas educacionais negativas maternas, observou-se que sua mãe foi respeitosa com as crianças (empatia) e não há relato de abuso psicológico/emocional. Também, havia admiração pelos valores dos pais (comportamento moral). Estes dados são identificados no discurso-síntese sobre estilo parental intergeracional da mãe 2. O pai 2 nutria muita admiração pelos valores éticos do seu pai e não há indicativos de abuso psicológico por parte do pai. Também não foi possível deduzir se a mãe compensou as dificuldades que o filho teve com o pai. Foram identificadas nas mães 3 e 4, ausência de empatia nos seus pais e presença de abuso emocional no pai ou mãe. Apesar de o pai 3 ter indicado índices positivos aos seus pais, o discurso-síntese intergeracional demonstrou dificuldades relacionais com seus familiares e falta de empatia dos pais ao transferirem os cuidados de criação dos outros filhos para ele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número reduzido de participantes impõe limites às generalizações dos resultados, mesmo assim os dados obtidos pelas entrevistas foram enriquecedores da teoria sobre Estilo Parental e suas Práticas Educativas. O IEP respondido pelos filhos foi eficaz para identificar as ações educacionais utilizadas pelos pais. As famílias com índices positivos no IEP apresentaram ênfase nos comportamentos pró-sociais em sua interação com seus filhos, produzindo bons efeitos tanto nos meninos como nas meninas. Já nas famílias com índices negativos os dados foram controversos. Um adolescente do sexo masculino apresentou uma larga variedade de comportamentos anti-sociais, tais como uso de mentiras, furto, fraude, vandalismo e chantagens. Já a adolescente do sexo feminino não apresentou danos no desempenho escolar, mas tem dificuldades para estabelecer amizades e laços sociais.

Quanto à transmissão intergeracional, a literatura especializada sobre o tema enfoca suas pesquisas na transmissão do abuso físico e critica o método retrospectivo utilizado neste estudo. Porém, foi possível verificar que os pais que foram submetidos ao abuso físico mantiveram a transmissão intergeracional de agressividade com seus filhos, mas também se identificou pais que conseguiram superar as práticas educativas negativas às quais foram submetidos na sua história de vida familiar. Dado controverso foi obtido com outro pai que se tornou usuário de estratégias educacionais negativas, mesmo tendo tido pais positivos.

Estes resultados demonstram que as relações familiares são complexas, justamente pela multiplicidade de variáveis envolvidas e pelas diferentes dimensões que estas variáveis assumem em seu entrelaçamento macro (extra-familiar) e micro social (intra-familiar). Portanto, para os estudos futuros, inclusive sobre transmissão

intergeracional, sugere-se aprofundar em dois temas. Primeiro, discutir sobre o construto da resiliência, incluindo variáveis como as diferenças entre os gêneros masculino e feminino e a influência dos tios, tias, avós (Carter & McGoldrick, 1995) amizades, vizinhança, escola, ou mesmo valores culturais e históricos de uma comunidade (Bronfenbrenner, 1996) como fatores que contribuem para o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo de uma criança. Segundo, aprofundar na compreensão da variável abuso psicológico que não foi abordada especificamente neste estudo, porém esta prática educativa foi largamente utilizada pelos pais negativos. Isto levanta um novo problema de pesquisa: Como medir adequadamente o abuso psicológico/emocional?

Referente aos demais fatores determinantes do comportamento dos pais observou-se que o Stress citado pela literatura especializada (Patterson et al., 1992; Gomide, 2003) é uma variável presente em casais com dificuldades de implementação das ações educativas adequadas. Sobre o fator depressão, Somer e Braunstein (1999) afirmam que mães depressivas utilizam-se mais frequentemente das práticas educativas aversivas e negligentes. No entanto, o presente estudo identificou depressão apenas nos pais das famílias com índices negativos. Porém, este dado está amplamente apoiado pelo trabalho de Patterson et al. (1992), o qual identifica como prejudicial e determinante na densidade das trocas aversivas entre pais e filhos, a presença da depressão no pai ou mãe. É importante salientar que os pais depressivos tiveram baixa monitoria positiva e elevado índice nas práticas negativas. A ansiedade, embora muito apontada na literatura (Kim et al., 1999; Barber, 1996; Pettit et al., 2001; Conger et al., 1997) como fator desencadeante de estratégias educacionais negativas não foi confirmada. Sugere-se que o instrumento escolhido (Inventário de Ansiedade Traço-Estado) não tenha sido efetivo para identificar e medir esta variável.

No que se refere às habilidades sociais, o inventário de Del Prette e Del Prette (2001) mostrou-se coerente nas famílias com índices positivos. Pais e mães utilizam-se da monitoria positiva e do comportamento moral como práticas educativas em detrimento das práticas negativas. Resultado inverso foi obtido em três dos quatro pais com índice negativos, os quais apresentaram baixo repertório de habilidade social. Este resultado é coincidente com os estudos científicos (Alvarenga & Piccinini, 2001; Hofman, 1975; Patterson et al., 1992). Exceção feita ao pai do caso 3 que apresentou bons índices em habilidades sociais, todavia este pai utiliza-se de diversas práticas negativas com o filho. Este resultado em particular, coloca em discussão a correlação entre habilidades sociais e práticas educativas. Pesquisa realizada por Sabbag (2003) com duas famílias de índice no IEP negativo encontrou boas habilidades sociais em ambos os pais de uma família de risco, de forma que uma hipótese a ser levantada é o efeito da escolarização nos resultados do Inventário de Del Prette (2001), ou seja, se baixa escolaridade no respondente dificulta a compreensão do teste que é de auto-aplicação prejudicando o resultado final. A população utilizada por Sabbag (2003) foi de pais com ensino secundário, da mesma forma o pai 3 deste estudo concluiu o segundo grau, mas não deu continuidade à formação acadêmica. Em vista disso, sugere-se para um próximo estudo o aprofundamento dos fatores habilidades sociais e ansiedade nos pais que apresentam índice parental negativo.

Sobre as medidas comportamentais, verificou-se que as notas escolares não foram um bom preditor para analisar as práticas educativas parentais. Possivelmente seja necessário avaliar o histórico escolar, ao invés de focalizar o desempenho acadêmico num determinado ano letivo. Quanto aos resultados obtidos pelo *checklist* dos adolescentes das famílias com índices negativos, a avaliação dos professores não estava de acordo com a percepção da orientadora educacional, indicando que o

instrumento não foi eficaz para a coleta dos dados. No entanto, o mesmo não foi verificado com os jovens das famílias positivas, em que os resultados do *checklist* foram compatíveis com os demais dados coletados.

Os fatores de risco separação conjugal, perdas financeiras, conflitos profissionais não provocaram necessariamente danos à família. Este estudo demonstrou que focar isoladamente um evento de vida e atribuir-lhe a condição de adversidade, tanto no caso de um indivíduo como de um grupo, não é definitivo.

Outro indicativo deste estudo está na importância de os pais serem hábeis em distinguir as funções parentais da relação conjugal. A capacidade empática de os pais perceberem as dificuldades familiares foi altamente positiva, pois esta conduta permite a reparação dos danos emocionais.

Esta pesquisa demonstrou que as relações familiares compõem um universo repleto de ambigüidades e algumas contradições. Contudo o desejo de ter um filho, mas especialmente de cuidá-lo, associado às instâncias de lei, regras e costumes (comportamento moral), acrescido de um vínculo cooperativo entre o casal e dos pais com seus filhos (monitoria positiva), e um apego honesto à realidade e às relações familiares com seus impasses e possibilidades, contribuem para um sistema familiar efetivo e eficaz.

Finaliza-se este estudo com as palavras do pai 1, em que se constata que pais positivos são empáticos e sensíveis no exercício de suas funções parentais. Da mesma forma são disponíveis para refletir e dialogar sobre os assuntos referentes aos filhos. “Desde que você me ligou foram dias em que eu lembrei algumas coisas da minha vida atual e do passado. E da minha relação com meu filho... Esta entrevista foi um presente, uma dádiva para mim e fico muito feliz do meu filho ter sido escolhido para

este trabalho e com certeza o impacto desta entrevista vai se prolongar por alguns dias.

De forma que é um prazer ter participado deste projeto”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvarenga, P.; Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.14, no 3, Porto Alegre.
- Alvarez, A .M.S. ; Moraes, M.C.L. ; Rabinovich, E.P. (1998). Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados. **Revista brasileira de desenvolvimento humano**.
- Alves, G.L.B.(1992). **Stress Diagnóstico e Tratamento**. Curitiba: Relisul.
- Antoni,C.; Koller,S.H.(2000). A visão de família entre os adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, v.5, no 5.
- Antoni, C.; Koller, S. (2000). Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. **Revista psicologia**, 31(1), p.39-66.
- Araújo, M.R.G.L.; Dias, C.M.S.B. (2002). Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Revista estudos de psicologia**, 7(1) 91-101.
- Arendt, H. (1958/2002). **A condição humana** (10ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Argyle, M. (1976). **A interação social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Ariès, P. (1980). **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC S.A.
- Aristóteles (322/1987). **Coleção os pensadores**. Porto Alegre: Nova Cultural.
- Ary, D.; Duncan, T.E.; Duncan, S.C.; Hops, H.(1999). Adolescent problem behavior: the influence of parents and peers. In: **Behavior Research and Therapy**. v.37, p. 217-230. Oregon.
- Assmar, E.M.L.; Ferreira, M.C.; Novaes, H.; Tomaz, M.(2000). Premissas histórico-socioculturais sobre a família brasileira em função do sexo e da idade. **Revista Reflexão e Crítica**, 13(1), 89-96.
- Badinter, E. (1985). **Um amor conquistado: o mito do amor materno** (5ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Badinter, E. (1992). **XY sobre a identidade masculina** (2ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bahls, F.R.C. (2002). **Análise de auto-relatos de adolescentes que buscaram tratamento por uso de substâncias psicoativas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

- Bahls, S. (1999). Depressão: uma breve revisão dos fundamentos biológicos e cognitivos. In: **Revista Interação**, v.3, p.49-60.
- Bandura, A. (1977). **Social learning theory**. Englewood cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Barber, B.K.; Olsen, J.E. & Shagle, S.C. (1994). Associations between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, 65, p.1120-1136.
- Barber, B.K. (1996). Parental psychological control: revisiting a neglected construct. *Child development*, 67, p.3296-3319.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. In: **Child Development**, v. 37, p. 887-907.
- Baumrind, D. (1977). Socialization determinants of personal agency. Paper presented at the biennial meeting of the society for research in **child development**. New Orleans.
- Bee, H. (1996). **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Biaggio, A. M. B. & Natalício, L. (1979). **Manual do inventário de ansiedade traço-estado**. Rio de Janeiro: Cepa.
- Bigras, M.; Paquete, D. (2000). L'interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: une analyse personne-processus-contexte. **Revista Psicologia :Teoria e Pesquisa**, 16(2), 91-102.
- Bowlby, J. (1948/1984). **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes.
- Bradt, J.O. (1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In: Carter e McGoldrick (org). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brofenbrenner, U. (1996). **A Ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bugental, D.B.; Caporaël, L. & Shennun, W.A. (1980). Experimentally Produced Child Uncontrollability: Effects on the Potency of Adult Communication Patterns. In: **Child Development**, v. 51, p. 520-528.
- Burgess, R.L. & Conger, R.D. (1978). Family Interaction in Abusive, Neglectful and Normal Families. In: **Child Development**, v. 49, p. 1163-1173.
- Bussab, V.S.R. (1997). O desenvolvimento de comportamentos pró-sociais na criança: considerações sobre a natureza dos fatores e dos processos envolvidos. In: **Temas de Psicologia**, no 3.

- Bussab, V.S.R. (2000). A família humana vista da perspectiva etológica: natureza ou cultura? **Revista interação**, 4, 09-22.
- Caballo, V.E. (1987). **Teoría, evaluación Y entrenamiento E las habilidades sociales**. Promalibro, Valencia.
- Capaldi, D.M.; Conger, R.D.; Hops, H.; Thornberry, T.P. (2003). Introduction to special section on three generation studies. **Journal of abnormal child psychology**, April, v31 i2 p.123(3).
- Carter, B.; Mcgoldrick, M.(1995). **As Mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, A .M. (1997). O desenvolvimento social da criança e seus contextos de emergência. In: **Temas de Psicologia**, no 3.
- Carvalho, A .M.A .(1998). Etologia e comportamento social. In: **Psicologia: reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carvalho, M.C.N. (2003). **Efeito das práticas educativas parentais sobre o comportamento infrator de adolescentes**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Casey, J.(1989). **História da família**. Lisboa: Teorema.
- Cecconello, A .M. & Koller, S.H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. **Estudos de Psicologia**, vol 5, no. 1.
- Cernkovich, S.A . & Giordano, P.C. (1987). Family relationships and delinquency. **Criminology**, 24, 295-321.
- Cervený, C.M.O .(1994). **A família como modelo- desconstruindo a patologia**. Campinas: Editorial Psy II.
- Chen, X. & Zhou, Q.D.H. (1997). Authoritative and Authoritarian Parenting Practices and social and School Performance in Chinese Children. In: **International Journal of Behavior Development**. P. 885-873.
- Chen, Z.; Kaplan, H.B.(2001). Intergenerational transmission of parenting. **Journal of Marriage and Family**, 63,p. 17-31.
- Código Civil Brasileiro. Decreto Lei no. 3071 de 01/01/1916.
- Código Civil Brasileiro. Decreto Lei no.10406 de 10/01/2002.
- Collins, W.A .; Maccoby, E.E.; Steinberg, L.; Hetherington, E.M.; Bornstein, M.H.(2000). Contemporary reserch on parenting: The nature and nurture. **American Psychologist**, 55, p.218-232.

- Comte-Sponville, A. (2000). **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes.
- Conger, J.J.; Kagan, J. (1974). **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra.
- Conger, R.D.; Neppe, T.; Kim, K.J.; Scaramella, L. (2003). Angry and aggressive behavior across three generations: a prospective, longitudinal study of parents and children. **Journal of abnormal child psychology**, April, v3 i2 p.143(18).
- Conte, F.C.S. (1996). **Pesquisa e intervenção clínica em comportamento delinqüente numa comunidade pobre**. Tese de doutorado. USP.
- Correa, M.V. (2000). Novas tecnologias reprodutivas: doação de óvulos. O que pode ser novo nesse campo?. **Caderno Saúde Pública**, v 16, no 3, p. 863-870.
- Costa, R.G. (2002). Reprodução e Gênero: paternidades, masculinidade e teorias da concepção. **Revista Estudo Femininos**, v. 10, no 2, p. 339-356.
- Crittenden, P.M. (1985). Maltreated infants: vulnerability and resilience. **Journal of child psychology and psychiatry**, 26. P85-96. Abstract – Psy-Info.
- Cunha, J.A. (2001). **Manual da Versão em português das escalas Beck**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cunha, A. G. (1998). **Dicionário Etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Darwin, C. (1859/1994). **Origem das espécies**. Rio de Janeiro: Villa Rica.
- Delitti, M. (2000). Depressão: a solução depende de vários modelos teóricos? Em: Kerbaury, R.R. (org) **Sobre comportamento e cognição**, vol 5. Santo André/SP: Esetec.
- Del prete, A. ; Del prete, Z. (1999). **Psicologia das habilidades sociais – Terapia e Educação**. Petrópolis: Editora Vozes.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z.A .P. (2001). **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Editora Vozes.
- Dodge, K.A. ; Pettit, G.S.; Batters, J.E. (1994). Socialization mediators of the relation between socioeconomic status and child conduct problems. **Child Development**, 65, p.649-665.
- Ducharme, J.M.; Atkinson, L. & Poulton, L. (2001). Enroleless compliance training with physically abusive mothers: a single-case approach. In: **Child Abuse & Neglect**, v. 6, p. 855-868.
- Eisenberg, N.; Fabes, R.; Carlo, G.; Peer, A. L.; Switzer, G.; Karbons, M.; Troyer, D. (1993). The Relations of Empathy-Related Emotions and Maternal Practices to

- Children's Comforting Behavior. **Journal of Experimental Child Development**, 55, p. 131-150.
- Emery, R. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. **Psychological Bulletin**, 91.
- Erickson, M.(1998). Anxiety and Depression. In: **Behavior Disorders of children and adolescents**. Prentice Hall, New Jersey.
- Faer, M. (1995). The intergenerational life history-project: promoting health and reducing disease in adolescents and elders. **Public health reports**, March-april, vol. 10 n2 p194(5).
- Falcone, E. (1997). A relação ente o estresse e as crenças na formação dos transtornos de ansiedade. Em: Zamignani, D.R. (org). **Sobre comportamento e cognição**, vol 3. Santo André, SP: Esetec.
- Feldman, M.P. (1979). **Comportamento criminoso: Uma análise psicológica**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freedman, M.(1989). Fostering intergenerational relationship for at-risk youth. **Children Today**, March-april, v18 n2 p.10(5).
- Fergusson, D.M.; oodward, L.J.; Horwood, L.J. (2000). Risk factors and life processes associated with the onset of suicidal behaviour during adolescence and early adulthood. **Psychological Medicine**. Vol. 30, no. 1, p.23-39.
- Ferrari,I.J.(2000).Quando o fracasso escolar é uma resposta às expectativas familiares. In: **Psicologia Argumento**, ano XVIII, no XXVI, p. 45-52.
- Ferreira,M.C.T.; Marturano, E.M. (2002).Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, no 1, p.35-44.
- Ferster, C.B. (1973). Abordagens comportamentais à depressão. In: Friedman e Katz. **The Psychological of Depression – contemporary theory and research**. New York: John Wiley & Sons.
- Flach, F.(1991). **Resiliência: A arte de ser flexível**. São Paulo: Saraiva.
- Forna, A. (1999). **Mãe de todos os mitos**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Foucault, M.(1998). Eu, Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão. Rio de Janeiro: Graal.
- Franco, V.(2000). **Desenvolvimento, resiliência e necessidades das famílias com crianças deficientes**. Universidade de Évora, Portugal.
- Freud, S.(1913/1987). **O interesse educacional da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920/1987). **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago.

- Freud, S. (1930/ 1987). **O mal estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago.
- Garnezy, N. (1984). Risk and protetive factors in children vulnerable to major mental disorders. **American Psychiatric**. Vol. 3, p.91-104.
- Gazeta do Povo, Jornal. (31.08.2003) – Curitiba –Paraná- Brasil.
- Gershoff, E.T. (2002). Corporal Punishment by Parents and Associated child behaviors and experiences. **Psychological Bulletin**, 128, 539-579
- Gomide, P.I.C.(1996). Agressão humana. Torre de Babel: **Reflexões e pesquisa em psicologia**, 3. Londrina: UEL, p.71-87.
- Gomide, P.I.C. (1998) **Menor Infrator: a caminho de um novo tempo**. 2ª. edição. Curitiba: Juruá.
- Gomide, P.I.C. (2000). Efeito de filmes violentos em comportamento agressivo em crianças e adolescentes. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 13 (1) Porto Alegre.
- Gomide, P.I.C. (2001). Efeito das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social. In: Marinho & V.E. Caballo (orgs). **Psicologia clínica e da Saúde**. Londrina (Brasil), Granada (Espanha): UEL.
- Gomide, P.I.C. (2002). **Checklist de comportamentos pró-sociais e anti-sociais respondidos pelo professor** – não publicado.
- Gomide, P.I.C.; Sabbag, G.M.; Guisantes, C.S. & Guimarães, A .M.A . (2003). Práticas Educativas e comportamento anti-social. **Relatório do PIBIC – UFPR**, não publicado.
- Gomide, P.I.C. (2003). Estilos Parentais e comportamento anti-social. Em A. Del Prette e Z. Del Prette (orgs). **Habilidades Sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção**. Campinas: Alínea.
- Gomide, P.I.C. (2003). **Pais Presentes, Pais Ausentes**. Editora Vozes, no prelo.
- Gorayeb, R.(1986). **Psicopatologia Infantil**. V16-I. São Paulo:EPU.
- Grisard Filho, W.(2000). **Guarda compartilhada**. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Haapasotoa, J. & Pokelaa, E. (1999). Child-rearing and abuse antecedents of criminality. **Journal Agression and Violent Behavior**, vol 4, issue 1, p. 107-127.
- Harlow, H.F. (1959/1977). O amor em filhotes de macacos. **Psicobiologia: textos da Scientific American**. São Paulo: Edusp.
- Hays, S. (1998). **Contradições culturais da maternidade**. Rio de Janeiro: Gryphus.

- Hinkle, L.E.(1987). Stress and disease: the concept after 50 years. **Social Science and Medicine**. No 25, p.561-566.
- Hirigoyen,B.(2001). **Assédio Moral**. São Paulo: Bertran.
- Hoffman, M.L. (1975). Moral internalization, Parental Power and the Nature of Parent-Child Interaction. In: **Developmental Psychology**, v. 11, no 2, p. 228-239.
- Hoffman, M.L. (1979). Developmental Synthesis of Affect and Cognition and Its Implications for Altruistic Motivation. **Developmental Psychology**,V. 11, no 5, p. 607-622.
- Hoffman, M.L.(1994). Discipline and internalization of values: model, review and comentaries. **Developmental Psychology**, 30(1).
- Hops, H.; Davis, B.; Craig, L.; Sheeber, L. (2003). Cross-generational transmission of aggressive parent behavior: a prospective, mediational examination. **Journal of abnormal child psychology**, April, v31 i2 p. 161(9)
- Houaiss (2001). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva.
- Hrdy, S.B. (2001). **Mãe natureza: uma visão feminina da evolução. Maternidade, filhos e seleção natural**. Rio de Janeiro: Campus.
- Hughes,C. & Dunn,J. (2000). Hedonism or empathy?: Hard-to-manage children's moral awareness and links with cognitive and maternal characteristics. In: **British Journal of Developmental Psychology**. V. 18, p. 227-245.
- Hutz, C.S.(2002). **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência**. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Jassens, J.M.A .& Dekovic, M.(1997). Child rearing, prosocial moral reasoning, and prosocial behavior. **International Journal of Behavioral Development**, 20(3).
- Julien, P. (2000). O Phatos e o discurso psicanalítico. Conferência apresentada no congresso internacional de ética e cidadania. Curitiba, novembro.
- Kaplan, H.I.; Sadock, B.J.; Grebb, J.A .(2002). **Compêndio de Psiquiatria**. Rio Grande do Sul: Artes Medicas.
- Kassatoki, K. (2000). Undertanding fatherhood in Greece: father's involvement in chid care. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 16(3), 213-219.
- Kellerman, J. (2002). **Filhos selvagens- reflexões sobre crianças violentas**. Rio de Janeiro: Racco.
- Kim, J.E.; Hetherington, E.M.; Reiss, D.(1999). Associations among family relationships, antisocial peers and adolescents externalizing behaviors: gender and family type differences. **Child development**, v.70 (5), p.1209-1230.
- Koller, S.H.(2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. **Revista Estudos de psicologia**, 5(1).

- Krevans, J. & Gibbs, J.(1996). Parents use of inductive discipline: relations to children's empathy and prosocial behavior. In: **Child development**, v.67, p.3263-3277.
- Lazarus, R.S.; Folkman, S.(1984). **Stress, appraisal and coping**. New York: Springer.
- Leite, S.M.C.S. (2001). Transtornos da ansiedade: estratégias de intervenção. Em: Wielenska, R.C. (org) **Sobre comportamento e cognição**, vol 6, Santo André: Esetec.
- Levi-Strauss (1976). **As estruturas elementares do parentesco**. São Paulo: Edusp.
- Levi-Strauss, C. (1986). **O olhar distanciado**. Edições 70.
- Lispector, C.(1998). **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lipp, M.È.N. (1997). Qualidade de vida e sobrevivência: modelo de tratamento comportamental do stress. Em: Zamignani, D.R. (org). **Sobre comportamento e cognição**. Santo André/SP: Esetec.
- Lipp, M.E.N. (1998). **Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp (ISSL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Loos, H. & Ferreira, S.P.A .& Vasconcelos, F.C.(1999). Julgamento moral: estudo comparativo entre crianças institucionalizadas e crianças de comunidade de baixa renda com relação à emergência do sentimento de culpa. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. V. 12, no 1, Porto Alegre.
- Lordelo, E.R.; Fonseca, AL.; Araujo, M.L.V.B.(2000). Responsividade do ambiente De desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. **Revista Reflexão e Crítica**, 13(1), 73-80.
- Lundin, R.W. (1972). **Personalidade: uma análise do comportamento**. São Paulo: Herder – Usp.
- Maccoby, E.E. & Martin, J.A .(1983). Socialization in the context of the family: Parental-child interaction. IN: P.H.Mussen (org). **Handbook of child Psychology**, v. 4, New York: Wiley.
- Mackey,W.C. (1996). **The American Father: biocultural and developmental aspects**. New York: Plenum.
- Malagris, L.E.N. & Castro, M.A .(2000). Distúrbios emocionais e elevações de stress em crianças. Em: Lipp, M.E.N. (org). **Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções**. Campinas: Papyrus.
- Maldonado. M.H. (1986). **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir**. Petrópolis: Vozes.

- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (1995). DSM-IV. Porto Alegre: Artes médicas.
- Masten, A .S.; Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. In: B.Lahey (org.), **Advances en clinical child psychology**. New York: Plenum Press, 8,p.1-52.
- Marturano, E.M.; Linhares, M.B.M.; Parreira, V.L.C (1993). Problemas Emocionais e Comportamentais Associados a Dificuldades na Aprendizagem Escolar. **Medicina Ribeirão Preto**, 26(2), p.161-175.
- Mattews, K.A .; Woodall, K.L.; (1996). Negative family environment as a predictor of boy's future status on measures of hostile attitudes, interview behavior, and anger expression. **Health Psychology**. Vol 15(1), p.30-37.
- McCullough,P.G. & Rutenberg,S.(1995). Lançando os filhos e seguindo em frente. In: Carter & Mcgoldrick (org). **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mead, M.(1979). **Sexo e temperamento** (2ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Mello, S.L. (2002). Família, uma incógnita familiar. Em: Agostinho, M.L.A . & Sanchez, T.M. (orgs). **Família: conflitos, reflexões e intervenções**. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Menegatti, C.L.(2002). **Estilos parentais e depressão infantil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Meneghel, S.N.; Giugliani, E.; Falceto, O. (1998). Ações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. **Caderno de Saúde Pública**, vol 14, no. 2, p.327-335.
- Montagu, A . (1978). **A natureza da agressividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moraes, M.C.L.; Rabinovich, E.P.(1996). Resiliência: uma discussão introdutória. **Revista brasileira de desenvolvimento humano**, 6(1/2),10-13.
- Minuchin, S. (1990). **Famílias: Funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mussen, P.H.; Conger, J.J.; & Kagan, J. (1974). **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra.
- Nurco, D.N. & Lerner, M.(1996). Vulnerability to Narcotic Addiction: Family Structure and Functioning. In: **Journal of Drug Issues**. 26(4), p. 1007-1025.
- Oldershaw, L. Walters, G.C. & Hall, D.K.(1986). Control Strategies and Noncompliance in Abusive Mother-cChild Dyads: on observational study. In: **Child Development**, v.57,p. 722-732.

- Oliveira, E.A .; Marin, A .H.; Pires, F.B.; Frizzo, G.B.; Ravello, T.; Rossato, C.(2002). Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e Comportamentos de Externalização e Internalização. In: **Psicologia Reflexão e Crítica**, v.15, no 1, p.1-11.
- Otta, E.& Bussab, V.S.R.(1991). Comportamento humano: origens evolutivas. **Anais do III Encontro Paranaense de Psicologia**. Curitiba: CRP-08, p.34-31.
- Otta, E. & Bussab, V.S.R. (1998). **Vai encarar? Lidando com a agressividade**. São Paulo: Editora Moderna
- Pacheco, J.T.B.; Teixeira, M.A .P. & Gomes, W.B.(1999). Estilos Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Adolescência. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**. V. 15, no 2, p. 117-126. Porto Alegre: UFRS.
- Parke, R.D.; Ornstein, P.A .; Rieser, J.J. & Zhan-Wayler, C. (1994). **A Century of developmental psychology**. Washington: APA.
- Patterson, G.R.; Reid, J.B. & Dishion, T.J. (1992). **Antisocial Boys**. USA, Castalia Publishing Company.
- Patterson, J.; Pryor, J. & Field, J. (1995). Adolescent Atachment to Parents and Friends in Relation to Aspects of Self-Esteem. In: **Journal of Youth and Adolescence**. Vol 24, no. 3, p. 365-376.
- Patterson, G.(2002). The early developmental of coersive family process. In: J.B. Reid; G.R. Patterson. **Antisocial behavior in children and adolescents**. Washington: APA.
- Pereira, A .M.S.(2001). Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. Em Tavares(org.) **Resiliência e educação** (p.77-94). São Paulo: Cortez.
- Pettit, G.S. & Bates, J.E. (1989). Family interaction paterns and children's behavior problems from infancy to 4 years. **Developmental Psychology**, 25, 413-420.
- Pettit, G.; Laird, R.D.; Dodge, K.A .; Bates, J. & Criss, M. (2001). Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. **Child Development**, 72, 583-598.
- Putallaz, M. & Heflin, A .R. (1995). Parent Child Interaction. In: S.R.Asher & J.D. Coie. **Perr Rejection in Childhood**. P. 189-216. Cambridge: USA.
- Putallaz, M.; Constanzo, P.R.; Grimes, C.L.; & Sherman, D.M.(1998). Intergenerational continuities and their influences on children's social. **Social Developmet**, 7, p.389-437.

- Ralha-Simões, H.(2001). Resiliência e desenvolvimento pessoal. Em J.Tavares(org.), **Resiliência e educação** (p.95-114). São Paulo: Cortez.
- Reid, J.B. & Patterson, G.R. (1989). The development of antisocial behavior patterns in childhood and adolescence: Personality and aggression (Special issue). **European Journal of Personality**, 3, 107-119.
- Reppold, C.T.; Pacheco, J.; Bardagi, M. & Hutz, C.S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em Hutz, S.C. **Situações de Risco e Vulnerabilidade na Infância e na Adolescência: aspectos teóricos e estratégia de intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda.
- Resende, A .L.M. & Alonso, I.L.K. (1995). O perfil do pai cuidador. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, 5(1/2), p. 66-81.
- Revista Época. Número 258, 2003.
- Revista Isto é. Número 1769, 2003.
- Revista Veja. Edição 1778, 2002.
- Rodrigues,M.M.P.(1998). Evolução do investimento parental em primatas: o caso do homo sapiens. In: L.de Souza; M.F.Q.Freitas & M.M.P. Rodrigues (org). **Psicologia: reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Roudinesco,E.(2003). **A Família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rousseau, J.J.(1757/1999). **Emílio ou da educação** (2ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Rutter, M.(1987). Resilience: some conceptual considerations. **Journal of adolescent health**, 14, p.626-631.
- Rutter, M.(1996). Stress reserch: accomplishments and tasks ahead. In: R.J.Haggerty. **Stress, risk and resilience in children and adolescents**. New York: Cambridge University Press.
- Sabagg, G.M.(2003). **Validação Externa do Inventário de Estilos Parentais: um estudo de caso com duas famílias de risco**. Monografia de conclusão de curso de psicologia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Saltztein,H.D.(1994). The relation between moral judgement and behavior: A social cognitive and decision making analisys. In: **Human Development**, v.37,p.299-312.
- Sâmara, E.M. (2002). O que mudou na família brasileira: da colônia à atualidade. **Revista Psicologia da USP**, 13(2).
- Santos, R.L.A .; Adorno, R.C.F.(2002). Um ensaio sobre família(s) e suas intersecções. M.L.Agostinho & T.M.Sanches (org). In: **Familia: conflitos, reflexões e intervenções**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Selye, H.(1965). **Stress: a tensão da vida**. São Paulo: IBRASA.
- Selye, H. (1974). **Stress without distress**. New York: McGraw-Hill.
- Skinner, B.F.(1987). **Upon further reflection**. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Simons, R.L.; Wu, C.; Lin K.; Gordon, L. & Conger, R. (2000). A cross-cultural examination of the link between corporal punishment and adolescent antisocial behavior. **Criminology**, 38, 47-80.
- Socolar, R.R.S.; Winson, J.; Hunter, W.M.; Catellier, D. & Kotch, J.B. (1999). Maternal disciplinary practices in a at risc population. In: **Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine**. V. 153, p. 927. Chicago.
- Somer, E.; Braunstein, A .(1999). Are children exposed to interparental violence being psychologically maltreated? **Agression and Violent Behavior**, v 4, issue 4, p.449-456.
- Souza, A .M.(1985). **A Família e seu espaço**. São Paulo: Agir editora.
- Souza, R.M.(2000). Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, no 3.
- Sonawat, R. (2001). Understanding families in Índia: a reflection of societal changes. **Revista Psicologia: teoria e Pesquisa**, 17(2), 177-186).
- Spitz, R.A .(1988). **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes.
- Stattin, H.; Kerr, M. (2000). Parental Monitoring: A Reinterpretation. **Child Development**, 71, 1072-1085.
- Strauss, M.A .(1994). **Beating the devil out of then: corporal punishment in American families**. New York: Lexington books.
- Strauss, M.A.; Sugarman, D.B. & Sims, J. (1997). Spanking by Parents and Subsequent Antisocial Behavior of Children. In: **Arch Pediatr Adolesc Med**. V.151, p. 761-767.
- Taris, T.W.; Semin, G.R.; Bok, I.A . (1998). The effect of quality de family interaction and intergenerational transmisson of values on sexual permissiveness. **Journal of genetic psychology**, June, v159 n2 p.237 (14).
- Tavares, J.(2001). A resiliência na sociedade emergente. Em J.Tavares(org.), **Resiliência e educação** (p.43-76). São Paulo: Cortez.
- Trindade, Z.A.; Menandro, M.C.S.(2002). Pais Adolescentes: vivência e significação. **Estudos de Psicologia**, v.7, no 1, Natal.

- Trindade, Z.A .; Andrade, C.A .; Souza, J.Q.(1997). Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai. **Psico**, 28(1),p.207-222.
- Trindade, Z.A .(1998).Concepções de maternidade e paternidade: o convívio atual com fantasmas do século XVIII. In: L.de Souza, M.F.Q. de Freitas & M.M.P.Rodrigues (orgs). **Psicologia: Reflexões (IM)Pertinentes**, p.129-155. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trivelato, M.C.; Marturano, E.M. (1999). Crianças com Problemas de Comportamento Associados a Dificuldade de Aprendizagem: um estudo do ambiente familiar. In: Sociedade Bras. De Psicologia (org), **XXIX Reunião Anual de Psicologia**. Resumos (p.178-179). Campinas.
- Trombeta, L.H.; Guzzo, R.S.L.(2002). **Enfrentando o cotidiano adverso. Estudo sobre resiliência em adolescentes**. Campinas: Alínea.
- Vuchinich, S.; Bank, L.;Patterson, G.R.(1992). Parenting, peers and the stability of antisocial behavior in preadolescent boys. **Developmental Psychology**, v. 28, no 3, p.510-521.
- Wagner, A .;Ferreira,V.S.; Rodrigues, M.I.M. (1998). Estratégias educativas: uma perspectiva entre pais e filhos. **Psicologia Argumento**, ano xvi, no. xxiii.
- Wagner, A.; Ribeiro, L.S.; Arteché, A.X.; Bornhold, E.A. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Revista Reflexão e Crítica**, 12(1).
- Whitbeck, L.B.; Hoyt, D.R.; Simons, R.L; Conger, R.D.; Lorenz, F.O (1992). Intergenerational continuity of parental and depressed affect. **Journal of Personality and Social Psychology**. P.1036-1045.
- Winnicott, D.W.(2002). **Os bebês e suas mães** (2 ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Wood, J.J.; McLeod, B.D.; Sigman, M.; Hwang, W.C.; Cho, B.C. (2003). Parenting and childhood. Anxiety: theory, empirical findings and future directions. **Journal of childhood psychology and psychiatry**. 44 (1), p.135.
- Wright, J.P. & Cullen, F.T. (2001). Parental Efficacy and delinquent behavior: Do control and support matter? **Criminology**, 39, 677-705.
- Yunes, M.A .M.; Szymanski, H.(2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em J.Tavares(org.), **Resiliência e educação** (p.13-42).
- Yunes, M.A .M.(2001). **A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda**. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Yunes, M.A .M.(2002, setembro). **Resiliência: O foco no indivíduo e na família**. Trabalho apresentado no I Congresso Brasileiro de Psicologia, São Paulo, Brasil.

Zhan-Waxler, C.Z. & Yarrow, M.R. (1990). Child Rearing and Children's Prosocial Initiations Toward Victims of Distress. In: **Child Development**. V.30, p. 319-330.

## **ANEXOS**

**O objetivo deste instrumento é de estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranqüilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas abaixo, aquelas que mais refletem a forma como **sua mãe** o (a) educa. Obrigada pela colaboração.**

**Identificação**

<b>Iniciais:</b> _____	<b>idade:</b> _____
<b>Escolaridade:</b> _____	<b>sexo:</b> _____

Responda a tabela abaixo informando a freqüência com que sua mãe age naquelas situações. Se uma destas situações nunca ocorreu responda como se tivesse ocorrido, considerando seu possível comportamento.

Faça um X no quadradinho que melhor indica a freqüência com que sua mãe age naquelas situações, utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

**NUNCA:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma de 0 a 2 vezes.

**ÀS VEZES:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma de 3 a 7 vezes.

**SEMPRE:** se, considerando 10 episódios, ela agiu daquela forma de 8 a 10 vezes.

De 10 Episódios	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
1. Quando saio ela sabe aonde eu vou.			
2. Quando faço algo errado, o rigor da punição de minha mãe, depende de seu humor.			
3. O trabalho de minha mãe atrapalha sua atenção para comigo.			
4. Admiro os valores morais de minha mãe (sua honestidade, senso de justiça, preocupação com direitos humanos, etc)			
5. Ela ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.			
6. Ela critica qualquer coisa que eu faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7. Ela me bate com cinta ou outros objetos.			
8. Ela pergunta como foi meu dia na escola			
9. Quando ela está alegre não se importa com as coisas erradas que eu faça.			
10. Sinto dificuldade em contar meus problemas para ela, pois vive ocupada.			
11. Ela demonstra, com atitudes e exemplos, o que está certo ou errado.			
12. Quando ela me castiga, peço para sair do castigo, e após um pouco de insistência, ela deixa.			
13. Quando saio, ela telefona atrás de mim muitas vezes.			
14. Tenho muito medo de apanhar dela.			
15. Quando estou triste ou aborrecido (a), ela se interessa em me ajudar a resolver o problema.			
16. Ela me castiga quando está nervosa; assim que passa a raiva, pede desculpas.			
17. Fico sozinho (a) em casa a maior parte do dia.			

De 10 Episódios	8 a 10	3 a 7	0 a 2
	Sempre	Às vezes	Nunca
18. Ela conversa comigo sobre os bons comportamentos dos adolescentes, como estudar, ter uma profissão, respeitar a família, etc.			
19. Durante uma briga, xingo ou grito com ela e, então, ela me deixa em paz.			
20. Ela controla com quem falo ou saio.			
21. Fico machucado (a) quando ela me bate.			
22. Mesmo quando está ocupada ou viajando, me telefona para saber como estou.			
23. Quando está nervosa acaba descontando em mim.			
24. Sinto que ela não me dá atenção.			
25. Ela desaprova claramente os maus comportamentos de adolescentes como o uso de drogas, sexo inseguro ou abandono da escola.			
26. Quando ela me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e não obedeco, ela “deixa pra lá”.			
27. Especialmente nas horas das refeições, ela fica dando as “brincas”.			
28. Sinto ódio de minha mãe quando ela me bate.			
29. Após uma festa ela quer saber se me diverti.			
30. Ela é mau-humorada.			
31. Ela ignora do que eu gosto.			
32. Ela conversa comigo sobre a moral dos filmes e dos programas de TV.			
33. Ela avisa que não vai me dar um presente caso não estude ou não execute uma tarefa, mas, na hora “H”, ela fica com pena e dá o presente.			
34. Se vou a uma festa ela somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus-elementos.			

	<b>De 10 Episódios</b>	<b>8 a 10</b>	<b>3 a 7</b>	<b>0 a 2</b>
		<b>Sempre</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Nunca</b>
35. Ela é agressiva comigo.				
36. Ela me acompanha ou me leva em compromissos da escola ou de lazer.				
37. O mau humor dela, impede que eu saia com amigos.				
38. Ela ignora meus problemas.				
39. Sua mãe tem orgulho, valoriza seu trabalho (o trabalho dela).				
40. Fico muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, e, percebo, que isto amedronta minha mãe.				
41. Se estou aborrecido (a) ela fica insistindo para saber o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.				
42. Ela é violenta.				

**Muito obrigado**

## Folha de Resposta: Mãe

N=

2 = SEMPRE

1 = ÀS VEZES

0 = NUNCA

VARIÁVEIS	QUESTÕES						Σ
A. monitoria positiva	1	8	15	22	29	36	A
B. punição inconsistente	2	9	16	23	30	37	B
C. negligência	3	10	17	24	31	38	C
D. comportamento moral	4	11	18	25	32	39	D
E. disciplina relaxada	5	12	19	26	33	40	E
F. monitoria negativa	6	13	20	27	34	41	F
G. abuso físico	7	14	21	28	35	42	G

**Índice de Estilo Parental = ( A + D ) - ( B + C + E + F + G )**

## FOLHA DE RESPOSTA: PAI

N=

2 = SEMPRE

1 = ÀS VEZES

0 = NUNCA

VARIÁVEIS	QUESTÕES						Σ
A. monitoria positiva	1	8	15	22	29	36	A
B. punição inconsistente	2	9	16	23	30	37	B
C. negligência	3	10	17	24	31	38	C
D. comportamento moral	4	11	18	25	32	39	D
E. disciplina relaxada	5	12	19	26	33	40	E
F. monitoria negativa	6	13	20	27	34	41	F
G. abuso físico	7	14	21	28	35	42	G

**Índice de Estilo Parental = ( A + D ) - ( B + C + E + F + G )**

**O objetivo deste instrumento é de estudar a maneira utilizada pelos pais na educação de seus filhos. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranqüilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha, entre as alternativas abaixo, aquelas que mais refletem a forma como seu pai o (a) educa. Obrigada pela colaboração.**

**Identificação**

Iniciais: \_\_\_\_\_ idade: \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_ sexo: \_\_\_\_\_

Responda a tabela abaixo informando a freqüência com que seu PAI age naquelas situações. Se uma destas situações nunca ocorreu responda como se tivesse ocorrido, considerando seu possível comportamento.

Faça um X no quadradinho que melhor indica a freqüência com que seu Pai age naquelas situações, utilize a legenda de acordo com o seguinte critério:

**NUNCA:** se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma de 0 a 2 vezes.

**ÀS VEZES :** se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma de 3 a 7 vezes.

**SEMPRE:** se, considerando 10 episódios, ele agiu daquela forma de 8 a 10 vezes.

	<b>De 10 Episódios</b>	<b>8 a 10</b>	<b>3 a 7</b>	<b>0 a 2</b>
		<b>Sempre</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Nunca</b>
1.	Quando saio ela sabe aonde eu vou.			
2.	Quando faço algo errado, o rigor da punição de minha mãe, depende de seu humor.			
3.	O trabalho de minha mãe atrapalha sua atenção para comigo.			
4.	Admiro os valores morais de minha mãe (sua honestidade, senso de justiça, preocupação com direitos humanos, etc)			
5.	Ela ameaça que vai me bater ou castigar e depois nada acontece.			
6.	Ela critica qualquer coisa que eu faça, como o quarto estar desarrumado ou estar com os cabelos despenteados.			
7.	Ela me bate com cinta ou outros objetos.			
8.	Ela pergunta como foi meu dia na escola			
9.	Quando ela está alegre não se importa com as coisas erradas que eu faça.			
10.	Sinto dificuldade em contar meus problemas para ela, pois vive ocupada.			
11.	Ela demonstra, com atitudes e exemplos, o que está certo ou errado.			
12.	Quando ela me castiga, peço para sair do castigo, e após um pouco de insistência, ela deixa.			
13.	Quando saio, ela telefona atrás de mim muitas vezes.			
14.	Tenho muito medo de apanhar dela.			
15.	Quando estou triste ou aborrecido (a), ela se interessa em me ajudar a resolver o problema.			
16.	Ela me castiga quando está nervosa; assim que passa a raiva, pede desculpas.			
17.	Fico sozinho (a) em casa a maior parte do dia.			

	<b>De 10 Episódios</b>	<b>8 a 10</b>	<b>3 a 7</b>	<b>0 a 2</b>
		<b>Sempre</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Nunca</b>
18.	Ela conversa comigo sobre os bons comportamentos dos adolescentes, como estudar, ter uma profissão, respeitar a família, etc.			
19.	Durante uma briga, xingo ou grito com ela e, então, ela me deixa em paz.			
20.	Ela controla com quem falo ou saio.			
21.	Fico machucado (a) quando ela me bate.			
22.	Mesmo quando está ocupada ou viajando, me telefona para saber como estou.			
23.	Quando está nervosa acaba descontando em mim.			
24.	Sinto que ela não me dá atenção.			
25.	Ela desaprova claramente os maus comportamentos de adolescentes como o uso de drogas, sexo inseguro ou abandono da escola.			
26.	Quando ela me manda estudar, arrumar o quarto ou voltar para casa, e não obedeco, ela “deixa pra lá”.			
27.	Especialmente nas horas das refeições, ela fica dando as “brincas”.			
28.	Sinto ódio de minha mãe quando ela me bate.			
29.	Após uma festa ela quer saber se me diverti.			
30.	Ela é mau-humorada.			
31.	Ela ignora do que eu gosto.			
32.	Ela conversa comigo sobre a moral dos filmes e dos programas de TV.			
33.	Ela avisa que não vai me dar um presente caso não estude ou não execute uma tarefa, mas, na hora “H”, ela fica com pena e dá o presente.			
34.	Se vou a uma festa ela somente quer saber se bebi, se fumei ou se estava com aquele grupo de maus-elementos.			

	<b>De 10 Episódios</b>	<b>8 a 10</b>	<b>3 a 7</b>	<b>0 a 2</b>
		<b>Sempre</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Nunca</b>
35. Ela é agressiva comigo.				
36. Ela me acompanha ou me leva em compromissos da escola ou de lazer.				
37. O mau humor dela, impede que eu saia com amigos.				
38. Ela ignora meus problemas.				
39. Sua mãe tem orgulho, valoriza seu trabalho (o trabalho dela).				
40. Fico muito nervoso (a) em uma discussão ou briga, e, percebo, que isto amedronta minha mãe.				
41. Se estou aborrecido (a) ela fica insistindo para saber o que aconteceu, mesmo que eu não queira contar.				
42. Ela é violenta.				

**Muito obrigado**

## CHECKLIST

Aluno (a):

Data:

Professor (a):

COMPORTAMENTO	SEMPRE	RARAMENTE	NUNCA
1. É gentil com os colegas			
2. Faz as tarefas escolares			
3. É cooperativo com os professores e colegas			
4. Presta atenção às aulas			
5. É confiável			
6. É convidado pelos colegas para participar de atividades de grupo			
7. Pratica esportes na escola			
8. É bem-humorado, agradável e estimado pelos colegas			
9. É assíduo às aulas			
10. Participa das aulas			
11. É educado			
12. Tira boas notas			
13. Os pais comparecem a escola quando são chamados			
14. Respeita os sentimentos dos outros			
15. Compartilha seus objetos pessoais			

COMPORTAMENTO	SEMPRE	RARAMENTE	NUNCA
1. Briga com os colegas			
2. É raivoso (tem crises de raiva)			
3. Aborrece-se com facilidade			
4. Muda rapidamente de humor (alegre/triste)			
5. Perturba as aulas e os colegas			
6. Diz palavrões em sala de aula			
7. Diz mentiras			
8. É teimoso, mau-humorado ou irritável			
9. Gazeia aulas			
10. Anda com colegas que se metem em brigas			
11. É impulsivo ou age sem pensar			
12. Recusa-se a cumprir as ordens do professor (a)			
13. Comete atos de vandalismo			
14. Usa álcool ou drogas			
15. Pega objetos de terceiros sem autorização			

## **ENTREVISTA**

Iniciais:

Idade:

Sexo:

- 1) Qual sua profissão e escolaridade?
- 2) Teve perdas recentes financeiras ou emocionais?
- 3) Como você define maternidade?
- 4) Como você define paternidade?
- 5) Como você define uma família?

### **Perguntas sobre as práticas educativas:**

#### **Punição inconsistente**

- 1) Diga-me um combinado do cotidiano que seja muito importante que seu filho cumpra?
- 2) Ele não cumpriu e você está muito chateada ou cansada, como você reage ao erro dele?  
Qual é o castigo?
- 3) Agora, ao contrário, você está num período de muita satisfação, como você reage à mesma situação?
- 4) Dependendo do dia você pode bater, brigar ou não fazer nada diante de uma indisciplina ou aporrinhção do seu filho?
- 5) Seu filho percebe quando você está triste ou alegre? Como?
- 6) Depois que passa sua raiva e você puniu com castigo, como você reage? (agrada, pede desculpas, mantém o castigo,...)
- 7) Você percebe quando seu filho está alegre ou triste? Como?
- 8) Você acha que seu filho tem dificuldades para diferenciar os comportamentos corretos dos incorretos?

#### **Disciplina relaxada**

- 1) Quando você coloca seu filho de castigo, ele reage? O que você faz?
- 2) Se seu filho choramingar, chantagear ou ameaçar você deixa ele sair do castigo? Descreva um exemplo.
- 3) Quando criança seu filho batia ou brigava com outras crianças? Não gostava de emprestar os brinquedos? O que você fazia?

- 4) Foi difícil criá-lo? Por que?
- 5) Você estabelece regras para sair, estudar e comportamentos? Se ele não cumprir, você deixa ele fazer como quiser?
- 6) Na última semana quantas vezes ele descumpriu um combinado? Qual foi o castigo? Você o liberou do castigo? Por que?
- 7) Como forma de castigo, alguma vez você ameaçou deixá-lo sem algo de que ele gosta? (tv, computador, telefone,...).
- 8) Seu filho se envolveu ou se envolve com companhias que a preocupam? Por que?

### **Monitoria negativa**

- 1) Você acha que seu filho presta atenção ao que você diz? Por que isso acontece?
- 2) É necessário que você repita várias vezes alguma ordem para que seu filho cumpra? Quantas vezes?
- 3) Após você pedir algo ao seu filho, você verifica se ele cumpriu? Com que frequência?
- 4) Seu filho diz que vai cumprir com um combinado e não faz?
- 5) Quando ele sai, você fica imaginando com quem ele possa estar? Você confia nele?
- 6) Você sente como se todo o seu esforço para educar bem o seu filho não fosse reconhecido?
- 7) Se seu filho está triste ou aborrecido, o que você faz para saber o que aconteceu?

### **Negligência.**

- 1) Cite três necessidades afetivas e três materiais do seu filho.
- 2) Qual é o tipo de música, filme e programa de tv preferido dele?
- 3) Qual é a roupa, comida e lazer preferido?
- 4) Como é o temperamento dele?
- 5) Atualmente seu filho está feliz ou triste? Como você sabe?
- 6) Quando foi a última vez que conversaram? Qual foi o assunto?

### **Abuso físico**

- 1) Para você qual é a diferença entre palmadas, surras, castigo físico e castigo moral?
- 2) Você adotou alguma delas para educar o seu filho (a) ? Quando foi a última vez?
- 3) Você fez algum tipo de ameaça para ele? Como ele reagiu?

- 4) Você acha que seu filho tem medo de apanhar? Por que?
- 5) Quando vocês brigam, quem vem procurar primeiro? O que é dito?
- 6) Seu filho é agressivo verbal ou fisicamente? Relate um exemplo.
- 7) Seu filho já se envolveu com drogas ou álcool? O que você fez?

#### **Monitoria positiva.**

- 1) Você ajuda seu filho(a) nas atividades escolares? Como?
- 2) Se seu filho(a) estiver com algum problema ou conflito, como você o ajuda?
- 3) Quando seu filho sai com os amigos você se interessa por saber onde ele vai, com quem e quando volta?
- 4) Você conhece os amigos do seu filho? Qual sua opinião sobre eles?
- 5) Como você faz para afastá-lo das más companhias?
- 6) Após seu filho voltar de uma festa/ shopping/ lazer que tipo de perguntas faz para ele?
- 7) Você vai aos compromissos da escola? Por que?
- 8) Na última semana, quantas vezes vocês conversaram? Sobre o que? Como foi?

#### **Comportamento moral.**

- 1) Como seu filho reage quando ele presencia uma situação de injustiça ou desonestidade?
- 2) Qual foi o último comportamento do seu filho que você achou inadequado? Como você agiu?
- 3) Quando vc fica sabendo que seu filho (a/b/c) como reage? O que você faz?
  - a. colou na prova;
  - b. brigou na escola;
  - c. pixou muro ou lesou alguém;
- 4) Quando há campanha beneficente (na escola, ou pela tv), vocês participam? Como?
- 5) Você acha que seu filho o considera um modelo para ele? Por que?
- 6) O que você acha do ditado: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço?



Data: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

O questionário consiste em 21 grupos de afirmações. Depois de ler cuidadosamente cada grupo, faça um círculo em torno do número (0, 1, 2 ou 3) próximo à afirmação, em cada grupo, que descreve melhor a maneira que você tem se sentido na última semana, incluindo hoje. Se várias afirmações num grupo parecerem se aplicar igualmente bem, faça um círculo em torno de uma. Tome o cuidado de ler todas as afirmações, em cada grupo, antes de fazer a sua escolha.

- 0 Não me sinto triste.
- 1 Eu me sinto triste.
- 2 Estou sempre triste e não consigo sair disto.
- 3 Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar.

- 0 Não estou especialmente desanimado quanto ao futuro.
- 1 Eu me sinto desanimado quanto ao futuro.
- 2 Acho que nada tenho a esperar.
- 3 Acho o futuro sem esperança e tenho a impressão de que as coisas não podem melhorar.

- 0 Não me sinto um fracasso.
- 1 Acho que fracassei mais do que uma pessoa comum.
- 2 Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos.
- 3 Acho que, como pessoa, sou um completo fracasso.

- 0 Tenho tanto prazer em tudo como antes.
- 1 Não sinto mais prazer nas coisas como antes.
- 2 Não encontro um prazer real em mais nada.
- 3 Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo.

- 0 Não me sinto especialmente culpado.
- 1 Eu me sinto culpado grande parte do tempo.
- 2 Eu me sinto culpado na maior parte do tempo.
- 3 Eu me sinto sempre culpado.

- 0 Não acho que esteja sendo punido.
- 1 Acho que posso ser punido.
- 2 Creio que vou ser punido.
- 3 Acho que estou sendo punido.

- 0 Não me sinto decepcionado comigo mesmo.
- 1 Estou decepcionado comigo mesmo.
- 2 Estou enojado de mim.
- 3 Eu me odeio.

- 8 0 Não me sinto de qualquer modo pior que os outros.
- 1 Sou crítico em relação a mim por minhas fraquezas ou erros.
- 2 Eu me culpo sempre por minhas falhas.
- 3 Eu me culpo por tudo de mal que acontece.

- 9 0 Não tenho quaisquer idéias de me matar.
- 1 Tenho idéias de me matar, mas não as executaria.
- 2 Gostaria de me matar.
- 3 Eu me mataria se tivesse oportunidade.

- 10 0 Não choro mais que o habitual.
- 1 Choro mais agora do que costumava.
- 2 Agora, choro o tempo todo.
- 3 Costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo, mesmo que o queira.

- 11 0 Não sou mais irritado agora do que já fui.
- 1 Fico aborrecido ou irritado mais facilmente do que costumava.
- 2 Agora, eu me sinto irritado o tempo todo.
- 3 Não me irrita mais com coisas que costumavam me irritar.

- 12 0 Não perdi o interesse pelas outras pessoas.
- 1 Estou menos interessado pelas outras pessoas do que costumava estar.
- 2 Perdi a maior parte do meu interesse pelas outras pessoas.
- 3 Perdi todo o interesse pelas outras pessoas.

- 13 0 Tomo decisões tão bem quanto antes.
- 1 Adio as tomadas de decisões mais do que costumava.
- 2 Tenho mais dificuldades de tomar decisões do que antes.
- 3 Absolutamente não consigo mais tomar decisões.

Subtotal da Página 1

**CONTINUAÇÃO NO VERSO**

Reproduzido e adaptado por permissão de The Psychological Corporation, U.S.A. Direitos reservados ©1991, a Aaron T. Beck. Tradução para a língua portuguesa. Direitos reservados ©1993 a Aaron T. Beck. Todos os direitos reservados.

Tradução e adaptação brasileira, 2001, Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda. Este é um logotipo da Psychological Corporation.

- 0 Não acho que de qualquer modo pareço pior do que antes.
- 1 Estou preocupado em estar parecendo velho ou sem atrativo.
- 2 Acho que há mudanças permanentes na minha aparência, que me fazem parecer sem atrativo.
- 3 Acredito que pareço feio.
- 0 Posso trabalhar tão bem quanto antes.
- 1 É preciso algum esforço extra para fazer alguma coisa.
- 2 Tenho que me esforçar muito para fazer alguma coisa.
- 3 Não consigo mais fazer qualquer trabalho.
- 0 Consigo dormir tão bem como o habitual.
- 1 Não durmo tão bem como costumava.
- 2 Acordo 1 a 2 horas mais cedo do que habitualmente e acho difícil voltar a dormir.
- 3 Acordo várias horas mais cedo do que costumava e não consigo voltar a dormir.
- 0 Não fico mais cansado do que o habitual.
- 1 Fico cansado mais facilmente do que costumava.
- 2 Fico cansado em fazer qualquer coisa.
- 3 Estou cansado demais para fazer qualquer coisa.
- 0 O meu apetite não está pior do que o habitual.
- 1 Meu apetite não é tão bom como costumava ser.
- 2 Meu apetite é muito pior agora.
- 3 Absolutamente não tenho mais apetite.

- 19** 0 Não tenho perdido muito peso se é que perdi algum recentemente.
- 1 Perdi mais do que 2 quilos e meio.
- 2 Perdi mais do que 5 quilos.
- 3 Perdi mais do que 7 quilos.

Estou tentando perder peso de propósito, comendo menos: Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

- 20** 0 Não estou mais preocupado com a minha saúde do que o habitual.
- 1 Estou preocupado com problemas físicos, tais como dores, indisposição do estômago ou constipação.
- 2 Estou muito preocupado com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa.
- 3 Estou tão preocupado com meus problemas físicos que não consigo pensar em qualquer outra coisa.
- 21** 0 Não notei qualquer mudança recente no meu interesse por sexo.
- 1 Estou menos interessado por sexo do que costumava.
- 2 Estou muito menos interessado por sexo agora.
- 3 Perdi completamente o interesse por sexo.

\_\_\_\_\_ Subtotal da Página 2

\_\_\_\_\_ Subtotal da Página 1

\_\_\_\_\_ Escore Total.



# QUESTIONARIO DE AUTO-AVALIAÇÃO

IDATE  
( PARTES I e II )

Nome: \_\_\_\_\_  
Idade \_\_\_\_ a \_\_\_\_ m Data do nascimento \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
Naturalidade \_\_\_\_\_ Est. Civil \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_  
Nível de instrução \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_  
Ocupação atual \_\_\_\_\_

Nº \_\_\_\_\_  
Data da Prova \_\_\_\_\_  
Apurador \_\_\_\_\_  
Examinador \_\_\_\_\_

## INSTRUÇÕES

Nas páginas seguintes há dois Questionários para você responder.

Trata-se de algumas afirmações que têm sido usadas para descrever sentimentos pessoais.  
Não há respostas certas ou erradas.

Leia com toda atenção cada uma das perguntas da Parte I e assinale com um círculo um dos números (1, 2, 3 ou 4), à direita de cada pergunta, de acordo com a Instrução do alto da página.

Quando terminar, passe para a Parte II e proceda do mesmo modo, depois de ler o seu cabeçalho.

NÃO VIRE A PÁGINA ANTES DE RECEBER ORDEM

TRABALHE RÁPIDO PORÉM SEM PRECIPITAÇÕES.

## PARTE I

Para cada pergunta e faça um círculo ao redor do número à direita da afirmação que melhor indicar como se sente agora, neste momento.

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar uma resposta que mais se aproxime de como se sente neste momento.

### AVALIAÇÃO

Muitíssimo .....4	Um pouco .....2
Bastante .....3	Absolutamente não ..1

.....into-me calmo(a) .....	1	2	3	4
.....into-me seguro(a) .....	1	2	3	4
.....estou tenso(a) .....	1	2	3	4
.....estou arrependido(a) .....	1	2	3	4
.....into-me à vontade .....	1	2	3	4
.....into-me perturbado(a) .....	1	2	3	4
.....estou preocupado(a) com possíveis infortúnios .....	1	2	3	4
.....into-me descansado(a) .....	1	2	3	4
.....into-me ansioso(a) .....	1	2	3	4
.....into-me "em casa" .....	1	2	3	4
.....into-me confiante .....	1	2	3	4
.....into-me nervoso(a) .....	1	2	3	4
.....estou agitado(a) .....	1	2	3	4
.....into-me uma pilha de nervos .....	1	2	3	4
.....estou descontraído(a) .....	1	2	3	4
.....into-me satisfeito(a) .....	1	2	3	4
.....estou preocupado(a) .....	1	2	3	4
.....into-me superexcitado(a) e confuso(a) .....	1	2	3	4
.....into-me alegre .....	1	2	3	4
.....into-me bem .....	1	2	3	4

## PARTE II

Leia cada pergunta e faça um círculo em redor do número à direita que melhor indicar como você geralmente sente.

Não gaste muito tempo numa única afirmação, mas tente dar a resposta que mais se aproximar de como você sente geralmente.

### AVALIAÇÃO

Quase sempre .....4	As vezes .....2
Freqüentemente .....3	Quase nunca .....1

Sinto-me bem .....	1	2	3	4
Canso-me facilmente .....	1	2	3	4
Tenho vontade de chorar .....	1	2	3	4
Gostaria de poder ser tão feliz quanto os outros parecem ser .....	1	2	3	4
Perco oportunidades porque não consigo tomar decisões rapidamente .....	1	2	3	4
Sinto-me descansado(a) .....	1	2	3	4
Sou calmo(a), ponderado(a) e senhor(a) de mim mesmo .....	1	2	3	4
Sinto que as dificuldades estão se acumulando de tal forma que não as consigo resolver .....	1	2	3	4
Preocupo-me demais com coisas sem importância .....	1	2	3	4
Sou feliz .....	1	2	3	4
Deixo-me afetar muito pelas coisas .....	1	2	3	4
Não tenho muita confiança em mim mesmo(a) .....	1	2	3	4
Sinto-me seguro(a) .....	1	2	3	4
Evito ter que enfrentar crises ou problemas .....	1	2	3	4
Sinto-me deprimido(a) .....	1	2	3	4
Estou satisfeito(a) .....	1	2	3	4
As vezes, idéias sem importância me entram na cabeça e ficam-me preocupando .....	1	2	3	4
Levo os desapontamentos tão a sério que não consigo tirá-los da cabeça .....	1	2	3	4
Sou uma pessoa estável .....	1	2	3	4
Fico tenso(a) e perturbado(a) quando penso em meus problemas do momento .....	1	2	3	4

**QUADRO 1a**

a) Marque com um F1 os sintomas que tem experimentado nas últimas 24 horas.

- ( ) 1. MÃOS E PÉS FRIOS
- ( ) 2. BOCA SECA
- ( ) 3. NÓ NO ESTÔMAGO
- ( ) 4. AUMENTO DE SUDORESE
- ( ) 5. TENSÃO MUSCULAR
- ( ) 6. APERTO DA MANDÍBULA/  
RANGER OS DENTES
- ( ) 7. DIARRÉIA PASSAGEIRA
- ( ) 8. INSÔNIA
- ( ) 9. TAQUICARDIA
- ( ) 10. HIPERVENTILAÇÃO
- ( ) 11. HIPERTENSÃO ARTERIAL  
SÚBITA E PASSAGEIRA
- ( ) 12. MUDANÇA DE APETITE

**QUADRO 1b**

b) Marque com um P1 os sintomas que tem experimentado nas últimas 24 horas.

- ( ) 13. AUMENTO SÚBITO DE  
MOTIVAÇÃO
- ( ) 14. ENTUSIASMO SÚBITO
- ( ) 15. VONTADE SÚBITA DE  
INICIAR NOVOS  
PROJETOS



**QUADRO 2a**

a) Marque com um F2 os sintomas que tem experimentado na última semana.

- ( ) 1. PROBLEMAS COM A MEMÓRIA
- ( ) 2. MAL-ESTAR GENERALIZADO, SEM CAUSA ESPECÍFICA
- ( ) 3. FORMIGAMENTO DAS EXTREMIDADES
- ( ) 4. SENSAÇÃO DE DESGASTE FÍSICO CONSTANTE
- ( ) 5. MUDANÇA DE APETITE
- ( ) 6. APARECIMENTO DE PROBLEMAS DERMATOLÓGICOS
- ( ) 7. HIPERTENSÃO ARTERIAL
- ( ) 8. CANSAÇO CONSTANTE
- ( ) 9. APARECIMENTO DE ÚLCERA
- ( ) 10. TONTURA/SENSAÇÃO DE ESTAR FLUTUANDO

**QUADRO 2b**

b) Marque com um P2 os sintomas que tem experimentado na última semana.

- ( ) 11. SENSIBILIDADE EMOTIVA EXCESSIVA
- ( ) 12. DÚVIDA QUANTO A SI PRÓPRIO
- ( ) 13. PENSAR CONSTANTEMENTE EM UM SÓ ASSUNTO
- ( ) 14. IRRITABILIDADE EXCESSIVA
- ( ) 15. DIMINUIÇÃO DA LIBIDO



**QUADRO 3a**

a) Marque com um F3 os sintomas que tem experimentado no último mês.

- ( ) 1. DIARRÉIA FREQUENTE
- ( ) 2. DIFICULDADES SEXUAIS
- ( ) 3. INSÔNIA
- ( ) 4. NÁUSEA
- ( ) 5. TIQUES
- ( ) 6. HIPERTENSÃO ARTERIAL CONTINUADA
- ( ) 7. PROBLEMAS DERMATOLÓGICOS PROLONGADOS
- ( ) 8. MUDANÇA EXTREMA DE APETITE
- ( ) 9. EXCESSO DE GASES
- ( ) 10. TONTURA FREQUENTE
- ( ) 11. ÚLCERA
- ( ) 12. ENFARTE

**QUADRO 3b**

b) Marque com um P3 os sintomas que tem experimentado no último mês.

- ( ) 13. IMPOSSIBILIDADE DE TRABALHAR
- ( ) 14. PESADELOS
- ( ) 15. SENSAÇÃO DE INCOMPETÊNCIA EM TODAS AS ÁREAS
- ( ) 16. VONTADE DE FUGIR DE TUDO
- ( ) 17. APATIA, DEPRESSÃO OU RAIVA PROLONGADA
- ( ) 18. CANSAÇO EXCESSIVO
- ( ) 19. PENSAR/FALAR CONSTANTEMENTE EM UM SÓ ASSUNTO
- ( ) 20. IRRITABILIDADE SEM CAUSA APARENTE
- ( ) 21. ANGÚSTIA/ANSIEDADE DIÁRIA
- ( ) 22. HIPERSENSIBILIDADE EMOTIVA
- ( ) 23. PERDA DO SENSO DE HUMOR

# INVENTÁRIO DE HABILIDADES SOCIAIS (IHS-Del-Prette)

Zilda A. P. Del Prette & Almir Del Prette

## Instruções

Leia atentamente cada um dos itens que se seguem. Cada um deles apresenta uma ação ou sentimento (parte grifada) diante de uma situação dada (parte não grifada). Avalie a frequência com que você age ou se sente tal como descrito no item.

RESPONDA A TODAS AS QUESTÕES. Se uma dessas situações nunca lhe ocorreu, responda como se tivesse ocorrido, considerando o seu possível comportamento.

NA FOLHA DE RESPOSTAS, assinale, para cada um dos itens, um X no quadrinho que melhor indica a frequência com que você apresenta a reação sugerida, considerando um total de 10 vezes em que poderia se encontrar na situação descrita no item.

Utilize a seguinte legenda:

- A. NUNCA OU RARAMENTE (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma no máximo 2 vezes)
- B. COM POUCA FREQUÊNCIA (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 3 a 4 vezes)
- C. COM REGULAR FREQUÊNCIA (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 5 a 6 vezes)
- D. MUITO FREQUENTEMENTE (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 7 a 8 vezes)
- E. SEMPRE OU QUASE SEMPRE (em cada 10 situações desse tipo, reajo dessa forma 9 a 10 vezes)

É IMPORTANTE QUE VOCÊ RESPONDA TODAS AS QUESTÕES.



1. Em um grupo de pessoas desconhecidas, fico à vontade, conversando naturalmente.
2. Quando um de meus familiares (pais, irmãos mais velhos ou cônjuge) insiste em dizer o que eu devo fazer, contrariando o que penso, acabo aceitando para evitar problemas.
3. Ao ser elogiado(a) sinceramente por alguém, respondo-lhe agradecendo
4. Em uma conversação, se uma pessoa me interrompe, solicito que aguarde até eu encerrar o que estava dizendo.
5. Quando um(a) amigo(a) a quem emprestei dinheiro, esquece de me devolver, encontro um jeito de lembrá-lo(a).
6. Quando alguém faz algo que eu acho bom, mesmo que não seja diretamente a mim, faço menção a isso, elogiando-o(a) na primeira oportunidade.
7. Ao sentir desejo de conhecer alguém a quem não fui apresentado(a), eu mesmo(a) me apresento a essa pessoa.
8. Mesmo junto a conhecidos da escola ou trabalho, encontro dificuldade em participar da conversação ("enturmar").
9. Evito fazer exposições ou palestras a pessoas desconhecidas.
10. Em minha casa, expresso sentimentos de carinho através de palavras e gestos a meus familiares.
11. Em uma sala de aula ou reunião, se o professor ou dirigente faz uma afirmação incorreta, eu exponho meu ponto de vista.
12. Se estou interessado(a) em uma pessoa para relacionamento sexual, consigo abordá-la para iniciar conversação.
13. Em meu trabalho ou em minha escola, se alguém me faz um elogio, fico encabulado(a) sem saber o que dizer.
14. Faço exposição (por exemplo, palestras) em sala de aula ou no trabalho, quando sou indicado(a).
15. Quando um familiar me critica injustamente, expresso meu aborrecimento diretamente a ele.
16. Em um grupo de pessoas conhecidas, se não concordo com a maioria, expresso verbalmente minha discordância.
17. Em uma conversação com amigos, tenho dificuldade em encerrar a minha participação, preferindo aguardar que outros o façam.
18. Quando um de meus familiares, por algum motivo, me critica, reajo de forma agressiva.
19. Mesmo encontrando-me próximo(a) de uma pessoa importante, a quem gostaria de conhecer, tenho dificuldade em abordá-la para iniciar conversação.

20. Quando estou gostando de alguém com quem venho saindo, tomo a iniciativa de expressar-lhe meus sentimentos.
21. Ao receber uma mercadoria com defeito, dirijo-me até a loja onde a comprei, exigindo a sua substituição.
22. Ao ser solicitado(a) por um(a) colega para colocar seu nome em um trabalho feito sem a sua participação, acabo aceitando mesmo achando que não devia.
23. Evito fazer perguntas a pessoas desconhecidas.
24. Tenho dificuldade em interromper uma conversa ao telefone mesmo com pessoas conhecidas.
25. Quando sou criticado de maneira direta e justa, consigo me controlar admitindo meus erros ou explicando minha posição.
26. Em campanhas de solidariedade, evito tarefas que envolvam pedir donativos ou favores a pessoa desconhecidas.
27. Se um(a) amigo(a) abusa de minha boa vontade, expresso-lhe diretamente meu desagrado.
28. Quando um de meus familiares (filhos, pais, irmãos, cônjuge) consegue alguma coisa importante pela qual se empenhou muito, eu o elogio pelo seu sucesso.
29. Na escola ou no trabalho, quando não compreendo uma explicação sobre algo que estou interessado(a), faço as perguntas que julgo necessárias ao meu esclarecimento.
30. Em uma situação de grupo, quando alguém é injustiçado, reajo em sua defesa.
31. Ao entrar em um ambiente onde estão várias pessoas desconhecidas, cumprimento-as.
32. Ao sentir que preciso de ajuda, tenho facilidade em pedi-la a alguém de meu círculo de amizades.
33. Quando meu(minha) parceiro(a) insiste em fazer sexo sem o uso da camisinha, concordo para evitar que ele(a) fique irritado(a) ou magoado(a).
34. No trabalho ou na escola, concordo em fazer as tarefas que me pedem e que não são da minha obrigação mesmo sentindo um certo abuso nesses pedidos.
35. Se estou sentindo-me bem (feliz), expresso isso para as pessoas de meu círculo de amizades.
36. Quando estou com uma pessoa que acabei de conhecer, sinto dificuldade em manter um papo interessante.
37. Se preciso pedir um favor a um(a) colega, acabo desistindo de fazê-lo.
38. Consigo "levar na esportiva" as gozações de colegas de escola ou de trabalho a meu respeito.

# INVENTÁRIO DE SINTOMAS DE STRESS PARA ADULTOS DE LIPP (ISSL)

Marilda Novaes Lipp

GRUPO  
DE APLICAÇÃO



**Quadro 1** - Assinalar com F1 ou P1, como indicado para sintomas que tenha experimentado nas últimas 24 horas.

**Quadro 2** - Assinalar com F2 ou P2, como indicado para sintomas que tenha experimentado na última semana.

**Quadro 3** - Assinalar com F3 ou P3, como indicado para sintomas que tenha experimentado no último mês.

Nome: .....

Sexo: .....

Data de nascimento: .....

Local de trabalho: .....

Função exercida: .....

Escolaridade: .....

Local e data: .....



**Casa do Psicólogo®**  
Livraria e Editora

© 2000 Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda. Reservados os direitos de publicação em língua portuguesa à Casa do Psicólogo® Livraria e Editora Ltda. Rua Alves Guimarães, 436 - 05410-000 - São Paulo - SP - Tel./fax: (11) 852-4633, e-mail: casapsi@uoi.com.br - <http://www.casapsicologo.com.br> É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação para qualquer finalidade, sem autorização por escrito dos editores. Impresso no Brasil/Printed in Brazil.